



UNIVERSIDADE CATÓLICA PORTUGUESA
FACULDADE DE TEOLOGIA
Instituto Universitário de Ciências Religiosas

MESTRADO EM CIÊNCIAS RELIGIOSAS
Especialização: Educação Moral e Religiosa Católica

RUI MANUEL BARROCO PEREIRA CALÇADA

O amor humano imagem do amor de Deus
Uma reflexão a partir da Unidade Letiva 1 do oitavo ano de
escolaridade do programa de Educação Moral e Religiosa
Católica

Relatório Final da Prática de Ensino Supervisionada
sob orientação de:
Prof. Doutora Maria Isabel Pereira Varanda

Braga
2012

ÍNDICE

ÍNDICE	3
INTRODUÇÃO	5
CAPÍTULO I – OPORTUNIDADE E DESAFIO DA EDUCAÇÃO MORAL E RELIGIOSA CATÓLICA.....	7
1. A educação na perspectiva da Igreja Católica	7
2. Identidade e desafio	9
3. O perfil do professor	12
4. Percorso pessoal como docente.....	14
5. Síntese	18
CAPÍTULO II – A PRÁTICA DE ENSINO SUPERVISIONADA NA TURMA SEIS DO OITAVO ANO DO AGRUPAMENTO DE ESCOLAS FRANCISCO SANCHES	20
1. Caraterização da Escola Básica 2/3 Francisco Sanches e da turma de estágio	20
2. «O amor humano» - unidade letiva 1 do oitavo ano de escolaridade	22
3. Análise das competências específicas propostas para a leção da Unidade Letiva 1 do oitavo ano de escolaridade.....	23
4. Planificação, leção da unidade e justificação das opções metodológicas.....	27
4.1.Aula 1 - «o amor humano»	28
4.2.Aula 2 - «a família célula da sociedade e a sexualidade como abertura à vida»	30
4.3.Aula 3 - «A fecundidade ao serviço da pessoa e da sociedade».....	32
4.4.Aula 4 - «O amor na Bíblia».....	33
4.5.Aula 5 - «Desafios para a vivência do amor»	35
5. Avaliação da unidade planificada e lecionada.....	35
6. Síntese	36
CAPÍTULO III – REFLEXÃO CRÍTICA SOBRE O TEMA DO AMOR HUMANO APRESENTADO NO PROGRAMA DA DISCIPLINA	38
1. O amor no programa para o ensino básico.....	38
2. O amor no programa para o ensino secundário.....	41
3. Virtudes e limites do programa	42
4. Reflexão sobre a proposta do manual do aluno do oitavo ano «Livres para amar».....	44
5. Síntese	46
CAPÍTULO IV – O AMOR HUMANO IMAGEM DO AMOR DE DEUS	48
1. O problema.....	48
2. O ser humano, imagem de Deus em Cristo.....	50
3. O amor a Deus e o amor ao próximo.....	52
4. O amor humano, imagem do amor de Deus	53
5. Síntese	54

CAPITULO V – O AMOR HUMANO NO PROJETO DE VIDA A DOIS.....	55
1. Namoro, um tempo privilegiado de descoberta do outro	55
2. A sexualidade, abertura à vida	57
3. Paternidade e maternidade responsáveis	57
4. Síntese	58
CONCLUSÃO	60
BIBLIOGRAFIA.....	63

INTRODUÇÃO

O presente relatório da Prática de Ensino Supervisionada (PES) tem como título e tema «o amor humano imagem do amor de Deus – uma reflexão a partir da Unidade Letiva 1 do oitavo ano de escolaridade do ensino básico do programa da disciplina de Educação Moral e Religiosa Católica». E constitui isso mesmo. Uma reflexão antes de tudo pessoal. E depois iluminada e levada a cabo pela Prática de Ensino Supervisionada.

A escolha do tema deve-se ao facto de, após três anos de lecionação da mesma Unidade Letiva (UL), esta suscitar questões em mim e nos alunos. Acaso, ou não, coincidiu ser esta uma das unidades planificadas e lecionadas no contexto da PES, levando uma vez mais a refleti-la, a prepará-la e a lecioná-la. Por isso, a reflexão levada a cabo no presente relatório, é como se perceberá pelas páginas seguintes, eminentemente pessoal. Concomitantemente é uma reflexão que se faz ao nível do oitavo de escolaridade no programa da disciplina de Educação Moral e Religiosa Católica (EMRC).

Porque se fala de EMRC, necessariamente tem de se partir da perspetiva da Igreja católica sobre a educação, ao mesmo tempo que se aborda a identidade e o desafio da disciplina, o professor, e o meu próprio percurso pessoal como docente. Por isso, o capítulo I recolhe a «oportunidade e desafio da educação moral e religiosa católica. Depois deste intróito, é dada a conhecer, no capítulo II, a prática de ensino supervisionada na turma seis do oitavo ano do agrupamento de escolas Francisco Sanches. Sumariamente é apresentada a caracterização da escola e da turma de estágio. Depois é dada a conhecer a UL lecionada e são analisadas as competências específicas propostas no programa da disciplina, ligando necessariamente com a planificação, lecionação e as opções metodológicas. Finalmente, apresento a minha avaliação da planificação e da lecionação.

Porque da preparação e da lecionação, não ficou claro que a UL apresente uma noção abrangente de amor, o capítulo III deste trabalho é uma reflexão crítica sobre o tema do amor humano apresentado no programa. Percorrendo o ensino básico e secundário são apresentadas as virtudes e os limites do programa, buscando afinal o que entende o programa quando condensa esta temática do *amor, amizade e sexualidade*. Incluiu-se também, aqui, uma reflexão sobre a proposta do manual do aluno para a abordagem da UL, embora ela seja suposta no capítulo II, temporalmente falando. O capítulo V é o núcleo estruturante da reflexão. Depois de delimitar a questão de linguagem com que este tema se depara, *o amor humano imagem do amor de Deus*, reflete sobre o ser humano como imagem de Deus em Cristo. Também numa perspetiva essencialmente bíblica, prologou-se esta reflexão para

falar do amor a Deus e do amor ao próximo. Finalmente, de que forma podemos falar do amor de humano como imagem do amor de Deus? O capítulo procura concluir, apresentando uma resposta a esta questão. E, a partir daqui, pode ser entendido o capítulo V quando se diz *o amor humano, no projeto de vida a dois*. Percorre este, conseqüentemente, alguns dos conteúdos propostos para a UL: amizade e namoro; a sexualidade, abertura à vida; e paternidade e maternidade responsáveis.

Cada um dos capítulos apresentados apresenta sempre uma síntese final, de modo a facilitar a sequência da reflexão ao leitor.

Verdadeiramente imagem do amor de Deus, o amor humano é, no momento presente, dos temas mais motivadores para continuar oportunamente o desafio da EMRC na escola. O contributo que esta disciplina quer continuar a oferecer aos seus discentes é sempre a partir da riqueza integral e em todas as dimensões da pessoa humana, verdadeira imagem de Deus. Descobrimo-se verdadeira imagem de Deus a pessoa reconhece-se amada pela sua origem e meta, e motivada a amá-IO no seu semelhante, a quem reconhece como próximo, a exemplo de Jesus Cristo, descobre a verdade mais profunda sobre si mesma. Porque convicta desta verdade, pode a Igreja continuar a servir a pessoa e nela a família, primeira célula da sociedade, colaborando com a escola na formação de crianças, adolescentes e jovens.

CAPÍTULO I – OPORTUNIDADE E DESAFIO DA EDUCAÇÃO MORAL E RELIGIOSA CATÓLICA

Qual a principal finalidade do ensino? O que faz um professor eficaz? O que constitui verdadeiramente a identidade da disciplina de EMRC? A perspectiva adotada para falar de educação é a da Igreja Católica. Será apresentada no ponto 1 uma breve resenha da posição da Igreja Católica, passando depois, no ponto 2 a apresentar a identidade da disciplina de EMRC, e quais os desafios que lhe estão inerentes. No ponto 3, não menos importante, apresentarei um perfil do professor de EMRC, porque à semelhança do que acontece noutras áreas do saber, mas porventura com uma consciência diferente, a disciplina hoje será, em boa parte, aquilo que os professores conseguirem fazer dela. Por último vou apresentar o meu percurso biográfico enquanto docente, contextualizando assim o que fica dito neste capítulo.

1. A educação na perspectiva da Igreja Católica

Qual o fim da educação? Qual a missão da escola? Recorrendo ao *Compêndio da Doutrina Social da Igreja*¹, e de acordo com a sua própria natureza de «compêndio», podemos recolher uma síntese da doutrina da Igreja sobre a questão da educação.

Na ótica da Igreja, os direitos humanos, onde se integra a educação, brotam da própria dignidade inerente ao ser humano. Mais ainda, a Igreja não olha para os direitos como algo isolado, mas como uma dimensão humana interligada a uma outra face da mesma moeda, a dos deveres. Também é necessário ter em conta que, para a doutrina social da Igreja, os direitos individuais precedem os dos povos e nações. Disto mesmo dá conta o referido compêndio². A ação da Igreja é toda ela pastoral e, como bem recorda este documento, há nela duas tarefas fundamentais: o anúncio e a denúncia. Anúncio do fundamento cristão dos direitos humanos, e denúncia das violações desses mesmos direitos, reservando contudo maior importância ao anúncio que dá solidez e força a toda a ação pastoral. A Igreja alia a sua voz em franca colaboração ecuménica ao diálogo inter-religioso e a contactos oportunos com organismos quer do plano governamental ou não governamental, seja do palco nacional, ou internacional, para conseguir que este anúncio seja feito explicitamente. Porém recorda que a

¹ CONSELHO PONTIFÍCIO JUSTIÇA E PAZ, *Compêndio de Doutrina Social da Igreja*, Principia, Estoril, 2005.

² Cf. *Ibidem*, n.ºs 155, 156 e 157.

responsabilidade pelo bem comum é de todos, e inclui no bem-comum serviços essenciais que são ao mesmo tempo direitos humanos: a educação é o primeiro deles e prioritária³.

De entre todas as dimensões da educação, o *Compêndio* recorda, em primeiro lugar, que os cidadãos devem ser informados e educados para a participação na democracia, bem como para os verdadeiros ideais⁴. Tal é perfeitamente aceitável à luz da natureza da doutrina social da Igreja, cujo primeiro valor defendido é o da dignidade da pessoa humana, e o respeito pelos seus direitos. O mesmo documento afirma tacitamente: a primeira escola é a família que para a Igreja ocupa o centro e é o princípio da vida social⁵. De resto, também em relação à pessoa a família é fundamental, e o seu contributo para a sociedade é fundamental, único e insubstituível⁶. A Igreja considera a família como uma célula da sociedade, mas é necessário ter em conta que na sua perspetiva, sociedade e estado existem para a família e o princípio que rege as suas relações é o da subsidiariedade⁷.

Mais longamente, os números 238 a 243 do *Compêndio* ocupam-se da tarefa educativa consignada à família: é antes de mais uma tarefa que abrange todas as dimensões da pessoa humana, e à qual nenhuma dimensão é estranha. Na família o amor dos pais coloca-se ao serviço dos filhos para *e-ducere* (educar, no sentido de «extrair»), tornando-se esta a finalidade última do amor dos pais para com os filhos. A educação, segundo o *Compêndio* é um «direito-dever» dos pais, no sentido em que é essencial, original, primário, insubstituível e inalienável, precisamente na relação da família com o Estado e a sociedade. Há um apontamento fundamental na perspetiva cristã que corresponde exatamente ao dever da educação religiosa e formação moral dos filhos.

O *Compêndio* recorda que não são os pais, ou a família, os únicos educadores e que todos os outros que recebem socialmente este dever o recebem subsidiariamente dos pais, pelo que os primeiros educadores devem colaborar responsabilmente, numa colaboração apelidada de estreita e vigilante, com os organismos educativos, sejam civis ou eclesiais⁸. Quem tem o dever de garantir este direito-dever é o Estado. Mas a Igreja não deixa de sugerir que os primeiros educadores possam fundar instituições que devem ser reconhecidas como prestadoras de um serviço público, até porque a primeira solicitude social dos cristãos deve

³ Cf. *Ibidem*, n.ºs 166 e 198.

⁴ Cf. *Ibidem*, n.ºs 191 e 406.

⁵ Cf. *Ibidem*, n.ºs 210 e 211.

⁶ Cf. *Ibidem*, n.ºs 210 e 211.

⁷ Cf. *Ibidem*, n.º 214.

⁸ Cf. *Ibidem*, n.º 240.

ser, como o foi desde sempre, o empenho na educação e na formação da pessoa⁹. Portanto, o ideal de escola, na ótica da Igreja, é uma escola livre e aberta, que possa prestar um verdadeiro serviço à cultura e à verdade.

Não deixa de ser importante verificar as chamadas de atenção do *Compêndio* para o facto de a educação ter uma aceção mais abrangente do que aquela a que estamos habituados: desde logo estar ao serviço do desempenho de responsabilidades profissionais futuras, ou no desempenho da profissão a responsabilidade educativa dos sindicatos, ou a educação dos consumidores face ao novo e galopante progresso técnico-económico¹⁰. Na perspetiva da Igreja, «a doutrina social é um instrumento necessário para uma eficaz educação cristã para o amor, a justiça e a paz»¹¹ pelo que não há para a Igreja ensino verdadeiro que não pugne pela inculturação da mensagem cristã, um encontro fecundo entre o evangelho e os vários saberes.

Em antecipação ao *Compêndio*, a Conferência Episcopal Portuguesa pronunciou-se em 2002, na carta pastoral sobre a educação «direito e dever – missão nobre ao serviço de todos». De facto este documento não apresenta nenhuma novidade em relação ao que fica dito anteriormente. Porém trata-se de um marco nas tomadas de posição da Igreja em Portugal relativamente à questão da Educação. «A pessoa é o sujeito primeiro e o objeto último da educação. (...) Descobrir e ajudar a descobrir a dignidade da pessoa humana é o núcleo central da própria tarefa evangelizadora da Igreja»¹². Intrinsecamente ligada à dignidade da pessoa, a tarefa educativa é parte da tarefa evangelizadora da Igreja. Este é um aspeto de extrema importância, como se verá, seguidamente na identidade e missão da EMRC, mas também do professor.

2. Identidade e desafio

A Conferência Episcopal Portuguesa em 2006 pronunciou-se numa nota pastoral sobre a identidade da disciplina de EMRC¹³. Deu-lhe mesmo o título de «Educação Moral e Religiosa Católica, um valioso contributo para a formação da personalidade». Precisamente aqui pode ser analisada a sua identidade e o seu desafio. A identidade, tal como a de uma

⁹ Cf. *Ibidem*, n.º 557.

¹⁰ Cf. *Ibidem*, n.ºs 29, 307 e 376.

¹¹ *Ibidem*, n.º 532.

¹² CONFERÊNCIA EPISCOPAL PORTUGUESA, *Carta Pastoral sobre a educação, direito e dever – missão nobre ao serviço de todos*, Secretariado Geral do Episcopado, Lisboa, 2002, n.º 3.

¹³ CONFERÊNCIA EPISCOPAL PORTUGUESA, *A Educação Moral e Religiosa Católica: um valioso contributo para a formação da personalidade*, Secretariado Geral do Episcopado, Lisboa, 2006.

pessoa, pode ser aferida nesta área disciplinar pelo nome. O desafio reside, em certa medida, no contributo que esta disciplina dá para a formação da personalidade das crianças e jovens das escolas.

Poder-se-ia recuar e pretender clarificar a relação entre EMRC e ensino religioso escolar. Como bem recorda a Conferência Episcopal, «assume especial importância a presença institucional que a Igreja Católica tem oferecido à Escola, nomeadamente no plano do Ensino Religioso Escolar, que usufrui, entre nós, de uma longa e relevante tradição. Essa intervenção consubstancia-se na disciplina/área curricular disciplinar de Educação Moral e Religiosa Católica (EMRC), de carácter facultativo, que abrange os ensinos básico e secundário (do 1º ao 12º ano de escolaridade)»¹⁴.

A EMRC, ao ser parte integrante do sistema educativo no nosso país, tal como a legitima a Concordata de 2004, no seu artigo 19º, está regulada por disposições legais daí decorrentes¹⁵. Do ponto de vista de princípios e orientações da Igreja sobre esta disciplina o documento mais recente que lhe clarifica a identidade é este pronunciamento da Conferência Episcopal. Sucedeu-se-lhe o Programa da respetiva Comissão Episcopal, atualmente da Educação Cristã e da Doutrina da Fé.

Antes de mais, a EMRC corporiza, por assim dizer, a livre proposta educativa da Igreja sobre a visão cristã do mundo, do ser humano e de Deus¹⁶. Na sua globalidade dá o seu contributo para fazer do conhecimento do religioso uma das bases para a compreensão da sociedade, deixando ainda portas abertas para a descoberta da mensagem cristã, educando para a dimensão moral e religiosa da pessoa. Na raiz da sua identidade encontram-se diferentes aspetos. Todos os seus objetivos se desenvolvem no meio escolar onde é assegurado às crianças, adolescentes e jovens a consecução de objetivos de natureza científica, cultural e humana. Pretende ser, a partir de uma visão cristã da vida, um veículo de aprofundamento aos que se identificam com o cristianismo. Por outro lado, aos alunos não cristãos não pretende impor o cristianismo, mas faz com que perante o fenómeno religioso façam uma opção ou simplesmente reafirmem conscientemente a sua opção de vida, eventualmente propondo o cristianismo, na sua matriz católica. Com propriedade recorda a Conferência Episcopal que a EMRC «presta um valioso contributo na formação da

¹⁴ CONFERÊNCIA EPISCOPAL PORTUGUESA, *A Educação Moral e Religiosa Católica: um valioso contributo para a formação da personalidade*, nº 1.

¹⁵ Cf. *Ibidem*, nº 1.

¹⁶ Cf. *Ibidem*. Ver também a este propósito IDEM, *Carta Pastoral sobre a educação, direito e dever – missão nobre ao serviço de todos*, nº 28.

personalidade na medida em que ajuda a descobrir o projeto divino sobre a pessoa, sobre a vida humana e sobre a sociedade»¹⁷.

Mas, para lá da identidade da disciplina, e a par com ela, caminha o desafio, assim caracterizado pelo mesmo documento: «propõe aos educandos uma interpretação integral da existência pessoal e do compromisso social e orienta-os na definição de um projeto de vida enriquecido pelos valores humanizantes do Evangelho que dão conteúdo à liberdade e fundamento à dignidade e à responsabilidade pessoais»¹⁸. A proposta educativa que decorre da EMRC é tanto mais desafiante quanto as outras disciplinas atendem simplesmente a especificidades do saber que são próprias dessas ciências. A EMRC reclama para si um ónus que é o do Evangelho. A partir desta perspetiva desafiadora a EMRC converte-se num instrumento ao serviço da verdadeira evangelização e missão da Igreja, cujo objeto é «a pessoa humana, na riqueza integral das suas dimensões»¹⁹.

«Além de *ajudar a conhecer* e a interpretar a nossa cultura, marcada nas suas expressões literárias e artísticas pelo cristianismo, torna-se também uma disciplina de grande importância para *aprender a viver juntos* e para *aprender a ser*»²⁰. Procurando um diálogo empenhado com a cultura, a ciência e os demais saberes com relevância para a escola, o palco em que tudo acontece, a hermenêutica da realidade oferecida pela EMRC parte, como foi referido, de algo mais profundo ao ser humano, que é a sua dimensão religiosa. Porque também ela precisa de ser educada.

A sua identidade marca profundamente o desafio em que se centra: o aluno em todas as suas dimensões, uma vez que o próprio ser humano é marcado pela sua capacidade de abertura a Deus, não deixando de lado nenhuma das suas dimensões. Converte-se assim, em certa medida, na disciplina mais abrangente do currículo. A sua tarefa encontrará um terreno fecundo na medida em que não for um ator isolado neste campo. Em primeiro lugar porque a EMRC colabora verdadeiramente com a finalidade da escola. Mas também porque, mais importante ainda, partindo da perspetiva da Igreja, ela age em função da vocação da família a ser o primeiro espaço por excelência da educação²¹. Referem ainda os senhores Bispos que,

¹⁷ CONFERÊNCIA EPISCOPAL PORTUGUESA, *Carta Pastoral sobre a educação, direito e dever – missão nobre ao serviço de todos*, n.º 5.

¹⁸ *Ibidem*.

¹⁹ *Ibidem*, n.º 3.

²⁰ *Ibidem*, n.º 5.

²¹ Cf. *Ibidem*, n.º 15.

não menos importante, tem sido a competência, o empenho e a dedicação dos professores de EMRC²². Pois bem, que professores?

3. O perfil do professor

As ciências da educação resumem a finalidade do ensino a «ajudar os alunos a tornarem-se independentes e autorregulados», através do aumento das capacidades cognitivas²³. Mas a arte de ensinar é algo mais complexo. Aliás, dependendo do modelo de desenvolvimento do currículo que queiramos adotar, o papel do professor será diferente. Não entendendo a arte de ensinar como um conjunto de técnicas aplicáveis a cada momento, como se pudesse prever totalmente cada situação. Não. Antes, «o ensino como arte contraria o sentido receituário, preconizado pela normatividade didática, chamando a atenção para a intuição e criatividade e reforçando o sentido pragmático, pois cada professor configura um estilo único e pessoal de ensino»²⁴. Por isso, naturalmente, este perfil que aqui se traça pode e está sujeito a contestação. Aqui apenas se querem apresentar algumas das ideias chave que são úteis a qualquer professor, mas muito mais a um professor de EMRC, afinal disso mesmo se trata.

Quem está no início da sua carreira docente dá-se conta das perplexidades contemporâneas da tarefa educativa. O problema, pode ser delimitado de muitas formas, mas talvez se possa começar a caracterizar desta forma. A estrutura da família conhece convulsões internas, não sendo por isso facilitada a relação sociedade-escola-família-pessoa. É tantas vezes uma relação armadilhada²⁵. Já se disse que a perspetiva para falar de educação é a da Igreja. Hodiernamente procura-se, na escola, e nos professores uma resposta que não pode ser apenas destes. «A educação é tarefa de toda a sociedade, e, por isso, a política educativa é muito maior e mais complexa que a política escolar»²⁶. Porém este é apenas o princípio das complexidades que um professor enfrenta.

²² Refere a este propósito IDEM, *A Educação Moral e Religiosa Católica: um valioso contributo*, n.º 4, que: «em muitíssimos casos o que mais leva a aderir a esta disciplina é o carisma e o profissionalismo do professor, fator que, na prática, prevalece sobre o reconhecimento do valor da disciplina para a formação dos alunos».

²³ Richard I. ARENDS, *Aprender a ensinar*, McGraw-Hill Interamericana de España, Madrid, 2008⁷, 17. Também, a este propósito, Cf. Alain HAIGH, *A arte de ensinar*, Academia do Livro, Alfragide, 2010, 16.

²⁴ José A. PACHECO, *Currículo: teoria e práxis*, Porto Editora, Porto, 2001³, 50.

²⁵ Cf. Pedro SILVA, *Escola-Família uma relação armadilhada, interculturalidade e relações de poder*, Edições Afrontamento, Porto, 2003, 378-386.

²⁶ Olegario GONZÁLEZ DE CARDEDAL, *Educación y educadores, El primer problema moral de Europa*, PPC Editorial y distribuidora, Madrid, 2005, 8.

O «professor eficaz», tendo qualidades pessoais, tem de partir delas para desenvolver relações humanas genuínas com os seus alunos, os pais e colegas, criando «salas de aula democráticas e socialmente justas para crianças e adolescentes»²⁷. Possui uma base de conhecimentos abrangente relacionada com a matéria em causa, o desenvolvimento e aprendizagem humana e com a pedagogia. As suas práticas de ensino estimulam a motivação dos alunos, melhoram os seus resultados e contribuem para que produzam um nível de compreensão mais elevado e alunos, como se disse, «autorregulados». Finalmente, têm uma disposição pessoal para a reflexão e a resolução de problemas, sabendo que o aprender a ensinar é um processo ao longo da vida. Qual o modelo mais adequado à EMRC? Nenhum é perfeito e acabado. Talvez o modelo de ensino construtivista e centrado no aluno, possa ser um bom ponto de partida, tendo em conta o objetivo da disciplina, conforme referido anteriormente, de formação global do aluno. Mais ainda, que leve o aluno a participar ativamente no processo educativo.

O professor tem de ser capaz de motivar os alunos e desenvolver na sala de aula comunidades de aprendizagem produtivas. O contexto social da sala de aula exige que o professor seja capaz de conduzir a motivação extrínseca dos alunos e crie uma comunidade positiva de aprendizagem²⁸. Isto é, por exemplo, o ambiente geral da aula, a dificuldade das tarefas, os interesses, o conhecimento dos resultados, as estruturas de objetivos e recompensa e as necessidades de resultados, relacionamento e autodeterminação dos alunos, podem ser conduzidas de forma a motivar os alunos a partir destes fatores externos e ambientais. Diferente é o problema da motivação intrínseca dos alunos.

Claro, que o professor tem de ser capaz naturalmente de relacionar todos os modelos de ensino e diferenciar o ensino na sua sala de aula. Ficar-se por questões como a eficácia do professor e a motivação dos alunos, é apenas a pessoalização da perspetiva do professor que aqui se apresenta, demonstrando o que no caso da EMRC parece ser mais importante. E se todos os professores têm um trabalho que passa por serem competentes ao nível organizacional, e a escola tem características distintas de qualquer outro enquanto local de trabalho, o professor tem de aprender a ser antes de mais líder.

Tudo o que fica dito é globalmente verdade para qualquer professor, em qualquer área do ensino. O que difere, então, no perfil do professor de EMRC?

²⁷ Richard I. ARENDS, *Aprender a ensinar*, 19.

²⁸ Cf. *Ibidem*, 167.

É bela, portanto, e de grande responsabilidade a vocação de todos aqueles que, ajudando os pais o cumprimento do seu dever e fazendo as vezes da comunidade humana, têm o dever de educar nas escolas; esta vocação exige especiais qualidades de inteligência e de coração, uma preparação esmeradíssima e uma vontade sempre pronta à renovação e adaptação.²⁹

O professor de EMRC é um adulto na fé e testemunha dessa fé no lugar onde se encontra³⁰. E essa realidade conforma a sua atuação. O serviço do professor de EMRC é um ministério, no sentido em que é um serviço de e para a comunidade cristã não apenas para o seu seio, mas verdadeiramente no mundo³¹. A sua competência científica e pedagógica tem de estar alicerçada para lá de qualquer outro profissional semelhante mas de outra área do ensino. Porque mais do que simples serviço, trata-se de uma vocação, radicada no batismo: a de anunciar a mensagem libertadora de Jesus a todos. E é a partir dessa condição que o professor do ensino religioso escolar deve atuar. E não apesar desta. Embora o Estado seja laico, as pessoas não o são³².

O perfil do professor de EMRC é o perfil de um evangelizador, tanto mais que nessa finalidade se apresentou a identidade e o desafio da disciplina, e até da educação, como verdadeiro serviço à pessoa humana.

4. Percurso pessoal como docente

Nos parágrafos que se seguem será dado a conhecer, ainda que de forma sucinta, o meu percurso biográfico, destacando a atividade docente, porque penso ser uma mais-valia, para o presente relatório, a contextualização – que é aqui motivação para – da missão de docente de EMRC.

Ser professor de EMRC não surgiu por nenhum intuito pessoal para a docência, muito menos no ensino público, ou nesta área disciplinar. Nunca o tinha suposto. Surgiu, em primeiro lugar, como resposta a um chamamento direto do Bispo da Guarda. No ano letivo 2009/2010, depois de ter completado a frequência do Seminário Maior da Guarda, iniciei o estágio pastoral em seis comunidades paroquiais do Arciprestado de Seia. Numa delas, onde

²⁹ CONCÍLIO ECUMÉNICO VATICANO II, Declaração *Gravissimum educationis*, Editorial A.O., Braga, 1987¹¹, n.º 5.

³⁰ Cf. CONFERÊNCIA EPISCOPAL PORTUGUESA, *Carta Pastoral sobre a educação, direito e dever – missão nobre ao serviço de todos*, n.º 5.

³¹ Cf. PAULO VI, *Evangelho aos homens de hoje*, «*Evangelii Nuntiandi*», Editorial A.O., Braga, 1990⁷, n.º 73.

³² Cf. CONFERÊNCIA EPISCOPAL PORTUGUESA, *A Igreja na Sociedade democrática, carta pastoral*, Secretariado Geral do Episcopado, Lisboa, 2000, n.º11.

residia, estava sediado o Agrupamento de Escolas de Loriga que concentrava alunos de cinco dessas comunidades. Composto por duas escolas do 1º Ciclo e uma do 2º e 3º Ciclo, foi aí que tive o meu primeiro contacto com a docência de EMRC. Em toda a Diocese o ensino da EMRC no 1º Ciclo estava insuficientemente implantado; aquelas escolas do agrupamento vertical refletiam isso mesmo. Embora com uma taxa de inscrições que devia rondar os 98%, o universo de alunos era composto apenas por alunos do 2º e 3º ciclo. Foi assim que, no início desse ano letivo, encontrei 6 turmas do 5º ao 9º ano de escolaridade.

A minha formação académica fora, no essencial, a que o seminário me proporcionou. Estudei na Escola Básica do 1º Ciclo de Penedo da Sé, onde em dois anos frequentei «Religião e Moral», assim denominada ao tempo, uma vez por semana, lecionada pelo pároco local. Anoto aqui que, antes de começar o meu percurso escolar, referia muitas vezes a quem me questionava que «queria ser senhor padre e professor», a exemplo do meu falecido pároco. Desde o ano letivo 1995/96 que, no 5º ano de escolaridade, iniciei o seminário, no Seminário Menor da diocese, no Fundão, onde a disciplina de EMRC era de frequência obrigatória. Também aqui os professores da disciplina foram sempre sacerdotes, sem nenhuma preparação «específica» para a lecionação da EMRC. Ao que me recordo sempre utilizámos o manual da disciplina editado pelo Secretariado Nacional da Educação Cristã. Em relação às restantes disciplinas, a EMRC sempre teve um lugar menor no currículo do seminário. E a nota final não era de extrema importância. Fui um aluno normal da disciplina, e nunca tive uma nota inferior a nível 4 durante todo o ensino básico. No ensino secundário – e frequentando já o Seminário Maior, na Guarda – a disciplina estava inscrita no currículo com o nome de «Educação da Fé». O manual, por classificá-lo assim, foi no essencial um catecismo italiano traduzido para língua portuguesa. E, para alguns temas, recordo que eram utilizados diversos subsídios próprios do professor. Já não era uma disciplina com todas as vertentes da EMRC, enquanto tal; o professor, sacerdote da equipa formadora, dinamizava-a de forma bastante intensa fazendo dela um encontro entre aquilo que seria a atual disciplina de EMRC e a catequese; penso poder caracterizá-la adequadamente como uma propedêutica da teologia. Iniciei a frequência do Curso Filosófico-teológico do Instituto Superior de Teologia de Viseu no ano letivo 2003/04. O terceiro ano do quinquénio foi frequentado no núcleo do Porto da Faculdade de Teologia da Universidade Católica Portuguesa. Terminaria já o Ano Pastoral em 2008/09 no referido Instituto ao mesmo tempo que frequentava o seminário de orientação da Dissertação, do Mestrado Integrado em Teologia, no núcleo de Braga da Faculdade de Teologia.

Foi precisamente nesta altura que surgiu, como referi, a «necessidade» de ser docente de EMRC: sem qualquer preparação específica para ser docente, inclusive com o desejo infantil pela docência completamente esquecido, a «notícia» foi uma verdadeira surpresa. Motivado e a caminho do sacerdócio ministerial a minha reação foi simplesmente de acolhimento da decisão superior. Recebi esse encargo em pleno mês de agosto de 2009 e passei o resto do mês de férias letivas a comprar os manuais disponíveis nas livrarias, que, para minha surpresa, tinham sido alterados desde «o meu tempo» e, fiquei a saber através de uma pesquisa no Google, que havia um novo programa em vigor desde julho de 2007.

No início desse ano letivo apresentei-me, então, ao serviço na Escola Básica do 2º e 3º Ciclos Dr. Reis Leitão de Loriga, sede do Agrupamento para o qual fora nomeado, com os documentos que o secretariado diocesano me dissera serem necessários, e fui informado das turmas onde lecionaria. Com 23 anos, no primeiro dia de aulas do mês de setembro, entrei na sala de aulas destinada para a aula das 11h. Era uma quarta-feira e uma turma de 5º ano. Sem nunca ter tido qualquer outra experiência de lecionação, ou qualquer contacto com uma escola pública desde a minha escola primária e os exames nacionais do ensino secundário, lembrei-me a tempo que deveria passar na sala de professores e procurar o livro de ponto. Foi o início de um caminho.

Assim passei um ano letivo: a descobrir o que era ensinar, qual o lugar da EMRC, o que era avaliar e, porque não dizê-lo, a experimentar todos os dias o que era lidar com a falta de preparação para ser professor. A disciplina sempre estivera presente na EB 2/3 Dr. Reis Leitão e sempre fora lecionada pelo pároco local até ao ano letivo anterior à minha chegada, altura em que passou a ser lecionada pelo estagiário que colaborava com o pároco. Sem querer utilizar uma linguagem de questões hereditárias, a verdade é que se tratava de uma herança rica em número de alunos inscritos, conforme já referi, e ao nível das relações interpessoais com os demais colaboradores do Agrupamento. Existiam algumas atividades da disciplina propostas já no Plano Anual de Atividades do Agrupamento. Porém, era pobre a outros níveis: o professor nunca ia às reuniões de departamento, era dispensado dos conselhos de turma, não existia um dossier de grupo disciplinar, o separador do dossier de departamento estava vazio. Apenas existiam, felizmente, aprovados em Conselho Pedagógico, critérios gerais de avaliação do grupo 290.

Apercebi-me, à força, do que era uma sala de aula, e do que significava estar nela enquanto professor, e não como aluno. Contribuíram para o meu desempenho docente nesse ano a minha longa experiência como aluno, a solidariedade entre colegas na escola, e a herança rica ao nível humano nos destinatários principais do trabalho: os alunos. Por entre as

vicissitudes desse trabalho fui redescobrir o sonho de infância de ser também professor. Porém, tenho de confessar: a fecundidade desse trabalho residiu mais no facto de contactar com os cerca de 80 alunos fora da escola, do que nos 45 minutos semanais. Razão definitiva do sucesso (pelo menos aparente) deste trabalho foi o facto de ter acolhido esta tarefa integrando-a no meu percurso de fé. As dificuldades existiram, e as qualidades inatas não foram sempre a resposta suficiente às situações que exigiam uma resposta adequada e imediata. Houve alturas em que me senti perturbado diante da grandeza da missão educativa, que nunca tinha percebido desta forma; e outras em que me senti assoberbado pelas exigências decorrentes deste trabalho.

No ano letivo seguinte, 2010/2011, em diálogo com o bispo diocesano, e por razões que aqui são alheias, iniciei a frequência do Mestrado em Ciências Religiosas, especialização no ensino da EMRC, no núcleo de Braga da Faculdade de Teologia. O motivo capital para esta formação prende-se com a falta de professores na diocese com formação específica para a docência de EMRC. Nesse mesmo ano fui nomeado professor para a Escola Secundária da Sé, na Guarda, e viria a acumular também a Escola Secundária de Afonso de Albuquerque, na mesma cidade, como único professor de EMRC em ambas, e únicas, escolas secundárias da cidade, que acumulam também o 3º ciclo de ensino básico. Também aqui a presença da EMRC já conhecia melhores dias e, em relação com a primeira experiência, é contrastante o total isolamento da disciplina nas escolas com a atuação da Igreja particular concreta. Atualmente, estou ainda a lecionar em ambas as escolas.

Se o percurso como docente de EMRC começou como algo necessário, e cuja escolha não me coube a mim, neste momento apropriei-me dele, e faz parte de quem sou. Para lá das contingências da minha motivação para a docência de EMRC, estão presentes também algumas motivações pessoais, que aqui registo, sem prejuízo do «perfil do professor de EMRC» apresentado em lugar próprio, que também refletirá, naturalmente, aquela que é a minha interpretação pessoal desse perfil.

Em primeiro lugar, o múnus de ensinar na Igreja está muito vinculado ao sacerdócio ministerial. Provavelmente os contextos fazem desta afirmação mais ou menos aceitável, tendo em conta realidades concretas. Pessoalmente, sem ter a pretensão de reduzir o ensino na Igreja ao do magistério eclesial e seus colaboradores, também não entendo a presença do professor de EMRC como absolutamente dissociável da missão eclesial que a antecede, como o é na minha experiência concreta. É sobretudo, uma missão de Igreja, que não está desligada da experiência concreta de fé de uma pessoa e da sua pertença a uma Igreja particular.

Além disso, a missão educativa encaro-a como enigma e graça ao mesmo tempo. Nunca está totalmente cumprida; sucedem-se os ideais e os impossíveis. Sou e serei mais professor também pelos exemplos motivadores que tive. Mas leva-se nesta tarefa uma verdade que não é do próprio, e que vem de um mandato plurissecular: «Ide e ensinai» (Cf. Mt 28,18-19). Possivelmente, mais que em qualquer outra área do saber, a teologia, e especificamente a EMRC concretiza esta «presença» de Deus na escola porque é explícita, apesar das suas dificuldades e oportunidades. Mesmo que os alunos não façam parte da Igreja institucional e visível, e frequentem esta disciplina por diversos motivos, todos eles certamente positivos, o professor de EMRC é sempre, e inalienavelmente, uma testemunha de Jesus Cristo no contexto em que se encontra. Para uns é facilitador da missão que o docente de EMRC tem de levar a cabo, para outros é motivo de desconfiança. Se outros professores na sua atuação podem escudar-se com questões da tutela, da formação, ou outras, o professor de EMRC, apesar destas e para lá delas, está ao mesmo tempo e inevitavelmente conotado, na sua atuação, com a Igreja Católica.

Finalmente, em último lugar, tenho bastante claro na minha curta experiência docente: sou professor cristão hoje e procuro prolongar a minha atividade docente para lá da porta da sala de aula, com a certeza de que o exemplo pode iluminar e arrastar, mais que qualquer discurso³³.

5. Síntese

Até onde foi conduzida a presente reflexão? Pretendia-se dar a conhecer aquela que é a oportunidade e o desafio da EMRC. A educação é um serviço prestado pela sociedade à própria sociedade. Porém o núcleo central da sociedade, na ótica da Igreja é a família, pelo que o Estado ao regular a educação fá-lo em nome e por delegação da família. A primeira responsabilidade da educação integral da pessoa é da família, berço da pessoa.

Assim, a EMRC coopera com a família neste serviço de educação integral, delegado na escola, onde a EMRC prolonga essa educação integral. O desafio da disciplina consiste precisamente em potenciar e conseguir sempre este objetivo. Na EMRC a Igreja prolonga também o seu serviço à sociedade. E desta forma a sua tarefa evangelizadora. A oportunidade consiste em que do ponto de vista do evangelizador, no sentido em que foi caracterizado o

³³ Cf. PAULO VI, *Evangelho aos homens de hoje*, «*Evangelii Nuntiandi*», n.ºs 41 e 76.

professor desta disciplina, ele consiga caminhar com os alunos³⁴. A EMRC existe pois, ela mesma, como uma proposta com sentido, contribuindo com os valores do Evangelho para a construção da personalidade dos alunos.

O percurso enquanto docente de EMRC, tal como fica assinalado, não pretende ser «o exemplo» do perfil do professor em ato. Apresentá-lo neste lugar – diga-se claramente – deriva apenas da coerência lógica do discurso, e do desafio pessoal que ser professor representa.

³⁴ Cf. CONFERÊNCIA EPISCOPAL PORTUGUESA, *Carta Pastoral sobre a educação, direito e dever – missão nobre ao serviço de todos*, nº 14.

CAPÍTULO II – A PRÁTICA DE ENSINO SUPERVISIONADA NA TURMA SEIS DO OITAVO ANO DO AGRUPAMENTO DE ESCOLAS FRANCISCO SANCHES

Neste capítulo pretende-se dar a conhecer a experiência letiva, em contexto de sala de aula, bem como a experiência docente, em contexto escolar, levada a cabo com a PES realizada. Assim, partir-se-á da caracterização sumária do local de estágio e da turma de estágio: a turma 6 do oitavo ano de escolaridade da Escola Básica Dr. Francisco Sanches. A fim de demonstrar o percurso efetuado, será apresentada a reflexão que condutora do contacto com o programa de EMRC. Primeiro com uma apresentação da Unidade Letiva lecionada e a análise das competências propostas para a mesma: a Unidade Letiva 1 do oitavo ano, *o amor humano*. Depois será apresentada a planificação e lecionação desta unidade, justificando as opções metodológicas adotadas, seguida de uma avaliação da mesma. No final será apresentada uma síntese.

1. Caraterização da Escola Básica 2/3 Francisco Sanches e da turma de estágio

A Escola Básica do 2º e 3º Ciclos de Dr. Francisco Sanches é sede do Agrupamento de Escolas Dr. Francisco Sanches desde 2001, conforme despacho da DREN, de 6 de junho. O Agrupamento de Escolas Dr. Francisco Sanches integra, além da escola com 2.º e 3.º ciclos, um estabelecimento com pré-escolar e seis escolas com 1.º ciclo, das quais três possuem também educação pré-escolar, todas situadas na zona urbana de Braga, nas freguesias de S. Vítor e de S. Vicente. No ano 2007/2008, segundo refere o Projeto Educativo, foi frequentado por 2727 alunos, organizados em 124 turmas³⁵.

A escola sede e o agrupamento devem o patronato a um notável médico e docente da Faculdade de Artes da Universidade de Toulouse, batizado em São João do Souto, Arquidiocese de Braga, a 25 de julho de 1561. Viria a falecer em Toulouse em 1623. Na

³⁵ Cf. Projeto Educativo do Agrupamento de Escolas Dr. Francisco Sanches, 2. Disponível em http://www.eb23-dr-francisco-sanches.rcts.pt/projeto_educativo_teip.pdf.

escola o dia do Patrono celebra-se a 29 de abril por ter sido o dia da sua licenciatura em medicina³⁶.

A escola ocupa uma parte considerável do edifício do Colégio de Nossa Senhora da Conceição e cinco pavilhões construídos na década de 1990. Refere o próprio projeto educativo que «a escola é muito dispersa e todas as edificações se encontram muito degradadas»³⁷. Apesar disto, pode-se perceber que está empenhada em ser uma escola de qualidade e uma escola para a cidadania, mote dado pelo mesmo projeto educativo.

Quanto à população escolar, o mesmo projeto refere que «é muito heterogénea, mas uma parte significativa dos alunos provém de famílias com poucos recursos económicos, baixa escolarização e algumas debilidades ao nível da sua estruturação, fatores que ajudam a compreender quer a falta de expectativas que manifestam em relação à aprendizagem dos filhos, quer as dificuldades evidentes em interiorizar regras e limites»³⁸.

A turma 6 do oitavo ano de escolaridade no ano letivo 2011/12 é constituída por 24 alunos. Treze são do sexo masculino, onze do sexo feminino. A média geral de idades é de 13 anos, sendo que considerando os alunos por género, os rapazes são mais velhos que as raparigas³⁹. Há na turma dois alunos novos que são repetentes neste ano de escolaridade, e dois alunos que não são de nacionalidade portuguesa. No geral, e de acordo com a caracterização da turma, que foi feita no conselho de turma respetivo, a descrição acima transcrita da população da escola aplica-se a esta turma. Todos os alunos da turma estão inscritos e frequentam a disciplina de EMRC.

Revelam-se conversadores, não cumprem facilmente as regras da sala de aula; porém, são, ao mesmo tempo, motivados e participativos. Trata-se de uma turma particularmente desafiante, até pela faixa etária em que se encontram os seus alunos, mas sobretudo porque não adotam uma atitude passiva na sala de aula. Intervêm sempre que solicitados, e apesar de um ruído de fundo persistente, provocado pela constante interação com os seus pares, revelam acompanhar a aula, mesmo quando o professor centra a aula em si, expondo conteúdos. Requerem, como de resto é visível nas estratégias a aperfeiçoar, o desenvolvimento de técnicas de comportamento e do saber estar em sala de aula.

³⁶ Cf. Sítio do Agrupamento de Escolas Dr. Francisco Sanches, http://www.eb23-dr-francisco-sanches.rcts.pt/historia_patrono.pdf.

³⁷ Projeto Educativo do Agrupamento de Escolas Dr. Francisco Sanches, 4.

³⁸ *Ibidem*.

³⁹ Valor exato 13,4 anos de idade, tendo como referência a data adotada pelos serviços escolares (25-10-2011).

2. «O amor humano» - unidade letiva 1 do oitavo ano de escolaridade

No contexto da PES coube, de acordo com a planificação lecionar esta unidade. Não se tratou de uma escolha intencional. Foi antes sim uma escolha de acordo com as contingências da PES. Sem prejuízo da posterior justificação coincidente da escolha desta unidade como unidade a testar, quer-se neste momento fazer uma apresentação da mesma.

No programa da disciplina surge como a primeira unidade a lecionar ao 8º ano de escolaridade; na planificação anual para esta turma trata-se da segunda unidade. Foi precedida pela unidade 4, *ecologia e valores*.

A Unidade Letiva 1 do oitavo ano tem por título «o amor humano». No ponto seguinte serão analisadas as competências propostas para a Unidade Letiva, com referência aos principais conteúdos que o programa supõe. Trata-se habitualmente, não fosse a planificação anual diferente, de um pórtico de entrada no oitavo ano. O tema em questão, o amor humano, é um tema que desperta o interesse das pessoas, que, de uma forma ou de outra, se sentem atraídas por ele.

A adolescência é a idade de descoberta do primeiro amor, e da relação consigo mesmo por parte do adolescente. As relações interpessoais ganham uma nova dimensão, e algumas das amizades conhecem um contorno diferente. É a época dos primeiros namoros. O desenvolvimento afetivo e social do adolescente passa por mudanças, modificações e adaptação e integração. «Verifica-se uma evolução dos critérios de escolha dos amigos: de companheiros de brincadeira, para as crianças, até às amizades da adolescência que são mais eletivas porque se baseiam em afinidades afetivas e preferências compartilhadas»⁴⁰.

Do ponto de vista do programa poder-se-ia considerar que se trata de uma segunda parte, ou a continuação da Unidade Letiva 3 do sétimo ano, «a adolescência e os afetos». Não nos ocuparemos agora desta intuição e da sua razão de ser, até porque parece adequada. Também não se encontrará aqui a fundamentação do que o programa propõe como conteúdos. Antes sim, parece oportuno fazer a seguinte análise às competências específicas que a disciplina propõe.

⁴⁰ Catherine TOURETTE e Michèle GUIDETTI, *Introdução à Psicologia do desenvolvimento, do nascimento à adolescência*, Vozes, Petrópolis, 2009, 204.

3. Análise das competências específicas propostas para a leção da Unidade Letiva 1 do oitavo ano de escolaridade

Passamos a considerar cada uma das competências no programa⁴¹. Porque o professor deve ter em conta as competências que o programa propõe; deve analisar essas mesmas competências: porquê estas concretamente, a sua relação com os conteúdos, e se os conteúdos possibilitam o desenvolvimento das competências em questão. Assim, diante das nove competências propostas para esta Unidade Letiva senti necessidade de refletir sobre que cada uma delas.

A competência específica 1 diz que o aluno tem de ser capaz de «reconhecer, à luz da mensagem cristã, a dignidade da pessoa humana»⁴². Esta é uma competência transversal a todos os ciclos de ensino da disciplina e operacionaliza as competências gerais do ensino básico 1 e 2⁴³. Enquadra-se mais no domínio da cultura e da visão cristã. Supõe assumir que todo o ser humano é portador de uma dignidade inalienável, que, de acordo com a mensagem cristã, tem origem em Deus, que é ao mesmo tempo também meta para todas as pessoas, e da pessoa toda, e que, à luz do seguimento de Cristo, ganha novo sentido. Nesta Unidade Letiva, significa enquadrar o amor humano como capacidade de abertura à transcendência e unicidade da pessoa, no respeito pela sua condição, comum a todos. De acordo com a operacionalização sugerida pelo programa, quer-se que o aluno seja capaz de organizar um universo de valores fundado na dignidade humana, por exemplo, através de conteúdos como o respeito pela vida humana.

A competência específica 4 refere que o aluno tem de ser capaz de organizar uma visão coerente do mundo. Do mesmo domínio – da cultura e visão cristã – esta competência específica operacionaliza também as competências gerais 1 e 2. Não abordada no 1º Ciclo,

⁴¹ Esta análise segue o programa da disciplina, conforme desenvolvido para a UL 1 do oitavo ano de escolaridade, «o amor humano», em COMISSÃO EPISCOPAL DA EDUCAÇÃO CRISTÃ, *Programa de Educação Moral e Religiosa Católica, Ensinos Básico e Secundário*, Secretariado Nacional da Educação Cristã, Lisboa 2007, 104-105. Tem também como referência o quadro 1, apresentado em *Ibidem*, 31. A divisão por domínios respeita também o programa, em *Ibidem*, 29-30. A não ser que difiram na análise de alguma competência, neste ponto, não serão mencionadas novamente as fontes.

⁴² Cf. *Ibidem*, 31.

⁴³ Competência geral 1: Mobilizar saberes culturais, científicos e tecnológicos para compreender a realidade e para abordar situações e problemas do quotidiano. Competência geral 2: Usar adequadamente linguagens das diversas áreas do saber cultural, científico e tecnológico para se expressar. Cf. DEPARTAMENTO DA EDUCAÇÃO BÁSICA, *Currículo Nacional do Ensino Básico, Competências Essenciais*, 17 e 18. Consultado em DIREÇÃO GERAL DA INOVAÇÃO E DESENVOLVIMENTO CURRICULAR, http://sitio.dgidec.min-edu.pt/basico/Paginas/CNacional_Comp_Essenciais.aspx, 2012-03-04, às 18:00h.

suposta no 2º, ela é sobretudo desenvolvida ao nível do 3º ciclo e do Ensino Secundário⁴⁴. Talvez como poucas outras competências específicas propostas para a disciplina, esta contribua para a construção de uma visão coerente do mundo, que não ignore o contributo da fé cristã para a sua compreensão. Pretende-se também demonstrar a complexidade deste campo disciplinar, que embora recorrendo aos diversos domínios do saber, os enquadra numa perspetiva religiosa da vida, donde decorre uma visão ética do agir humano, numa hermenêutica direcionada à captação do sentido último da realidade.

Assim, nesta UL sugere-se a operacionalização desta competência para que o aluno seja capaz de organizar um universo coerente de valores sobre a fecundidade e amor humanos, em relação com a competência específica 9⁴⁵, através de conteúdos que visam apresentar o amor humano como fecundo e criativo, capaz de abrir a família à relação com os outros, e, por conseguinte, como o maior bem social, que permite a permanência da espécie e a participação na construção da sociedade.

A competência seguinte proposta para a UL é a competência específica 5: «Interpretar produções culturais (literárias, pictóricas, musicais ou outras) que utilizam ou aludem a perspetivas religiosas ou a valores éticos»⁴⁶. Do mesmo domínio das anteriores, esta competência visa desenvolver também as mesmas competências gerais 1 e 2. Comum a todos os ciclos de ensino, esta competência específica quer aprofundar a cultura humana como lugar de descoberta para o aluno de perspetivas religiosas e valores éticos. Sugere-se, como operacionalização, que o aluno interprete produções culturais sobre o amor. É a competência escolhida nesta unidade para introduzir o tema, claramente em relação com o método da EMRC, que é fundamentalmente existencial e hermenêutico, ou seja, que interpreta a vida humana, as suas múltiplas manifestações, o mundo material e biológico na sua relação com o absoluto⁴⁷. É claramente uma competência que visa criar «pontes», porque quer levar o aluno a interpretar a realidade, partindo da experiência humana que desenvolveu produções culturais sobre o amor.

Seguidamente o programa considera a competência específica 7, propondo-a para levar a cabo a leção da UL. O aluno terá de ser capaz de «relacionar os dados das ciências com a interpretação cristã da realidade»⁴⁸. Ainda do domínio da cultura e da visão

⁴⁴ Cf. COMISSÃO EPISCOPAL DA EDUCAÇÃO CRISTÃ, *Ibidem*, 31.

⁴⁵ A competência específica 9 é «organizar um universo coerente de valores, a partir de um quadro de interpretação ética humanista e cristã» Cf. COMISSÃO EPISCOPAL DA EDUCAÇÃO CRISTÃ, *Ibidem*, 31.

⁴⁶ *Ibidem*.

⁴⁷ Cf. *Ibidem*, 20.

⁴⁸ *Ibidem*, 29.

cristã, esta competência também visa trabalhar as competências gerais 1 e 2. Tida em conta no 1º ciclo, mas apenas abordada a partir do 2º ciclo, para todos os ciclos de ensino, esta competência visa estabelecer relação entre os dados das ciências e a interpretação cristã da realidade, superando por vezes a suposta contradição, e denotando por vezes também alguns dos exageros de posições que querem prescindir por um lado da vertente religiosa, e por outro, estão ainda ligados a fundamentalismos e interpretações erradas da fé e dos seus paradigmas. A operacionalização sugerida pelo programa quer que o aluno seja capaz de relacionar os dados da ciência sobre o planeamento familiar e a interpretação cristã da realidade, a partir de conteúdos como a noção mesma de planeamento familiar, de paternidade e maternidade responsáveis e dos métodos anticoncecionais.

Organizar um universo coerente de valores partindo de um quadro de interpretação ética humanista e cristã. Tal é o objetivo da competência específica 9, enquadrada no domínio da ética e moral, e que visa desenvolver as competências gerais 1 e 7⁴⁹. Desenvolvida em todos os ciclos de ensino, esta competência significa, antes de mais, despertar no aluno a noção ética de valor, à luz da interpretação da moral cristã. Não reduzindo o ser humano a uma interpretação meramente antropológica existencialista, mas, à luz do acontecimento cristão o abrindo à Transcendência. Nesta unidade concretamente, como já foi referido a propósito da competência específica 4, e da 1, e depois da seguinte, a operacionalização proposta é a de que o aluno seja capaz de organizar um universo de valores, fundado na liberdade responsável de cada pessoa, através da apresentação de conteúdos como a perspetiva ética da Igreja sobre a sexualidade como abertura à vida, a aprendizagem do controlo do desejo sexual, o respeito do Estado pelas decisões do casal, o respeito pelo duplo significado do ato sexual, e o discernimento responsável do casal. Também se propõe a ponderação da responsabilidade dos atos e opções a partir da liberdade pessoal, em relação com a competência que se segue.

A competência 10, «mobilizar princípios e valores éticos para a orientação do comportamento em situações vitais do quotidiano» pertence também ao domínio da ética e moral, e visa desenvolver as competências gerais 1 e 7. Trabalhada em todos os ciclos de ensino, esta competência significa que o aluno, de acordo com o método da disciplina, seja capaz de, a partir da realidade, e da situação apresentada, face à interpretação cristã, realizar um juízo pessoal para que em situações do dia a dia o aluno possa mobilizar os princípios e

⁴⁹ Competência geral 7: Adotar estratégias adequadas à resolução de problemas e à tomada de decisões. Cf. DEPARTAMENTO DA EDUCAÇÃO BÁSICA, *Currículo Nacional do Ensino Básico, Competências Essenciais*, 23.

valores aprendidos para dar a sua resposta livre e devidamente equacionada. Nesta UL, conforme a proposta de operacionalização, significa que o aluno seja capaz de mobilizar os valores organizados anteriormente, como sejam o da liberdade, o do amor e do respeito pelo outro, orientando o seu comportamento sexual na sua vida. Tal é sugerido pelos conteúdos propostos pelo programa que referem não apenas os valores mencionados, mas também o significado e as consequências das ações próprias.

A competência seguinte é a 11. Visa que o aluno consiga «propor soluções fundamentadas para situações de conflito de valores morais a partir de um quadro de interpretação ética humanista e cristã». Ainda no domínio da ética e moral, e visando desenvolver as competências gerais 1 e 7, esta competência específica é desenvolvida apenas no 3º ciclo e no secundário, sendo tida em conta no 2º ciclo, e não abordada no 1º ciclo de ensino. Esta competência significa que o aluno tem de ser capaz de a partir dos valores da ética humanista e cristã encontrar soluções, ou pelo menos propor, para situações de conflito entre valores morais. Concretamente a operacionalização desta competência nesta UL sugere que o aluno seja capaz de propor soluções para situações de conflito de valores relacionadas com o planeamento familiar. Conforme os conteúdos sugerem, sobretudo face às decisões futuras de ser pai/mãe, responsabilmente, a necessidade de planeamento familiar, e depois de aplicação dos métodos anticoncepcionais, neste contexto.

As duas últimas competências propostas para a UL 1 do oitavo ano são do domínio da cultura bíblica. A competência específica 23, «interpretar textos fundamentais da Bíblia, extraíndo significados adequados e relevantes», quer desenvolver as competências gerais 1 e 2. Comum a todos os ciclos de ensino significa que o aluno saiba interpretar os textos da Bíblia, considerados fundamentais e abordados no âmbito desta disciplina, valorizando-os como portadores de significados que respondem a dúvidas e situações do Povo bíblico. Nesta UL a operacionalização de competências sugere que o aluno seja capaz de interpretar textos bíblicos sobre o valor da fecundidade do amor. Os conteúdos sugeridos abordam dois textos do Antigo Testamento, dois Salmos, o 127 e o 128, que nos versículos analisados apresentam a interpretação do povo bíblico da fecundidade como bênção de Deus e os filhos como Suas dádivas⁵⁰. O texto do Novo Testamento, retirado do Evangelho segundo São Marcos, apresenta a nova família universal fundada por Jesus, baseada na aceitação da vontade de Deus que se dá a conhecer no amor⁵¹.

⁵⁰ Sl 127, 3-5 e Sl 128, 3.

⁵¹ Mc 3,31-35.

Finalmente, a competência específica 24 visa que o aluno seja capaz de reconhecer as implicações da mensagem bíblica nas práticas de vida quotidiana. Desenvolve as competências gerais 1 e 7, e é trabalhada em todos os ciclos de ensino, e significa que o aluno seja capaz de, a partir da interpretação dos textos bíblicos considerados fundamentais e abordados nesta disciplina, os valorizar como detentores de significados que respondem a dúvidas e situações concretas do povo bíblico, e que têm implicações para o quotidiano. Na operacionalização e conteúdos já referidos a propósito da competência anterior, nesta UL significa que o próprio aluno seja capaz de assimilar nas suas opções futuras, e na interpretação que faz da realidade, a fecundidade, o dom dos filhos e o amor como marcas de Deus na sua vida.

O programa supõe naturalmente uma abordagem, aparentemente, completa do tema. Na PES, e de acordo com a planificação anual não será exequível pretender desenvolver nos alunos as nove competências propostas. Efetivamente, as competências propostas possibilitam ao professor estabelecer relação com os conteúdos do programa. Parece que a este nível não se deteta qualquer limitação no programa. Estamos perante uma unidade extensa e complexa.

Em seguida apresenta-se, continuando a experiência concreta da PES, a reflexão decorrente da planificação desenvolvida para a lecionação da UL 1 do oitavo ano, a justificação das opções metodológicas e a avaliação da mesma.

4. Planificação, lecionação da unidade e justificação das opções metodológicas

A razão de ser deste ponto é a apresentação da lecionação da unidade que é o fio condutor desta reflexão. A lecionação foi preparada a partir de uma planificação que lhe atribuiu 5 aulas de 45 minutos. Fica aqui uma descrição de cada uma das aulas, conforme se pode conferir pela planificação em anexo⁵². Ao mesmo tempo que se apresenta a planificação, apresenta-se também a justificação das opções metodológicas.

Para a lecionação desta unidade foram escolhidas as competências específicas 5, 10 e 24⁵³. Concomitantemente à distribuição de 5 tempos letivos para esta unidade, revelou-se

⁵² Ver Anexos I, IV, VI, VIII, e XI.

⁵³ Recordando, as comp. específicas: a 5, «interpretar produções culturais (literárias, pictóricas, musicais ou outras) que utilizam ou aludem a perspetivas religiosas ou a valores éticos»; a 10, «mobilizar princípios e valores éticos para a orientação do comportamento em situações vitais do quotidiano»; e, a 24, «reconhecer as implicações da mensagem bíblica nas práticas de vida quotidiana».

impossível trabalhar todas as competências que o programa prevê. Tratando-se porém de uma proposta, foi escolhida uma competência de cada um dos domínios propostos pelo programa para a presente unidade. Depois os conteúdos foram redistribuídos tendo em conta os mesmos domínios, e a sua pertinência de acordo com a interpretação feita dos conteúdos programáticos relacionados com as competências específicas da disciplina. Procurou-se respeitar a normatividade do programa. O manual do aluno, embora adotado na escola, não foi adquirido pela maior parte dos alunos. Tal facto ditou a produção de materiais próprios, que foram adequados aos conteúdos pretendidos, e ao mesmo tempo respeitaram opções ecológicas, decorrentes das orientações da escola, e da lecionação da UL anterior, que apelavam a essa mesma consciência ecológica.

De forma simples passo agora a enumerar os conteúdos planificados para a presente UL: amor e fecundidade humana: fecundidade sinal e fruto do amor; amizade e namoro: o amor abre à vida e à relação com os outros; a família, célula da sociedade, que nasce do amor; amor e sexualidade: a sexualidade, um bem social; planeamento familiar: noção, paternidade/maternidade responsável, perspectiva ética da Igreja; uma educação sexual: não instrumentalização do ser humano; fecundidade como bênção de Deus e os filhos como dádiva; Ct 8, 6-7: amor humano, imagem do amor de Deus; 1 Cor 13: o amor cristão, abertura à relação com Deus; a família humana ligada pelo amor; Deus presente na fecundidade humana; desafios à vivência responsável do amor. Estes conteúdos são fruto quer da interpretação feita do programa, quer de uma apropriação e adequação dos conteúdos programáticos, com força normativa para o professor, à planificação elaborada para o ano letivo.

Porque foi aula a aula que a lecionação aconteceu, e porque ela ocupa um lugar central, já que é nela que o professor se joga a si mesmo, em todas as duas dimensões, optou-se pela apresentação seguinte que percorre aula a aula, a unidade 1 do oitavo ano, tal como foi perspectivada e dando-lhe mesmo um carácter narrativo.

4.1. Aula 1 - «o amor humano»

Esta aula foi preparada com o objetivo de introduzir os alunos na unidade letiva «o amor humano», dando-lhes a conhecer a complexidade do tema. Assim, em vez de partir da interpretação de produções culturais e artísticas sobre o amor, conforme o programa sugere, decidi aproveitar o resultado de uma tarefa que os alunos tinham realizado aquando da primeira aula a que assisti na turma. Tinha-lhes sido, então, proposta a tarefa de responderem à pergunta «o que é para mim o amor?/que dúvidas tenho (eu) sobre o amor?». Como

resultado da leitura das respostas foi elaborado um documento «O que é o amor/Para mim o amor é»⁵⁴, aproveitando este ponto de partida, para que os alunos possam sentir que a tarefa então realizada foi a primeira abordagem à unidade letiva, tendo igualmente, servido para que o professor pudesse diagnosticar qual a perspectiva dos alunos. Como o documento é longo, e impossível de trabalhar na totalidade, foram seleccionadas três respostas, a serem projetadas, refletindo posições distintas e contraditórias face ao tema: uma resposta «positiva», que expressasse motivação para a vivência do amor, na interpretação dos alunos; outra resposta «negativa», que expressasse a desilusão do ser humano, face à vivência do amor; e, finalmente, uma resposta que colocasse dúvidas. Desta forma, pretende-se facilitar a motivação dos alunos para a presente unidade letiva.

A aula começará com um momento de acolhimento, uma vez que se tratará da primeira aula a lecionar. Será o momento para uma saudação inicial, como habitualmente, reforçando o carácter de primeira aula da unidade, indicar o número da lição, e de os questionar sobre a última aula, aproveitando este espaço para introduzir a nova unidade. Para distribuir cópias do documento vou solicitar a ajuda de um aluno, informando-os, que o documento é o resultado das respostas com as respostas à tarefa que lhes tinha sido solicitada, exibindo-lhes essas mesmas respostas manuscritas, cuja transcrição realizei na preparação da aula. Considero importante que num primeiro contacto com o documento lhes seja dado algum espaço para que possam encontrar a sua própria resposta. Antes de passarmos a abordar algumas respostas seleccionadas no documento darei a conhecer a minha constatação depois de ter coligido as respostas: a maioria das respostas demonstram entusiasmo face ao tema, algumas transparecem apreensão, e apenas duas levantam algumas questões.

Vou utilizar como suporte para análise do documento os diapositivos da apresentação power-point (PPT)⁵⁵. Convidarei um aluno a ler cada uma das três respostas, e no final os restantes a encontrarem a resposta no corpo do documento. Vou começar pela resposta «positiva», e, depois pela resposta «negativa», e terminar na resposta que coloca dúvidas. Em cada análise procurarei estimular a intervenção dos alunos. O percurso escolhido para a análise do documento tem como pressuposto a ideia que fui concebendo, ainda que careça de verificação, de que, como a maior parte dos adolescentes, perante este tema não dão imediatamente a conhecer as suas dúvidas e receios, procurando adotar uma posição de maior segurança.

⁵⁴ Ver Anexo II.

⁵⁵ Ver Anexo III.

Este documento foi produzido para ser mobilizador do diálogo que pretendo que faça os alunos despertarem para este tema, e até para o poderem considerar mais profundamente, do que a mera abordagem superficial que poderiam fazer dele num qualquer diálogo, mesmo com um adulto, e mesmo em contexto escolar, para ir ao encontro da experiência significativa que esta disciplina pode proporcionar.

Neste sentido, o ritmo da aula será marcado pelo diálogo, como forma de os alunos darem a conhecer as suas dúvidas. Este tipo de aula é inconclusivo nesta fase. Porém, em certa medida, impõe-se supor que chegarão possivelmente às seguintes conclusões: o amor como um sentimento complexo e de difícil definição; a amizade e o namoro como duas formas distintas de relação; a fecundidade como sinal e fruto do amor; e, finalmente, o amor como capacidade de abertura aos outros.

De acordo com a gestão do tempo previsto, espero ser possível interrogar os alunos sobre dúvidas da aula, e convidá-los à formulação do sumário e à sua redação no caderno diário. Esta forma adotada permitir-me-á aferir da aquisição ou não das competências e dos conteúdos lecionados.

4.2. Aula 2 - «a família célula da sociedade e a sexualidade como abertura à vida»

A segunda aula da UL tem como objetivo de transmitir aos alunos que o amor é a origem da família e da sociedade e que a sexualidade é a nossa capacidade de abertura à vida. Uma vez que a aula não será tão centrada no aluno, optei por redigir o sumário no início da aula, utilizando como suporte de escrita o quadro preto e o PPT⁵⁶.

Para fazer a síntese da aula passada vou partir da pergunta «o que é o amor?». Pretendo com isto levar os alunos a perceberem o amor sobretudo como uma decisão, que envolve mais que as emoções: também a razão e a vontade. Além disso, é necessário que eles aprendam a distinguir entre o amor e a amizade, o amor que leva ao namoro e o amor solidário, como três dimensões da mesma realidade que têm de ser devidamente compreendidas e vividas para levar a pessoa a um caminho de felicidade.

Como tema relacionado nesta unidade surge a família, que os alunos eventualmente já terão trabalhado em ocasiões anteriores nesta disciplina⁵⁷. Por isso escolhi como ponto de partida a pergunta «o que é a família?» cujas respostas dos alunos vou registar no quadro,

⁵⁶ Ver Anexo V.

⁵⁷ Nomeadamente no 2º ciclo, na unidade 3 do 6º ano de escolaridade.

consoante a sua pertinência, e de acordo com os conteúdos que lhes pretendo transmitir. Para servir de exploração às respostas dos alunos, e também aos conteúdos em questão vou usar novamente o PPT 2⁵⁸. Em primeiro lugar ser-lhes-á apresentada a família como célula fundamental da sociedade, e que deve ser fruto do amor. É previsível que os alunos não concordem com esta última parte, por eventuais experiências pessoais, e ao mesmo tempo que nunca tenham pensado na família, como essencial para a construção da sociedade. Essas dúvidas podem ser resolvidas com a exposição das funções da família: ensinar valores, proteger os seus elementos, e integrar os seus membros na sociedade. Será interessante explorar a ideia que os alunos têm de deveres e direitos da família, em complemento com as obrigações do Estado para com esta instituição nuclear da sociedade. Eventualmente, os alunos estarão despertos para os direitos básicos da família, como sejam a habitação, o trabalho, a proteção, os cuidados médicos e a liberdade. Através do documento PPT serão sintetizados, depois, os deveres em cinco: cuidar de todos os membros; respeitar todos os membros, em especial os mais fracos; partilhar não apenas recursos mas também o tempo, e no fundo a vida toda com os familiares; obedecer aos mais velhos. É espetável que os alunos sejam sensíveis a todos estes direitos e deveres permitindo assim a síntese.

O terceiro ponto previsto da aula quer partir da audição/visualização da locução contida no manual multimédia do professor, para responder à pergunta «o que é a sexualidade?». Esta locução apresenta a sexualidade como uma força ao mesmo tempo biológica e psicológica, que constrói o «eu», nos abre ao «tu» e nos permite alargar ao «nós», tendo como base o texto apresentado no manual do aluno⁵⁹. O documento anexo continua através de diapositivos que preveem ser um recurso se a exploração da locução não for viável, a fim de assegurar e completar a transmissão dos conteúdos previstos. Partindo de uma afirmação da Organização Mundial da Saúde, donde foram três palavras: amor, contacto e intimidade, para demonstrar aos alunos que a sexualidade não é redutível à genitalidade, mas está também, e sobretudo, presente nos sentimentos, nas ações e nas interações de uns com os outros. É ao mesmo tempo o que afirma o Catecismo da Igreja, ao dizer que a sexualidade afeta todos os aspetos da pessoa na unidade do seu ser, sendo um «exercício da nossa capacidade de amar e de procriar e de criar laços de comunhão com outra pessoa»⁶⁰. Pretendo manter quanto possível o diálogo com os alunos durante esta exposição.

⁵⁸ Cf. Anexo V.

⁵⁹ Cf. SECRETARIADO NACIONAL DA EDUCAÇÃO CRISTÃ, *Livres para amar, Manual do aluno*, Secretariado Nacional da Educação Cristã, Lisboa, 2009, 28-29.

⁶⁰ *Catecismo da Igreja Católica*, Gráfica de Coimbra, Coimbra, 2000², n.º 2332.

Antes de concluir a aula com uma síntese, vou dar espaço às dúvidas, e depois pedir aos alunos que completem as afirmações contidas no diapositivo 25⁶¹. O amor é querer o bem do outro. A família é célula da sociedade e fruto do amor. A sexualidade é a nossa capacidade de abertura à vida. Se os alunos forem capazes de completar as afirmações será um indicador da sua atenção/concentração e da sua aquisição de conteúdos.

4.3. Aula 3 - «A fecundidade ao serviço da pessoa e da sociedade»

A meio da lecionação da UL, a aula 3 tem como objetivo que os alunos reconheçam no exercício da sexualidade humana um serviço ao amor, à pessoa e à sociedade, na medida em que haja planeamento familiar e educação sexual. No seguimento das aulas anteriormente planificadas, e tendo em conta o sucesso da estratégia, também esta foi planificada tendo como base o recurso aos meios audiovisuais, como estímulos para os alunos⁶².

Após o acolhimento e o registo do sumário no caderno diário, os alunos serão convidados a realizar uma síntese da aula anterior, partindo do diapositivo anteriormente visualizado e utilizado para conclusão da aula anterior, fazendo apelo também à memória visual dos alunos. Recordados os conceitos de amor, sexualidade e família, procurarei fazer chegar os alunos à necessidade da pergunta catalisadora da aula de hoje: «como se constrói a família?». Vou registar as respostas dos alunos no quadro negro, para facilitar que eles possam ir descobrindo a resposta correta, e que eu possa também ter um ponto de partida para a apresentação da noção de planeamento familiar.

A apresentação desta noção vai partir da imagem e do conceito de planear. Em primeiro lugar quero despertar nos alunos a noção de que ser pai e mãe é uma decisão de responsabilidade a dois. Além disso os filhos são fruto do amor entre o casal. Por isso mesmo numa «gravidez indesejada» os filhos nunca podem ser fruto do acaso, nem do egoísmo! Os vários métodos, estão ao serviço desse amor que deve nortear a construção da família. O que o casal tem de conhecer, ambos, e os diferentes métodos, são apenas uma ajuda a que a gravidez seja o fruto de um amor maduro, fecundo e aberto à vida! Por isso pretendo que os alunos saibam que a ajuda e aconselhamento médicos são fundamentais, sem no entanto não substituírem o diálogo entre o casal. É o casal o responsável pela vida: deles e dos filhos.

Tendo na aula passada trabalhado a noção de sexualidade, nesta aula pretende-se despertar nos alunos a necessidade de educar a sexualidade, como uma forma de não instrumentalização do ser humano. Escolhi apresentar esta noção em diálogo com os alunos, a

⁶¹ Cf. Anexo V.

⁶² Cf. Anexo VI.

partir do suporte do PPT 3⁶³. Assim, em primeiro lugar, educar a sexualidade é um ato de amor pela vida, para podermos viver tranquilamente e sem angústias, porque a sexualidade é uma experiência de liberdade. Viver a sexualidade envolve tomar decisões responsáveis, e nenhum método de *planeamento familiar* é, por si só, 100% eficaz. Não optei por apresentar aos alunos os métodos de planeamento familiar uma vez que poderão ser trabalhados na Formação Cívica. A principal ideia a transmitir aos alunos é exatamente que não somos instrumentos ao serviço do egoísmo, e que se várias vezes ao longo das aulas desta disciplina o vão escutando, uma vez mais aqui é preciso repetir que a VIDA é 100% um dom, por isso temos de reconhecer cada vez mais a dignidade da pessoa.

Nesta aula propus aos alunos fazerem a sua própria síntese no caderno diário. Assim, realizarão no final da aula uma breve tarefa, a partir do suporte PPT, que apresenta para completar: 1) *O planeamento familiar é...* 2) *A fecundidade deve estar ao serviço da pessoa e da sociedade...* e 3) *A educação sexual é necessária porque...* Propositadamente não são apresentadas soluções para a proposta, ao contrário da aula anterior, para que desta forma, cada aluno possa apropriar-se dos conteúdos abordados. Terminarei com uma síntese oral, de acordo com os conteúdos transmitidos.

4.4. Aula 4 - «O amor na Bíblia»

O objetivo desta aula é que os alunos percebam que a Bíblia também fala do amor humano, e que o povo bíblico o interpretou como imagem do amor de Deus por estes; além disso, pretende-se introduzir os alunos na compreensão do amor cristão, o amor à maneira de Jesus Cristo, que é lugar do encontro com Deus, que é capacidade de abertura à relação com Deus. No seguimento das aulas anteriormente planificadas, e tendo em conta o sucesso da estratégia, também esta foi planificada tendo como base o recurso aos meios audiovisuais, como estímulos para os alunos⁶⁴. Já enunciados, os textos bíblicos a analisar nesta aula serão distribuídos aos alunos num documento próprio, além de serem projetados a partir da apresentação PPT 4⁶⁵.

A síntese da aula anterior será breve, e feita com base no exercício final da aula anterior. Como definição de planeamento familiar é dito que é «planear responsabilmente o ser pai e mãe, gerando filhos frutos do amor, colocando assim a fecundidade ao serviço da pessoa e da sociedade». E, de acordo com o transmitido na aula anterior, «a educação sexual é

⁶³ Ver Anexo VII.

⁶⁴ Cf. Anexo VIII.

⁶⁵ Ver Anexo IX – Documento 2 - «O amor na Bíblia» e Anexo X – PPT 4.

necessária para não sermos pessoas ao serviço do egoísmo, mas vivermos corretamente a nossa sexualidade».

Esta aula parte da questão «o que diz a Bíblia sobre o amor?». Antes de analisar e distribuir o documento 2 é oportuno recordar aos alunos a estrutura fundamental da Bíblia, sua composição, e o modo de citar os textos bíblicos. Poderia ser dispensável se neste ano os alunos tivessem já abordado um outro texto bíblico. Porém, é fundamental situar os textos bíblicos que vão ser analisados. Não foram escolhidos os textos bíblicos sugeridos para esta UL no programa, porém foram escolhidos textos de entre os propostos para serem trabalhados em todo o programa, que em meu entender estão mais diretamente relacionados com a perspectiva a transmitir, tendo em conta precisamente os critérios que norteiam a sua escolha: pertinência em relação ao assunto, adequação à faixa etária dos alunos, e tendo em conta a sua mensagem e interesse pedagógico⁶⁶.

O primeiro texto escolhido, de Ct 8,6-7, foi escolhido fundamentalmente pelo seu carácter simbólico: uma das mais belas páginas do AT, em que está patente a experiência do povo bíblico que descobre no amor humano uma imagem do amor de Deus, que ama o Seu povo com um amor que é um amor apaixonado, como o que une os esposos. Pretende-se que os alunos deem conta da sacralidade do amor humano, no qual os crentes descobrem o amor divino. A partir das comparações utilizadas pelo texto pretende-se salientar a força divina que o povo bíblico descobre no amor.

O segundo texto escolhido, 1 Cor 13, é uma das mais belas páginas, literariamente falando, de todo o corpus paulino. Assim, pretende-se que os alunos descortinem o amor como realidade ao mesmo tempo transcendente e humana. Será destacada sobretudo a beleza da descrição e das comparações, ao mesmo tempo que, num diálogo e comentário deste texto, os alunos possam recordar que o amor cristão é entendido á luz do paradigma Jesus Cristo, e que vai até ao amor do inimigo, e que traz consigo a capacidade de perdoar, ou seja um amor que não é apenas atitude passiva ou contemplativa, mas que é ação na vida do crente.

Esta análise será feita com o apoio do documento PPT. Em resumo serão apresentadas algumas conclusões, que querem levar os alunos a descobrir o que o crente, na sua relação com Deus, descobre: o amor, que passa assim a ser uma atitude divina, e lugar de encontro para o crente. Se os alunos em aulas passadas descobriram o amor como capacidade de abertura à vida, aos outros, plasmada também na sexualidade, nesta pretende-se que, dando um passo mais, descubram o amor como capacidade de abertura à relação com Deus.

⁶⁶ Cf. COMISSÃO EPISCOPAL DA EDUCAÇÃO CRISTÃ, *Ibidem*, 37-40.

Finalmente, como síntese da aula, os alunos serão convidados pelo professor a comentarem no caderno do aluno a frase que mais os tocou nos textos bíblicos analisados.

4.5. Aula 5 - «Desafios para a vivência do amor»

A aula 5 da UL tem como objetivo mostrar aos alunos a descoberta que o crente faz de Deus, presente no amor humano, que através da bênção da fecundidade e da dádiva dos filhos, na interpretação bíblica⁶⁷. Também pretende levar os alunos a reconhecer o amor como ligação da família humana e apresentar-lhes alguns dos desafios que se colocam à vivência responsável do amor, introduzindo-os já nos conteúdos da UL 3, «a liberdade».

Será feita uma síntese da aula anterior recorrendo ao documento PPT, sobre o amor na Bíblia. E depois serão apresentados os conteúdos acima referidos em diálogo com os alunos, a partir das suas próprias conclusões. A partir desta síntese os alunos serão induzidos à experiência crente que, conforme descobriram na análise precedente dos textos bíblicos, permite descobrir a presença de Deus, recordando-lhes o texto já estudado no ano anterior de Gn 1, onde o ser humano, homem e mulher, é apresentado como imagem e semelhança de Deus. Construindo em seguida com os alunos a ligação ao texto do AT analisado na aula passada: porque imagem de Deus, o ser humano pode descobrir em si mesmo, no seu amor, como atesta a bíblia, essa marca de Deus. Porém não o descobre apenas no amor do casal, também no amor solícito ao próximo, como atitude fundamental do cristão, na caridade, o crente faz a experiência de uma realidade que «não passará jamais». Por fim são apresentados alguns dos desafios que advêm da vivência do amor com responsabilidade, tendo como base o manual do aluno⁶⁸.

Como síntese da aula e da UL serão realizados na aula exercícios interativos propostos no manual multimédia do professor, a propósito desta unidade, permitindo ao mesmo tempo fazer a avaliação da lecionação da unidade.

5. Avaliação da unidade planificada e lecionada

As aulas decorreram na globalidade de acordo com a planificação, tendo esta sido executada de acordo com o ritmo dos alunos. Foi notório o interesse que estes demonstraram perante o tema da UL. Tornaram viva a unidade planificada. Deram-lhe forma. Uma forma

⁶⁷ Cf. Anexo XI.

⁶⁸ Cf. Anexo XII. A este propósito também Cf. SECRETARIADO NACIONAL DA EDUCAÇÃO CRISTÃ, *Ibidem*, 57-60.

particularmente agradável, que só os adolescentes sabem dar a este tema. Conforme os relatórios de aulas demonstram foram evoluindo nas falhas, sobretudo ao nível do comportamento e de atitudes em sala de aula. Permitiram também ao professor crescer enquanto faziam eles mesmos parte desta experiência de PES. Os conteúdos selecionados revelaram-se adequados.

As aulas foram sobretudo centradas nos alunos, dando espaço às suas questões, desde a primeira aula da UL. Os suportes utilizados foram simplesmente um auxílio à condução da aula. Cada aula aconteceu tendo como ponto de partida a planificação, conforme a descrição feita, sem que no entanto ela tenha sido uma preocupação. De facto foi mais um instrumento ao serviço das aulas. Claro que houve sempre aspetos a melhorar, desde o ponto de vista logístico, até à preparação científica para a lecionação das aulas. Algumas das limitações experimentadas decorreram das limitações físicas do edifício e da sala. Todas elas porém foram objeto de diálogo, reflexão e, quanto possível, melhoradas.

As cinco aulas planificadas revelaram-se insuficientes para a transmissão dos conteúdos previstos pelo programa, razão que justificou a seleção de conteúdos efetuada. Claro que a par desta razão, sempre esteve a questão motivadora do presente trabalho, e portanto, o primeiro objetivo foi testar a unidade letiva em função dos alunos e para responder às suas necessidades.

6. Síntese

A PES permitiu-se ser um verdadeiro laboratório em que desde as opções metodológicas, até à execução da planificação e lecionação tudo foi colocado em questão. Longe de encontrar perguntas sem resposta, esta experiência levada a efeito permitiu ao professor estagiário aplicar os conhecimentos adquiridos na sua formação.

Conforme demonstrado, o primeiro ponto foi o contacto com um campo específico que é a escola onde funciona o núcleo de estágio e uma turma concreta. Depois a execução da planificação supôs um percurso prévio na preparação dos conteúdos a lecionar. Foi necessário interpretar criticamente o programa, a fim de encontrar opções e linhas de força que permitissem que ele fosse adequado a cinco tempos letivos. Depois sim, a planificação ela mesma foi construída, descrita, bem como todas e cada uma das aulas, adaptando recursos didáticos, mas também construindo os que foram necessários. O recurso ao áudio-visual

tornou-se uma constante na medida em que permitiu encontrar o tempo necessário para no contexto da aula poder privilegiar o contacto pessoal com os alunos.

Evidenciou-se a necessidade de evoluir a partir das capacidades demonstradas, a fim de chegar a um aperfeiçoamento cada vez maior, aplicando as competências profissionais aqui desenvolvidas. Um fator relevante foi a atividade profissional já desenvolvida pelo professor estagiário, que se tornou num ponto de referência ao nível da experiência letiva, permitindo que cada aula na turma de estágio fosse uma evolução no desempenho docente.

CAPITULO III – REFLEXÃO CRÍTICA SOBRE O TEMA DO AMOR HUMANO APRESENTADO NO PROGRAMA DA DISCIPLINA

O programa de EMRC estabelece como critérios gerais de avaliação de conteúdos para a área temática do *amor, amizade e sexualidade*, na qual se integra a UL 1 do oitavo ano, «o amor humano», que o aluno revele conhecer os mecanismos das relações interpessoais, o egocentrismo e o altruísmo, modos de construção de amizades, o amor humano, a sexualidade e a afetividade, o erotismo e o impulso sexual, o namoro e o casamento e, finalmente, o planeamento familiar⁶⁹. Partindo destes conteúdos poder-se-á fazer uma aproximação mais correta e uma análise mais fiel do programa por ciclos de ensino. Aquilo que se considera como «o amor», na análise de ciclos, poderia com correção ser antes dito de «amor, amizade e sexualidade», para corresponder à intuição do programa da disciplina. Assim, ao dizer «o amor», está-se efetivamente a querer significar toda esta área temática. Utiliza-se esta redução, aproveitando o título que a UL apresenta no manual da disciplina.

1. O amor no programa para o ensino básico

Em seguida, apresenta-se a análise do amor, amizade e sexualidade, nas unidades dos três ciclos do ensino básico.

1.1. Primeiro ciclo

Numa análise mais superficial ao mapa de unidades letivas do primeiro ciclo – os quatro primeiros anos de escolaridade – vinte no total, há pelo menos metade capazes de remeter para conteúdos relacionados com esta área temática.

No primeiro ano são propostas as unidades 1, 4 e 5, respetivamente, *Ter um coração bondoso*, *Crescer em família* e *Amar a natureza*. Nenhuma delas a não ser 4 tem conteúdos específicos desta área: a relação afetiva, a atenção aos outros e a solicitude. No segundo ano são propostas as unidades 1, 3 e 5. A unidade 3, *Ser amigo*, explora significativamente o que é a amizade, a diferença, apresenta Jesus como exemplo de um amigo universal, que suscita o amor do outro como Deus ama e a seu mesmo exemplo. Também a unidade 5, *Deus é amor*, coloca um ênfase especial na dimensão sobrenatural do amor, que é a essência do mesmo

⁶⁹ Cf. COMISSÃO EPISCOPAL DA EDUCAÇÃO CRISTÃ, *Programa de Educação Moral e Religiosa Católica, Ensinos Básico e Secundário*, 169.

Deus, anunciado por Jesus, e com quem o crente pode estabelecer relação através da oração e através da relação que estabelece com as outras pessoas. O terceiro ano contribui com as unidades 1, 3 e 4. A unidade 3, *Encontro com Deus*, tem como ponto de partida a pessoa na sua dimensão espiritual e a sua capacidade e necessidade de se relacionar com Deus, e é assinalável precisamente por apresentar também Deus que pensa em cada um, relacionando-se com o crente através da imagem do amigo. A unidade 4, *Ser solidário*, operacionaliza as competências específicas 8 e 9, falando de exemplos concretos de fraternidade cristã fundada no amor de Deus para com todas as pessoas. Além disso, quer levar os alunos a mobilizar valores como a solidariedade e a cooperação para situações vitais do quotidiano. Finalmente, no quarto ano, a unidade 3, *Crescer na diversidade*, pode ser, embora não imediatamente, relacionada com esta área temática, no sentido em que trabalha o valor da diferença, o respeito e remete uma vez mais para a igual dignidade da pessoa, da solidariedade e da diversidade sexual, estimulando a amizade e o acolhimento como resposta possível às diferenças.

Pode-se concluir, pois, que esta área está marcadamente presente no primeiro ciclo, e que o programa pretende levar o professor desde o início do percurso escolar a abordar conteúdos que podemos classificar de pilares sobre os quais se vai edificar esta construção. Porém, a experiência diz-nos que a fraca ou deficiente implementação da disciplina no primeiro ciclo, pode constituir um obstáculo futuro à abordagem de conteúdos que, precisamente organizados em competências a operacionalizar, e que devem ser gradualmente trabalhadas, são dados como pressupostos e, dada a diversidade de percursos e possibilidades de currículo académico do aluno, terão porém de ser objeto de primeira abordagem futura.

1.2. Segundo ciclo

Há três unidades letivas que abordam conteúdos próximos das áreas temáticas do amor, amizade e sexualidade. A unidade 3 no quinto ano, *Jesus, um homem para os outros*, tem como conteúdos a apresentação da vontade de Deus expressa no amor ao outro e no bem de cada ser humano, e a revolução do coração humano, viver centrado no amor ao próximo. Será na unidade 1 do sexto ano, *A pessoa humana*, que se abordarão conteúdos de ordem fundamental: a dimensão afetiva e sexual da pessoa e a dimensão espiritual. A primeira como abrangendo a totalidade da pessoa, a abertura aos outros a partir da linguagem do corpo, e a rutura com o egoísmo e vivência do amor. Finalmente neste ciclo, a unidade 3 do sexto ano, *A família comunidade de amor*, fala das funções dos membros adultos da família, entre as quais está a função de afetividade, e de toda a família, a função humanizadora, que sendo origem da vida humana é também o espaço onde se educa e cresce no amor. Além disso são destacados

como valores para a vivência da vida familiar a comunhão de pessoas que vivem no amor e ainda a vivência da solidariedade, do dom de si mesmo, da justiça e do amor.

Este ciclo de ensino é, portanto, mais concreto na abordagem desta área temática. Repare-se que num total de dez unidades letivas, seguindo o esquema proposto para o primeiro ciclo, conseguem destacar-se três mais diretamente relacionadas com o amor, a amizade e a sexualidade. Uma vez mais é proposto um ensino de alicerces que traça os caminhos de formação da pessoa conforme à mensagem cristã. A diferença do primeiro ciclo, o ensino religioso escolar neste ciclo já se demarca mais da catequese e permite uma abordagem mais conforme àquela que deve ser a proposta da EMRC.

1.3. *Terceiro ciclo*

Constituído por doze unidades letivas, a continuação do programa de EMRC para o terceiro ciclo aborda conteúdos desta área temática em pelo menos sete das unidades propostas. Destaque dado à unidade 3 do oitavo ano, que é a única que no oitavo ano aborda conteúdos claramente da área temática em causa, e se intitula mesmo *o amor humano*, percorreremos primeiro as restantes unidades para perceber a abordagem no terceiro ciclo.

No sétimo ano três das quatro unidades letivas, a 1, 2 e 3, fazem referência aos seguintes conteúdos: na primeira unidade, a mensagem fundamental do Génesis na qual se apresenta amor de Deus como criador e alimento da natureza, na qual se integra o ser humano; na unidade *As religiões abraâmicas*, a segunda, ao apresentar a perspetiva cristã de Deus, volta a insistir no amor de Deus pelo ser humano de forma incondicional e independente do seu comportamento; finalmente a terceira, *A riqueza dos afetos*, é sobremaneira importante neste ano escolar ao abordar conteúdos como a identificação de sentimentos (amizade, amor e desejo sexual), a linguagem do amor para lá do egocentrismo infantil como relação pessoal não possessiva nem centrada só no prazer, como linguagem de doação e aceitação do outro e como construção da comunhão, referindo-se a textos bíblicos como o Cântico dos Cânticos e 1 Cor 12,31-13,8a.

No oitavo ano, a unidade 1, *O amor humano*, é por assim dizer, o centro programático deste tema, ao abordar o amor e a fecundidade humana, o planeamento familiar, a perspetiva ética da Igreja sobre a sexualidade, a fecundidade como bênção de Deus e os filhos como dádivas de Deus, a família universal fundada por Jesus baseada na aceitação da vontade de Deus expressa no amor e o ser responsável equacionando o significado e as consequências dos próprios atos e opções. Porque foi a unidade escolhida como ponto de partida para a reflexão no presente trabalho será ao mesmo tempo a medida e o referencial para aferir no

essencial o que considera o programa que é o amor humano. Permitimo-nos pois, deixar para um momento posterior as reflexões que emergem a partir do estudo, da lecionação e da problematização desta unidade.

No nono ano poder-se-á considerar que é impossível abordar qualquer uma das unidades sem encontrar referências mais ou menos explícitas à presente área temática. A unidade 1, *A dignidade da vida humana*, embora não seja uma unidade explícita neste particular, é claramente um ponto de chegada na atividade que é proposta aos alunos ao trabalhar especificamente em todo o programa a competência 1. Parece-nos inaceitável, dentro da ótica cristã, reconhecer a dignidade da pessoa sem perceber verdadeiramente e integralmente a sua dimensão afetiva, relacional, que é o amor. Mais exemplos seriam possíveis nesta unidade, mas fugiriam ao intuito do trabalho desenvolvido. Porém, na sequência desta reflexão, *Deus, o grande mistério*, a unidade 2 deste ano, remete especificamente nos seus conteúdos para o monoteísmo e fraternidade universal, e para o apelo à construção de um mundo solidário. Também é de considerar a aproximação às representações de Deus presentes na Bíblia. Nesta mesma linha segue a unidade 3, *As religiões orientais*, que para abordar como conteúdo a felicidade humana, remete para as perspetivas judaico-cristã do amor a Deus e ao próximo e cristã do amor aos inimigos. A unidade *Projeto de vida*, quarta no nono ano, não é explícita nesta abordagem mas ao falar da felicidade na relação com os outros, e o assumir de valores éticos fundamentais conta, entre estes, o amor.

Verifica-se no terceiro ciclo o princípio da gradualidade nos conteúdos a transmitir. Os conteúdos vão sendo progressivamente mais densos, até que se torna impossível abordar qualquer área temática sem referências intercruzadas às restantes. O que o programa espera desta área temática conhece um significativo avanço na abordagem da unidade 1 do oitavo ano. *O amor humano* é, pois, um ponto fundamental na hora de falar do amor.

2. O amor no programa para o ensino secundário

A perspetiva do programa de EMRC para o ensino secundário está fortemente assente na antiga conceção de ensino «complementar», no sentido em que os temas apresentados para as unidades letivas do secundário são, em boa medida, um aprofundamento de alguns temas, e um complemento de outros. O essencial sobre as diversas áreas temáticas fica, pois, dito no programa para o ensino básico. As doze unidades letivas que o programa propõe para o ensino

secundário, que atualmente abrange o ensino obrigatório para todos alunos a frequentar o sistema de ensino, reservam para a área temática em questão, quatro unidades letivas.

A unidade dois, *Valores e ética cristã*, apresenta como conteúdos próprios desta área o amor a Deus e ao próximo, como valor emergente de uma ética cristã. A par com esta, a unidade seis, *Um sentido para a vida*, apresenta como conteúdos o dar sentido à vida a partir da entrega, a dádiva de si, o amor, a reconciliação, a solidariedade e a promoção dos outros. São duas unidades que podem ser consideradas como indiretamente ligadas a esta temática. Mais explícitas são as unidades 4 e 11. *A civilização do amor* aborda os seguintes conteúdos: a humanidade realizada no Eu na sua relação com o Tu e na criação de laços de comunhão coletivos; o outro como pessoa, como relação, como abertura à existência do diferente de mim, a solidariedade e paternidade; o Eu como manifestação autêntica da pessoa ao outro; o Nós como comunidade resultante do encontro de pessoas que se reconhecem mutuamente livres; o textos bíblicos de 1Jo 4,7 (Deus é amor), Mc 12,28-34 (o mandamento do amor como centro da mensagem cristã), e Jo 13,34-35 (o mandamento novo); e, finalmente, como construir a civilização do amor a partir das relações interpessoais na perspectiva do amor, a vida como dom de si, e as questões sociais decorrentes da construção de uma civilização planetária centrada no amor. *O amor fecundo* é uma unidade também riquíssima na abordagem de conteúdos explícitos desta área: significado das palavras sexualidade, erotismo, egoísmo e amor; impulso sexual; instinto *versus* liberdade na vivência da própria sexualidade; prazer, amor e procriação e perspectiva da Igreja; o egoísmo estéril; o amor fecundo, com a apresentação do Cântico dos Cânticos, do amor como gerador de relação, felicidade do amante e do amado, emoção, sentimento, paixão, fruição, querer o bem do outro, respeito pela alteridade, identidade e intimidade, compromisso na relação; razões que conduzem à perda do amor e ao desinteresse pelo outro; o amor humano como aprendizagem, renúncia ao egoísmo e amadurecimento.

O amor é, pois, no ensino secundário apresentado em toda a sua riqueza e de acordo com a perspectiva cristã.

3. Virtudes e limites do programa

Percorrido que foi o programa de EMRC, através da exploração, ainda que sumária, das unidades letivas que o compõem, é notória a proximidade da exposição à ótica cristã. Por um lado, o amor é apresentado como realidade humana, conforme ficou descrito, que envolve todas as dimensões da pessoa. Por outro, apenas com algum esforço, se pode depreender que

na ótica cristã o amor é mais do que mera realidade humana, para se tornar epifania do divino⁷⁰.

Porque constitui o ponto de partida, mais concreto, da reflexão aqui levada a cabo é necessário apontar as virtudes e as insuficiências da abordagem deste tema na unidade 1 do oitavo ano. O título da própria unidade tem, por um lado, uma virtude e, por outro, uma limitação. A virtude é que para falar da sexualidade, conforme a materialização nos conteúdos do programa, dá-lhe um «cunho» maior – na ótica do amor – enquanto vivência de uma dimensão da pessoa, portadora de uma dignidade própria e inalienável, e de que a sexualidade humana é uma expressão incontornável. A limitação é que, ao reclamar para título «o amor» limita-se a essa perspectiva relacional dos seres humanos entre si, e não permite aceder ao nível sobrenatural do amor. Os conteúdos da referida unidade são quase exclusivamente direcionados nesta perspectiva mais pobre, ou, mais reduzida.

O amor e a fecundidade humana constituem um prólogo a algo pouco diferente dos conteúdos da mera educação sexual, e em certo sentido «pobre» para uma aula que se pretende de educação moral e religiosa católica. A confirmar este intuito seguem-se os conteúdos que lhe seriam próprios: o planeamento familiar, e um enumerar de métodos anticoncepcionais, intercalados com a noção de paternidade e maternidade responsáveis. A riqueza da perspectiva ética da Igreja sobre a sexualidade é todavia salvaguardada. Os conteúdos bíblicos da unidade, a fecundidade como bênção de Deus e os filhos como dádivas de Deus, a família universal fundada por Jesus baseada na aceitação da vontade de Deus expressa no amor, a partir de dois textos sálmicos (Sl 127,3-5 e Sl 128,3) e do texto evangélico (Mc 3,31-35) indo embora de encontro à perspectiva do amor como sexualidade e como gerador da fraternidade universal colocam algumas questões, sobretudo do último texto. Seria este o texto mais óbvio para falar da família universal que Jesus fundou? Na riqueza dos textos bíblicos escolhidos e distribuídos pelas unidades letivas este não responde cabalmente a esta intensão expressa nos conteúdos⁷¹. O conteúdo «ser responsável equacionando o significado e as consequências dos próprios atos e opções», vai claramente de encontro apenas à conceção de amor apenas vinculado à sexualidade.

⁷⁰ Diz Pié-Ninot que o conceito de epifania como manifestação divina é muito útil para qualificar melhor o Deus vivo que se manifesta e se torna experimentável na sua santidade como realidade concretamente presente, como força que cria, guia, julga e salva, tratando-se de uma conceção própria do Novo Testamento que interpreta a história da salvação como a epifania de Deus e de Jesus Cristo. Cf. Salvador PIÉ-NINOT, *La teologia fundamental*, Secretariado Trinitario, Salamanca, 2001, 243.

⁷¹ Cf. COMISSÃO EPISCOPAL DA EDUCAÇÃO CRISTÃ, *Programa de Educação Moral e Religiosa Católica, Ensinos Básico e Secundário*, 39-42.

Parece, pois, que se trata de uma tentativa de agrupar aqui toda a perspetiva moral da Igreja sobre a sexualidade, tanto mais que no ensino básico mais nenhuma unidade aborda desta forma esta temática. A limitação fica assim demonstrada uma vez que até para falar apenas da sexualidade, e numa perspetiva conforme às ciências da educação, esta unidade letiva é parcial, porventura incompleta, e redutora.

Conforme ficou também demonstrado, o programa de EMRC é portador de uma perspetiva maior sobre esta realidade complexa. Porém levanta algumas questões: não seria importante que o programa do segundo e terceiro ciclos fosse portador de uma perspetiva mais completa, como aquela que o programa todo em si traz, uma vez que o primeiro ciclo e o ensino secundário são, na maior parte dos casos, os ciclos de ensino da disciplina menos implementados? Em nome do princípio da gradualidade, não conviria, por exemplo, rever os conteúdos na ordem em que eles são propostos, aliás, reordenar mesmo o mapa de unidades letivas? Porque é que ficaram de fora no programa conteúdos como as diferenças na orientação sexual, e questões daí decorrentes na constituição da família ou até da dignidade da pessoa?

Se a perspetiva normativa era que a disciplina, embora opcional, é uma oferta constante no ensino regular, básico e secundário, é necessário envidar esforços para colmatar as falhas subsequentes: quer ao nível da frequência da disciplina, que pode ser intermitente, quer ao nível da implementação da mesma oferta em todos os ciclos de ensino, para que seja efetiva e não apenas legal. Diga-se também, em resposta às últimas questões levantadas que a sociedade portuguesa conheceu uma mudança do enquadramento legal já posterior à elaboração do programa. Por exemplo, no direito à união de pessoas do mesmo sexo, porém o mesmo não se pode dizer de famílias monoparentais, ou fruto de divórcios, e que, por exemplo nos conteúdos da unidade letiva 1 do oitavo ano nem sequer são referidas.

Convirá percorrer o manual único da disciplina e tentar perceber quais as opções que lhe estão subjacentes.

4. Reflexão sobre a proposta do manual do aluno do oitavo ano «Livres para amar»

O manual do oitavo ano de EMRC, *Livres para amar*, editado pelo Secretariado Nacional da Educação, constitui, no seu conjunto – manual e caderno do aluno, manual e manual multimédia do professor – um excelente recurso ao serviço da educação e,

concretamente, desta disciplina. As suas opções metodológicas na globalidade seguem a orientação definida pelo programa, o que é uma virtude. O professor pode verdadeiramente confiar no manual.

De facto, a duas unidades que servem de chave-mestra no programa de EMRC para o oitavo ano, a UL 1, *o amor humano*, e a UL 3, *a liberdade*, estão bem patentes até no título escolhido para este manual. «Livres para amar» interpreta bem isso mesmo, o grande objetivo da disciplina para este ano de escolaridade. E adequadamente. Há que reconhecer que graficamente houve um salto qualitativo enorme, face aos anteriores manuais. A preocupação por atualizar recursos está bem patente. A reflexão que aqui se quer desce ao nível da UL 1 e não pretende ser extensiva a todo o manual⁷².

Os conteúdos, aparentemente, repetem normativamente o programa. As semelhanças são notórias: o amor e as suas manifestações artísticas, a amizade e o namoro, a sexualidade e a abertura à vida, vivência problemática da sexualidade, a família, o planeamento familiar, a paternidade e maternidade responsáveis, a fecundidade e a adoção, o amor e a família na Bíblia, e desafios para uma vivência responsável do amor.

Há, porém, aqui, uma concretização que não vai de encontro ao programa. O programa determina que seja apresentada a perspetiva ética da Igreja, e o manual opta por fazer uma apresentação da vivência problemática da sexualidade⁷³. Poder-se-ia discordar desta opção que inverte a indicação do programa. Detendo-nos um pouco mais neste particular: o manual apresenta de forma negativa a vivência da sexualidade. Num certo sentido, esta concretização, ao inverter a perspetiva ética da Igreja, para a apresentar a partir de conteúdos negativos – isto é, do que não está correto, eticamente falando – traz para a sala de aula temáticas que os alunos ainda não estão capacitados para entender, ou para discutir criticamente. Mais, estando estes numa fase de formação da personalidade, são sensíveis a qualquer reflexão que se faça, não podendo apenas ser apresentada sem a devida fundamentação.

Pareceria, antes, mais sensato apresentar simplesmente a sexualidade como abertura à vida, decorrente sim da perspetiva ética da Igreja. Mas de forma positiva. Veja-se por exemplo a perspetiva adotada quando foi lecionado este conteúdo: apresentar a dignidade da pessoa, que por isso não deve ser instrumentalizada. Aliás, o contributo do manual nesse

⁷² Em análise está a UL 1, tal como apresentada no manual, 10-60.

⁷³ Cf. COMISSÃO EPISCOPAL DA EDUCAÇÃO CRISTÃ, *Programa de Educação Moral e Religiosa Católica, Ensinos Básico e Secundário*, 104-105; e Cf. Secretariado Nacional da Educação Cristã, *Livres para amar, Manual do aluno*, 30-31.

ponto é excelente. Porém trata-se de uma opção, e em seguida apresenta o tal ponto sobre a vivência problemática da sexualidade.

Verdadeiramente não existe uma falha que justifique ser inaceitável esta opção metodológica. O professor tem também aqui uma oportunidade de se apropriar manual, e de optar, ou não, por lecionar os conteúdos tal como o manual os interpreta. A intuição que vai surgindo, na linha de resto do que foi considerado a propósito do programa da disciplina, é que a noção de amor, tal como apresentada, passa também ela imediatamente para as concretizações do amor, sem lhe dar devido relevo, muito menos na perspectiva cristã. De facto, o manual respeita os textos bíblicos indicados para serem trabalhados nesta unidade. Porém seria oportuno questioná-los novamente. Serão verdadeiramente estes os textos adequados para falar de amor? Será que o amor é apenas visível na vivência do casal? Em Igreja a vocação matrimonial é a única vocação a viver o amor? É a família a única concretização desse amor? E o que dizer diante das novas situações que em sociedade vão tendo relevo?

Não parece de somenos importância a forma como o manual intitula a unidade. De facto o manual denomina-a simplesmente de «o amor». Se a intuição do programa da disciplina era falar do amor humano, parece que o manual deixa a «porta aberta» a que não se fale apenas desse amor. Haverá aqui um caminho a explorar? Terá sido intencional? Parece que é, pelo menos, um caminho a explorar. No capítulo seguinte serão expostos os argumentos que sustentam esta opinião.

5. Síntese

Percorrido o programa da disciplina como era tarefa deste capítulo podem ser concluídos vários aspetos verdadeiramente importantes para esta reflexão. Em primeiro lugar, os três ciclos do ensino básico são diferentes na abordagem a esta área temática. Destaca-se o terceiro ciclo neste percurso. O que o programa espera desta área temática conhece um significativo avanço na abordagem da unidade 1 do oitavo ano. *O amor humano* é, pois, um ponto fundamental na hora de falar do amor. Porém há algumas limitações. O programa para o ensino secundário tem implícita uma perspectiva muito mais abrangente desta área temática.

As limitações presentes no programa do básico prendem-se essencialmente com dois aspetos. O amor, tal como apresentado, dificilmente se pode compreender como epifania do divino; nesse sentido há uma «colagem» a uma simples educação da sexualidade em

perspetiva cristã, que não se identifica com a educação moral e religiosa católica sem mais. Um outro aspeto que se poderia destacar é a falta de relação direta dos textos bíblicos apresentados, sobretudo do Novo Testamento, para abordar a questão. O manual da disciplina, quanto ao primeiro aspeto agrava, neste sentido, deixando pelo menos a «porta aberta» a questões ulteriores. Já no segundo aspeto referido, repete a normativa do programa. Há porém um aspeto que poderia ser explorado: intitula a unidade simplesmente «o amor».

CAPÍTULO IV – O AMOR HUMANO IMAGEM DO AMOR DE DEUS

Na reflexão precedente e tal como foi conduzida, demonstrou-se que a UL 1 do oitavo ano, *o amor humano*, não apresenta, em meu entender, uma perspetiva total do que é o amor. Nem humano, nem divino. Porém, a intuição que temos é que o amor pode verdadeiramente ser epifania do divino. Disso se ocupa o presente capítulo, porque Deus é preveniente na iniciativa. Em primeiro lugar, situando a reflexão que aqui se quer fazer. Depois aprofundando – sem ter a pretensão de a esgotar, até por fugir ao âmbito deste trabalho – esta reflexão sobre o amor, ao mesmo tempo divino e humano, porque «todos os homens sentem o impulso interior para amar de maneira autêntica»⁷⁴.

1. O problema

De que falamos? A primeira questão que se coloca para falar de amor é, possivelmente, uma questão de linguagem. «O termo “amor” tornou-se hoje uma das palavras mais usadas e mesmo abusadas à qual associamos significados completamente diferentes»⁷⁵. O próprio programa da disciplina faz eco desta plurissignificação, apresentando uma área temática de conteúdos denominada de «amor, amizade e sexualidade»⁷⁶.

Se bem que as relações interpessoais são polarizadas pelo amor, para os cristãos, recordou oportunamente o Papa Bento XVI: «“Deus é amor, e quem permanece no amor permanece em Deus e Deus nele” (1 Jo 4,16). Estas palavras exprimem, com singular clareza, o centro da fé cristã: a imagem cristã de Deus e também a conseqüente imagem do homem e do seu caminho»⁷⁷. O próprio Deus é definido como «amor», imagem através do qual é possível definir o ser humano. Por isso não basta, numa perspetiva cristã, falar do amor ligado ao matrimónio e à sexualidade. Porque, para o cristianismo, o amor é radicalmente muito mais que estas concretizações.

A Constituição Dogmática sobre a Revelação Divina, *Dei Verbum*, do II Concílio Ecuménico do Vaticano, afirma que «Deus invisível, na riqueza do seu amor fala aos homens

⁷⁴ BENTO XVI, *Caritas in veritate, A Caridade na Verdade*, Paulus, Lisboa, 2009, n.º 1.

⁷⁵ BENTO XVI, *Deus é amor, Carta Encíclica «Deus Caritas est»*, Editorial A.O., Braga, 2005, n.º 2.

⁷⁶ COMISSÃO EPISCOPAL DA EDUCAÇÃO CRISTÃ, *Programa de Educação Moral e Religiosa Católica, Ensinos Básico e Secundário*, 167.

⁷⁷ Bento XVI, *Deus é amor*, n.º 1.

como amigos e convive com eles para os convidar e admitir à comunhão com Ele»⁷⁸. Também a Constituição Pastoral sobre a Igreja no mundo atual, *Gaudium et Spes*, do mesmo concílio, afirma: «na realidade, o mistério do homem só no mistério do Verbo encarnado se esclarece verdadeiramente»⁷⁹. Amor é, também, a atitude de Deus face à humanidade, cujo mistério, e portanto também o do seu amor (humano), só encontra a sua verdade plena e absoluta em Cristo. «A tese de que o cristianismo é a religião do amor só pode ser exata no sentido em que o Cristianismo é a religião do amor a Cristo e, através dele, do amor dirigido a Deus, assim como a todos os homens»⁸⁰.

É, assim, necessária uma abordagem anterior à apresentação que o programa da disciplina faz, a fim de refletir os conteúdos propostos, para que sejam um reflexo desta mesma intuição que, em seguida, se explora. «Para um conhecimento adequado da verdade do homem e do plano de Deus sobre ele, é preciso fundar-se no elemento fundamental que é necessário reconhecer como a mesma luz da vida do homem: *o amor*»⁸¹. Porém, acontece estarmos, diante de uma realidade de difícil definição.

Não interessa, contudo, qualquer noção simples e primária de amor. Antes sim quer-se chegar, se tal for possível, a uma noção «cristã» de amor. Porque «o amor de Deus por nós é questão fundamental para a vida e coloca questões decisivas sobre quem é Deus e quem somos nós»⁸². Já se disse: estamos perante as implicações que a noção cristã de amor coloca. Por um lado a nossa identidade. Por outro quem é Deus. Em última análise, faz parte daquelas que são as questões fundamentais e decisivas do sentido da vida: o amor, o mal, a morte e o futuro. Precisamente aqui é necessário colocar os fundamentos, de acordo com a afirmação de Bento XVI.

O cristianismo afirma, como se disse, o amor de Deus pelo ser humano e por toda a criação. Caracteriza mesmo a ação e a essência do próprio Deus como amor. De Deus poderíamos escrever páginas a fio e não dizer o necessário. É importante perceber que a

⁷⁸ CONCÍLIO ECUMÉNICO VATICANO II, Constituição Dogmática *Dei Verbum*, Editorial A.O., Braga, 1987¹¹, n.º 2, sublinhado meu.

⁷⁹ CONCÍLIO ECUMÉNICO VATICANO II, Constituição Pastoral *Gaudium et spes*, Editorial A.O., Braga, 1987¹¹, n.º 22.

⁸⁰ Romano GUARDINI, *La esencia del cristianismo*, citado in Juan PÉREZ SOBA, *El amor: introducción a un misterio*, Biblioteca de Autores Cristianos, Madrid, 2011, 102.

⁸¹ Juan PÉREZ-SOBA, *El amor: introducción a un misterio*, 22.

⁸² BENTO XVI, *Deus é amor*, n.º 2.

linguagem aqui utilizada, como qualquer linguagem sobre Deus, é uma analogia⁸³. Mesmo quando a Escritura afirma tacitamente «Deus é amor» (1Jo 4, 16).

O ser humano, capaz de Deus, enquanto coração inquieto, na famosa expressão de Santo Agostinho, não se percebe a si mesmo se não perceber primeiro o amor de Deus⁸⁴. A intuição que subjaz aqui é a de que o amor é o lugar em que divino e humano se encontram. «Aqui se conjugam, afinal, a ação divina e a ação humana, num caminho de reconhecimento do amor novo que encontra a sua expressão primeira no amor ao próximo, manifestação da verdade de um amor que responde à verdade de um em concreto»⁸⁵. Por exemplo, a fenomenologia do amor de H. U. von Balthasar, conforme descrita por S. Pié-Ninot, no essencial – a partir da sua estética teológica, isto é da percepção da forma do Deus que se revela – apresenta como ponto de ligação do homem com Deus e a Revelação, o amor⁸⁶.

O que é, então, o amor? Aceite-se, como proposta, a definição de amor que J. Ratzinger apresenta: o amor como um sim. O termo amor «domina um ato de aprovação geral para com outrem, um sim em relação àquilo que o amor é endereçado»⁸⁷. Efetivamente, esta definição positiva, dá conta de que, antes de qualquer pensamento sobre si mesmo, ou qualquer consideração sobre o que é o amor, o amante fica feliz pela existência do amado. Só depois o amante percebe que a sua própria existência ganhou com a existência do outro. «Por meio de um sim ao outro, ao tu, eu recebo-me a mim mesmo novamente e posso agora, dum modo novo, dizer sim também ao meu eu, a partir do tu»⁸⁸.

2. O ser humano, imagem de Deus em Cristo

Quem é o ser humano? O livro do Génesis diz-nos que Deus fez o ser humano «à sua imagem e semelhança» (Gn 1,27). O segundo relato da criação não utiliza estas palavras, mas dá-lhe o seu sentido ao apresentar o ser humano chamado à vida por intervenção de Deus que

⁸³ Cf. Elizabeth JOHNSON, *La que es, El misterio de Dios en el discurso teológico feminista*, Herder, Barcelona, 2002, 153-159. Baseia-se essencialmente em S. Tomás de Aquino para explicar o que é a analogia. Aplica-se a Deus porquanto as palavras aplicadas a Deus não são unívocas, podendo no entanto abrir uma perspectiva sobre Deus, através do processo de afirmação, negação e eminência, dirigindo a mente a Deus, ainda que não representem o mistério de Deus. Por exemplo, ao dizermos «Deus é amor», podemos supor legitimamente que é O Amor por eminência.

⁸⁴ Cf. SANTO AGOSTINHO, *Confissões*, Livraria Apostolado da Imprensa, Braga, 1990¹³, 12. Cf. Hans Urs VON BALTHASAR, *Sólo el amor es digno de fe*, Ed. Sígueme, Salamanca, 2004, 51-58.

⁸⁵ Juan J. PÉREZ-SOBA, *El amor: introducción a un misterio*, 144.

⁸⁶ Cf. Salvador PIÉ-NINOT, *La teología fundamental*, 135-139.

⁸⁷ Joseph RATZINGER, *Olhar para Cristo, exercícios de fé, esperança e caridade*, Ed. Tenacitas, Coimbra, 2006, 99.

⁸⁸ *Ibidem*.

Ihe infunde «o seu sopro de vida» (Gn 2,7). O Novo Testamento – concretamente nos escritos paulinos – refere-se a Jesus Cristo como «imagem de Deus (2 Cor 4,4), ou ainda «a imagem do Deus invisível» (Cl 1,15), enquanto afirma que somos chamados a levar a imagem de Cristo, o último Adão, como homem celestial, no fim dos tempos (cf. 1 Cor 15,49), e já a sermos transfigurados à sua imagem pelo Senhor (cf. 2 Cor 3,18).

A tradição não é unânime nas interpretações feitas a esta categoria do ser humano. Há uma pluralidade de interpretações que são feitas e que não há aqui a pretensão de esgotar nem de explorar cabalmente. O ser humano surge, desde o princípio, na antropologia bíblica, como um ser relacional. O enigma do ser humano a si mesmo é respondido como «imagem de Deus». Querendo encontrar-se a si mesmo, o ser humano encontra (-se com) Deus. «Esta é uma relação de dependência absoluta, uma vez que toda a imagem toma a sua própria consistência e a sua própria razão de ser do original que reproduz (...) constitui o fundamento da sua dignidade»⁸⁹. Mas mais ainda, o ser humano torna-se assim o «tu» iniludível de Deus. «O que aqui começa a insinuar-se (que Deus possa ser o rosto descoberto da glória de Deus) é a encarnação de Deus no homem. Esta antropologia da imagem de Deus está a apontar prolepticamente para a cristologia»⁹⁰.

De facto, «Cristo, como imagem perfeita de Deus, é o mediador da criação, e como homem perfeito, a sua meta(...) Além disso, a semelhança divina do homem é participação divina de Cristo, pela graça e pela fé»⁹¹. Por isso o ser humano não encontra a sua realização a não ser como imagem de Cristo. Chega a ser imagem de Deus por ser imagem de Cristo⁹². Em Cristo, Deus manifesta o seu amor (cf. Rm 8,39). Jesus Cristo é verdadeiramente o amor de Deus encarnado. «Na sua morte de cruz, cumpre-se aquele virar-Se de Deus contra Si próprio, com o qual Ele Se entrega para levantar o homem e salvá-lo – o amor na sua forma mais radical»⁹³. É o sim de Cristo a Deus. E nele o sim de Deus à humanidade.

⁸⁹ Juan L. RUIZ DE LA PEÑA, *Imagen de Dios, Antropología teológica fundamental*, Sal Terrae, Cantabria, 1988⁴, 45.

⁹⁰ *Ibidem*.

⁹¹ Wolfgang SEIBEL, *El hombre, imagen sobrenatural de Dios*, In J. FEINER e M. LÖHRER(dir.) *Mysterium Salutis, vol. II, La historia de la salvacion antes de Cristo*, Ediciones Cristiandad, Madrid, 1977², 625.

⁹² Cf. Juan L. RUIZ DE LA PEÑA, *Ibidem*, 79.

⁹³ BENTO XVI, *Deus é amor*, n.º 12.

3. O amor a Deus e o amor ao próximo

Como pode ser então o sim do crente a Deus? Amor. Amor a Deus e ao próximo exigidos mutuamente. «Amarás o Senhor teu Deus de todo o teu coração, de toda a tua alma, de todo o teu entendimento e com toda a tua força. (...) Amarás o teu próximo como a ti mesmo. Não existe nenhum mandamento maior que estes» (Mc 12,29-31). Tal como a Escritura o apresenta, o amor para o cristão é antes de mais um mandamento. O amor de Deus é preveniente⁹⁴. E é a atitude, a resposta, fundamental do ser humano em relação a Deus.

O mandamento exarado em Lv 19,18b⁹⁵ e retomado no Evangelho segundo São Marcos; e que ressoa desde o Antigo Testamento no ouvido do crente como imperativo ético-moral: «escuta (...), amarás» (Dt 6,4-5). O evangelista São Mateus coloca nada menos que na boca de Jesus Cristo uma interpretação decisiva do mesmo: «é o maior e o primeiro» mandamento (Mt 22 38). Porém, a novidade da moral de Jesus não há que vê-la num intuito de correção da «Lei e dos Profetas». A sua novidade é sobretudo a redução da Lei ao que constitui o seu princípio: pensar, sentir e agir como Deus, isto é, ter Deus como modelo de ação⁹⁶. Um mandamento duplo, que tem origem no amor de Deus.

O amor requerido pelo mandamento é uma relação da pessoa na sua totalidade: com o seu coração, com a sua alma, com as suas forças, com o seu espírito. «No homem este amor tem três dimensões essenciais: este amor penetra as relações com o mundo visto como criação divina; está também centrado em Jesus Cristo; e impregna, finalmente, as relações humanas»⁹⁷. A criação é fruto do amor de Deus; em Jesus Cristo o ser humano vê esse amor encarnado; por Jesus Cristo percebe esse amor; com Cristo responde a Deus com o seu amor; em consequência desse amor, as relações humanas transformam-se. São Paulo concentra em Jesus Cristo a forma desse amor: «Mas quando apareceu a bondade do nosso Deus e Salvador e o seu amor pelo homem» (Tt 3, 4). O amor ao homem (no grego, *φιλαντροπία*) é no Novo Testamento um atributo único a Deus⁹⁸. E torna-se visível em Jesus Cristo.

Com propriedade afirma pois Bento XVI, «a caridade na verdade, que Jesus Cristo testemunhou com a Sua vida terrena e sobretudo com a Sua morte e ressurreição, é a força

⁹⁴ BENTO XVI, *Deus é amor*, nº 18.

⁹⁵ «Amarás o teu próximo como a ti mesmo. Eu sou o Senhor».

⁹⁶ Cf. Antoine VERGOTE, «*Amarás al Señor tu Dios*», *La identidad cristiana*, Sal Terrae, Santander, 1999, 282

⁹⁷ Cf. *Ibidem*, 219.

⁹⁸ Cf. Barbara ALAND, Kurte ALAND et ALT. (ed.), *The Greek New Testament*, Deutsche Bibelsellschaft, Stuttgart, 1998⁴, 736. Cf. Luís A. SCHÖKEL, *Bíblia do Peregrino, Novo Testamento*, Paulus, São Paulo, 1996², 629.

propulsora principal para o verdadeiro desenvolvimento da pessoa e da humanidade inteira»⁹⁹. É do amor de Jesus Cristo – a caridade na verdade – que o ser humano bebe para encontrar a forma como pode cumprir o mandamento de Deus. Continua o Papa, «o amor – “*caritas*” – é uma força extraordinária que impele as pessoas a comprometerem-se, com coragem e generosidade, no campo da justiça e da paz. É uma força que tem origem em Deus, Amor eterno e Verdade absoluta»¹⁰⁰. A verdadeira caridade, o verdadeiro amor ao próximo é, pois, reconhecer e fazer reconhecida a dignidade original de que o ser humano é portador, imagem do seu criador. É reconhecer nos seus semelhantes o sim original de Deus, verdadeiro Tu da humanidade. É, como atitude pessoal, dizer um sim a Deus. *Como a ti mesmo*, como o sim que Deus diz à existência de cada um. Como um sim da pessoa a si mesma, a partir do sim a Deus.

4. O amor humano, imagem do amor de Deus

«Ele amou-nos primeiro e continua a ser o primeiro a amar-nos; por isso também nós podemos responder com o amor. (...) Ele ama-nos, faz-nos ver e experimentar o seu amor, e desta “antecipação” de Deus pode, como resposta, despontar também em nós o amor»¹⁰¹. Adequadamente esta citação de Bento XVI poderia resumir o percurso feito até aqui, na ordem de ideias apresentada. Com efeito, a preveniência do amor de Deus fez-nos procurar, até aqui, a que amor nos referíamos, devido às dificuldades de linguagem. Sujeito do amor de Deus e Sua imagem, o ser humano é verdadeiramente aquele a quem Deus diz sim. O sim de Deus – o seu amor, para utilizar a definição proposta por J. Ratzinger – encontra o seu modelo e paradigma em Jesus Cristo, Aquele que amou a Deus e ao próximo num sim tão profundo que pode, com razão, pedir «amai-vos como EU vos amei» (cf. Jo 15, 12)¹⁰².

Precisamente este amor a que se refere o evangelista são João é o amor de amizade, *philia*, para usar a palavra grega. Juntamente com *eros* e *agape*, são as três palavras que a língua grega utiliza para o termo amor. *Eros* exprime um amor entre homem e mulher que se impõe ao ser humano, o amor mundano; *agape* a expressão do amor fundado sobre a fé e plasmado nesta¹⁰³. Não se tratam de diferentes realidades: «o “amor” é uma única realidade,

⁹⁹ BENTO XVI, *Caritas in Veritate*, n.º 1.

¹⁰⁰ *Ibidem*.

¹⁰¹ IDEM, *Deus é amor*, n.º 17.

¹⁰² Consequentemente, diz ainda Bento XVI (*Ibidem*, n.º 14): «o “mandamento” do amor só se torna possível porque não é mera exigência: o amor pode ser “mandado” porque antes nos é dado».

¹⁰³ Cf. *Ibidem*, n.º3 e 7.

embora com distintas dimensões; caso a caso pode uma ou outra dimensão sobressair mais»¹⁰⁴. A partir desta classificação do amor humano conclui Bento XVI, na linha da fé bíblica, e da tradição que o amor de Deus «pode ser qualificado sem dúvida como *eros*, que no entanto é totalmente *agape* também»¹⁰⁵.

Isto é particularmente importante para o que se pretendia apresentar aqui. A ousadia de apresentar o ser humano como imagem de Deus, homem e mulher, é uma novidade bíblica, em relação às culturas circundantes. Mais ainda, a própria imagem de Deus é diversas vezes descrita a partir do amor humano. Um amor que deseja o Seu povo, ao ponto de consequentemente o procurar, o encontrar e Se fazer homem, dando a vida. Sendo, assim, totalmente amor gratuito e disposto a perdoar¹⁰⁶.

Precisamente, no sentido em que se apresenta o ser humano como imagem de Deus, pode apresentar-se o amor humano como imagem do amor de Deus. «O modo de Deus amar torna-se medida do amor humano»¹⁰⁷. E se é medida, com razão é imagem, porque toda a imagem toma a sua própria consistência e a sua própria razão de ser do original que reproduz. cremos, assim, que esse original do amor humano é o amor de Deus.

5. Síntese

Apresentar o amor humano como imagem do amor de Deus é nada mais do que tirar as consequências das diversas afirmações bíblicas e do magistério. Realidade de difícil definição e complexa, o amor conhece várias dimensões. Ao nível teológico quis-se fazer aqui uma abordagem sistemática dos principais aspetos, com a consciência de que é apenas o aflorar de uma questão que, sendo cabalmente abordada, fugiria ao âmbito do presente trabalho.

A tarefa era a de apresentar uma noção cristã de amor, se tal fosse possível. Uma noção total, abrangente. Em meu entender este é um ponto fundamental para a reflexão que a EMRC quer levar a cabo com as crianças, adolescentes e jovens. Só a partir daqui se pode depois pretender abordar o amor como decisão. De acordo com a noção exposta, primeiro como sim a Deus, e só depois – não numa questão temporal, mas real – como sim à existência humana em plenitude. Existência que a EMRC tem a pretensão de fazer compreender aos discentes.

¹⁰⁴ *Ibidem*, n.º 8.

¹⁰⁵ *Ibidem*, n.º 9.

¹⁰⁶ Cf. *Ibidem*, n.º 10.

¹⁰⁷ *Ibidem*, n.º 11.

CAPITULO V – O AMOR HUMANO NO PROJETO DE VIDA A DOIS

Compreendendo o amor humano como imagem do amor de Deus, podem agora ser refletidos os conteúdos presentes na mesma unidade, à luz do que foi a reflexão precedente. Em primeiro lugar o namoro, como tempo e encontro privilegiado para a descoberta do outro. Depois, a sexualidade na sua capacidade de abertura à vida. Finalmente o desafio da paternidade e maternidade responsáveis. Assim se pretende apresentar sumariamente o amor humano no projeto de vida a dois.

1. Namoro, um tempo privilegiado de descoberta do outro

«O encontro constitui uma das dimensões fundamentais para as quais o ser humano está aberto»¹⁰⁸. Na sequência do que foi sendo refletido, o ser humano precisa sempre de um tu que lhe corresponda. Ora «a relação *eu-tu* é fonte da própria pessoa e, por isso mesmo, condição de possibilidade e pilar para a relação conjugal»¹⁰⁹. É precisamente aqui que nasce a dúvida do adolescente e do jovem. Como perceberei se me ama?¹¹⁰ Não que o adolescente viva tumultuosamente esta etapa da sua vida, mas também nem todos a vivem harmoniosamente: trata-se de um período de ajuste¹¹¹.

Este amor não pode evoluir senão a partir daquilo que poderíamos considerar como o amor de amizade¹¹². Por isso, a dúvida que experimenta o adolescente é dir-se-ia, normal e natural. Passando – como se disse¹¹³ – de uma amizade infantil, a uma amizade motivada por proximidades afetivas, o adolescente dá-se de caras com a novidade e o desconhecido. Para corresponder à verdadeira essência do ser humano, o adolescente precisa de passar por este processo de descoberta de si mesmo e do outro, do diferente de si.

Passa de uma relação pessoal de reciprocidade entre um *eu* e um *tu* a uma relação marcada pelo *nós*. Assim poderia ser caracterizada sumariamente a relação de namoro. Possivelmente ainda somente baseada na convivência e nos afetos. Deveria ser sempre, no entanto, com o horizonte da comunidade matrimonial. «Um ato de vontade de ambas as partes

¹⁰⁸ Juan AMBROSIO, *A relação matrimonial numa perspectiva cristã* in COMMUNIO X 1993/3, 254-263.

¹⁰⁹ Xosé DOMINGUEZ PRIETO, *Antropologia de la familia, persona, matrimonio y familia*, Biblioteca de Autores Cristianos, Madrid, 2007, 78.

¹¹⁰ Cf. SECRETARIADO NACIONAL DA EDUCAÇÃO CRISTÃ, *Livres para amar*, 25.

¹¹¹ Cf. Catherine TOURETTE e Michèle GUIDETTI, *Introdução à Psicologia do desenvolvimento, do nascimento à adolescência*, 189.

¹¹² Cf. BENTO XVI, *Deus é amor*, nº2. Cf. J.J. PEREZ SOBA, *Ibidem*, 156.

¹¹³ Cf. *Supra*, 21.

em fundar uma vida comum e, mediante o acolhimento e o dom mútuos, fundar um ser comum. (...) o ato voluntário do *nós*»¹¹⁴.

O primeiro elemento, e psicologicamente o primeiro passo, para o amor é a atração mútua. Aqui se revela uma referência pessoal mútua, que dispõe a pessoa para uma aceitação do outro e para o dom de si¹¹⁵. Apesar de o amor não consista no desejo, este elemento está presente no amor. «Este desejo, do sexualmente diferente do outro que atrai, é prova da necessidade e tendência para a comunidade matrimonial»¹¹⁶.

Para corresponder à verdade da pessoa não pode simplesmente ser um desejo do outro, como algo, mas tem de ser o desejo da pessoa que é o *tu* do *eu* que deseja. Não confundível com um simples desejo erótico, fora do horizonte da construção da comunidade matrimonial. Nesta ordem de ideias, o amor dá um passo mais até chegar ao querer bem do outro e fazer tudo por isso¹¹⁷. Entre ilusões e desilusões, aventuras e desventuras, o namoro deve ser um tempo de descoberta do outro. De descoberta, até, da vocação, ou não, ao matrimónio.

Sinteticamente, poderiam ser apresentados alguns dos traços característicos do encontro interpessoal que é o namoro. É antes de tudo um encontro de respeito pelo outro e pela sua alteridade. Entende-se como resposta a um chamamento que a presença do outro me faz. Não há relação sem reciprocidade de liberdades que se interpelam profundamente. Há lugar à resposta, que faz com que não apenas passem a participar do ser um do outro, mas se fazem ser um ao outro. Por fim, a intimidade é um traço fundamental. Só há verdadeiro encontro, e verdadeiro namoro, portanto, quando a totalidade do *eu*, na sua intimidade, se encontra com a totalidade do *tu*, na sua intimidade. Em disponibilidade e confiança. «É na relação de encontro que nos vamos verdadeiramente descobrindo. (...) Isto alcança a sua realização mais plena na forma humana mais elevada que é o amor»¹¹⁸.

Parafraseando quanto ficou dito no capítulo anterior, e a partir da definição de amor proposta, trata-se de um sim que damos e recebemos, em antecipação ao sim absoluto que a relação conjugal consagra.

¹¹⁴ Xosé DOMINGUEZ PRIETO, *Ibidem*, 107.

¹¹⁵ Cf. *Ibidem*, 152.

¹¹⁶ *Ibidem*, 153.

¹¹⁷ Cf. *Ibidem*, 155.

¹¹⁸ Juan AMBROSIO, *Ibidem*. E ainda a este mesmo propósito, Cf. Xosé DOMINGUEZ PRIETO, *Ibidem*, 257.

2. A sexualidade, abertura à vida

Sem pretensões de apresentar aqui dados próprios de outras ciências sobre a sexualidade humana, mas também sem os querer menosprezar, apresentar-se-ia aqui apenas uma perspetiva da sexualidade a partir da teologia e do magistério.

A sexualidade, pese embora as suas múltiplas dimensões no ser humano, é ordenada a duas finalidades: a procriação e o bem dos esposos, ou dito de outra forma, a capacidade de amar e procriar¹¹⁹. Numa altura em que na escola proliferam as educações sexuais, qual pode ser o contributo da EMRC? Procurando uma posição equilibrada, o programa da disciplina enuncia como conteúdo, conforme analisado, a abertura à vida.

Efetivamente, mais do que a descoberta do corpo, ou do outro, poderá ser mais útil apresentar esta perspetiva ao adolescente: a sexualidade em si mesma tem de estar aberta à vida para corresponder àquela dimensão verdadeiramente integradora da pessoa humana na sua dignidade¹²⁰. É a expressão, por excelência, do amor conjugal.

Correlativamente, a esta perspetiva tem de estar associado o facto de a sexualidade só poder encontrar a sua plenitude dentro do relacionamento dos cônjuges. Porque é a família o berço da vida. «A entrega do amor é uma entrega de vida: uma entrega a partir da vida e para a vida»¹²¹. Quando assim não for não pode ser entendida a sexualidade como exercício correto, porque se lhe retira a sua dimensão de fecundidade. Que não se esgota na transmissão da vida que o pai e a mãe realizam. Mas que encontram aí o seu significado por excelência. Sobre esse assunto o ponto seguinte trará os seus contributos.

3. Paternidade e maternidade responsáveis

Fecundidade responsável. Poderia perfeitamente ser o título deste ponto. A responsabilidade, do ponto de vista cristão, deriva da vida como dom de Deus. Se o matrimónio é essa «comunidade de vida e amor procriador»¹²², então entende-se claramente que a fecundidade lhe esteja associada.

¹¹⁹ Cf. *Catecismo da Igreja Católica*, n.º 2332.

¹²⁰ Cf. *Ibidem*, n.º 2338-2339.

¹²¹ José-Román FLECHA, *Moral de la persona, amor y sexualidad*, biblioteca de Autores Cristianos, Madrid, 2002, 173.

¹²² CONCÍLIO ECUMÉNICO VATICANO II, Constituição Pastoral *Gaudium et spes*, n.º 50.

Agora há dois níveis de responsabilidade a considerar. Um é o da responsabilidade primeira de lidar com a vida enquanto dom que se tem a capacidade de transmitir; outro o nível da responsabilidade decorrente do mesmo facto, com as implicações que contém. Ser pai e ser mãe não é apenas, no caso dos seres humanos, a realização de um ato sexual e reprodutor que transmite a vida como no resto da natureza. Há que considerar a vocação procriativa como derivada da vocação esponsal¹²³. Porém, nem todos aqueles que têm vocação matrimonial, ou esponsal – para utilizar a linguagem do Concílio – podem ou devem ser pais ou mães. Em primeiro lugar, a possibilidade prende-se com a questão da fecundidade do casal. Depois, apesar da fertilidade do casal, esta não é a condição essencial, nem fundamental, para a paternidade. Com razão a Igreja afirma: «o filho é uma dádiva»¹²⁴. E porque é dom não pode ser considerado como um direito. O filho é que efetivamente é portador de direitos.

Tal facto confirma por isso a responsabilidade que deriva da paternidade. O primeiro direito e mais fundamental do filho é a nascer numa comunidade de vida e de amor. Daí que se tenha abordado primeiramente a questão do namoro e da sexualidade aberta à vida. O amor paterno-filial, aqui em causa, faz participante do *sim* ao nós também os filhos, ao chamá-los à existência. Qualquer ação do casal passa assim a afetar e a ter implicações diretas sobre a sua prole.

Com propriedade poder-se-iam aplicar as palavras sacramentais do matrimónio estendendo-as, ainda que de forma diferente, aos filhos: nós, marido e esposa, prometemos ao conceber-te, receber-te, a ti nosso filho, na saúde e na doença, na alegria e na tristeza, todos os dias da nossa vida. Isto aplica-se quer no caso dos filhos biológicos, quer na adoção. Ser pai e ser mãe é sem dúvida alguma uma vocação que tem origem no próprio Deus. Porém, exige ser encarada com seriedade. Só assim tem sentido pleno, e só assim pode este amor ele mesmo significar o mesmo amor de Deus.

4. Síntese

Onde nos levou a reflexão deste capítulo? Poder-se-ia afirmar a demonstrar, ainda que em traços largos, de que forma pode o amor humano ser imagem do amor divino, na sua concretização de um projeto de vida a dois. As opções tomadas ignoraram conscientemente outras linhas de reflexão que poderiam ter sido tomadas.

¹²³ Cf. *Ididem*, n.º 51.

¹²⁴ *Catecismo da Igreja Católica*, n.º 2378.

Partiu-se do princípio de uma apresentação positiva do amor e da sexualidade, ancoradas na reflexão feita no capítulo anterior. O namoro, enquanto encontro, foi apresentado como *um tempo* em ordem ao discernimento da vocação ao matrimônio. A sexualidade foi considerada enquanto capacidade humana de transmissão da vida, no contexto da relação conjugal. E, finalmente, o fruto por excelência da relação sexual: a paternidade e a maternidade responsáveis, que assumem o seu *sim* prolongando-o no *sim* da experiência única de ser pai e ser mãe.

CONCLUSÃO

Conforme enunciado desde o princípio, o presente relatório – O amor humano imagem do amor de Deus, uma reflexão a partir da Unidade Letiva 1 do oitavo ano de escolaridade – pretendia, precisamente partindo do programa da disciplina de EMRC, fazer uma reflexão, sobre a forma como a Unidade Letiva que lhe serve de ponto de partida, pode ser lecionada. Uma reflexão antes de tudo pessoal, e, uma vez mais, como se disse, iluminada e levada a cabo pela PES. A partir das sínteses de cada capítulo, podemos agora apresentar a respetiva conclusão do presente relatório.

Conclui-se, em primeiro lugar, que *a EMRC é ao mesmo tempo uma oportunidade e um desafio*. Ao caracterizar a educação como um serviço prestado pela sociedade à própria sociedade e considerando que o seu núcleo central, na ótica da Igreja, é a família, aferiu-se que o Estado ao regular a educação o faz em nome e por delegação da família. A primeira responsabilidade da educação integral da pessoa é, então, da família, berço da pessoa. Assim, a EMRC coopera com a família neste serviço de educação integral, delegado na escola, onde a EMRC prolonga, desenvolve e potencia essa educação integral. O desafio consiste, pois, aqui. Na EMRC a Igreja prolonga, a seu modo, o serviço à sociedade: a sua tarefa evangelizadora. A oportunidade consiste em que, do ponto de vista do evangelizador – o sentido em que foi caracterizado o professor desta disciplina – este possa *caminhar com os alunos*. A EMRC existe pois, ela mesma, como uma proposta com sentido, contribuindo com os valores do Evangelho para a construção da personalidade dos alunos.

A PES levada a cabo permitiu ao professor estagiário aplicar os conhecimentos adquiridos na sua formação. O primeiro aspeto foi o contacto com um campo específico que é a escola onde funcionou o núcleo de estágio e uma turma concreta. Depois a execução da planificação supôs um percurso prévio na preparação dos conteúdos a lecionar. Foi necessário interpretar criticamente o programa, a fim de encontrar opções e linhas de força que permitissem que ele fosse adequado a cinco tempos letivos. Depois sim, a planificação ela mesma foi construída, descrita, bem como todas e cada uma das aulas, adaptando recursos didáticos, mas também construindo os que foram necessários. O recurso ao áudio-visual tornou-se uma constante na medida em que permitiu encontrar o tempo necessário para no contexto da aula poder privilegiar o contacto pessoal com os alunos. Evidenciou-se a necessidade de evoluir a partir das capacidades demonstradas, a fim de chegar a um aperfeiçoamento cada vez maior, aplicando as competências profissionais desenvolvidas. Um

fator relevante foi a atividade profissional já desenvolvida pelo professor estagiário, que se tornou num ponto de referência ao nível da experiência letiva.

Percorrido o programa da disciplina, também se legitimaram algumas conclusões. Em primeiro lugar, os três ciclos do ensino básico são diferentes na abordagem à área temática do *amor, amizade e sexualidade*, destacando-se, neste percurso, o terceiro ciclo. A unidade 1 do oitavo ano, *O amor humano*, constituída como ponto de partida da presente reflexão, é, pois, um ponto fundamental quando o programa fala do amor. Porém há algumas limitações. O programa para o ensino secundário tem implícita uma perspetiva muito mais abrangente desta área temática. As limitações presentes no programa do básico prendiam-se essencialmente com dois aspetos. O amor, tal como apresentado, dificilmente se poderia compreender como epifania do divino; nesse sentido ficou a impressão de uma «colagem» a uma simples educação da sexualidade em perspetiva cristã, que não se identifica com a educação moral e religiosa católica sem mais. Um outro aspeto que se poderia destacar é a falta de relação direta dos textos bíblicos apresentados, sobretudo do Novo Testamento, para abordar a questão. O manual da disciplina, quanto ao primeiro aspeto agrava, neste sentido, deixando pelo menos a «porta aberta» a questões ulteriores. Já no segundo aspeto referido, repetia a normativa do programa. Há porém um aspeto final que deu possibilidade à continuação da reflexão: intitula a unidade simplesmente «o amor».

Precisamente nesta linha foi possível, legítimo e quase necessário apresentar o amor humano como imagem do amor de Deus. Até simplesmente por tirar as consequências das diversas afirmações bíblicas e do magistério. Sendo uma realidade de difícil definição e complexa, o amor conhece várias dimensões. Ao nível teológico quis-se fazer aqui uma abordagem sistemática dos principais aspetos, com a consciência de que é apenas o aflorar de uma questão que, sendo cabalmente abordada, teria fugido ao âmbito do presente trabalho. A tarefa era a de apresentar uma noção cristã de amor. Uma noção total, abrangente – integral, mesmo, conforme a disciplina pretende existir – que não fora encontrada nem sequer percorrendo o programa da disciplina. É, pois, fundamental para a reflexão que a EMRC quer levar a cabo com as crianças, adolescentes e jovens. Só a partir daqui se pode depois pretender abordar o amor como decisão, ou, como se disse, *o amor no projeto de vida a dois*. De acordo com a noção exposta, primeiro como sim a Deus, e só depois – não numa questão temporal, mas real – como sim à existência humana em plenitude. E, esta existência, tem a EMRC a pretensão de a fazer compreender aos discentes.

Finalmente, foi apresentado, relativamente àquelas que foram também as opções da PES, de que forma pode o amor humano ser imagem do amor divino, na sua concretização de um projeto de vida a dois. As opções tomadas ignoraram conscientemente outras linhas de reflexão que poderiam ter sido tomadas, e, uma vez mais, tiveram em consideração absoluta a PES. Partiu-se do princípio de uma apresentação positiva do amor e da sexualidade, ancoradas na reflexão feita no capítulo anterior. O namoro, enquanto encontro, foi apresentado como *um tempo* em ordem ao discernimento da vocação ao matrimónio. A sexualidade foi considerada enquanto capacidade humana de transmissão da vida, no contexto da relação conjugal. E, finalmente, o fruto por excelência da relação sexual: a paternidade e a maternidade responsáveis, que assumem o seu *sim* prolongando-o no *sim* da experiência única de ser pai e ser mãe.

Profundamente ancorado no coração humano, o amor é ao mesmo tempo um conteúdo central, em nosso entender, no programa da disciplina de EMRC. Por tudo o que foi dito. Mas sobretudo porque nele assenta particularmente a *imagem de Deus* que é o ser humano. Ser homem, ser mulher sem compreender a essência do amor, que é de Deus, seria redutor. Nunca se poderia fundamentar convenientemente a dignidade inerente a cada pessoa se tal se ignorasse. E a tarefa educativa levada a cabo pela EMRC não pode ser alheia a este facto. A PES foi um tempo e uma experiência ela mesma refletida, e dela colhendo raízes a presente reflexão.

BIBLIOGRAFIA

AGOSTINHO, SANTO, *Confissões*, Livraria Apostolado da Imprensa Braga, 1990¹³.

AGRUPAMENTO DE ESCOLAS DR. FRANCISCO SANCHES, <http://www.eb23-dr-francisco-sanches.rcts.pt/>.

ALAND, Barbara, ALAND, Kurte et ALT. (ed.), *The Greek New Testament*, Deutsche Bibelsellchaft, Stuttgart, 1998⁴.

AMBRÓSIO, Juan, *A relação matrimonial numa perspetiva cristã* In COMMUNIO, Revista Internacional Católica, Ano X, 1993/3.

ARENDT, Richard I., *Aprender a ensinar*, McGraw-Hill Interamericana de España, Madrid, 2008⁷.

BENTO XVI, *Caritas in veritate, A Caridade na Verdade*, dado em 29 de junho de 2009, Paulus, Lisboa, 2009.

BENTO XVI, *Deus é amor, Carta Encíclica «Deus Caritas est»*, dado em 25 de dezembro de 2005, Editorial A.O., Braga, 2005.

Catecismo da Igreja Católica, dado em 15 de agosto de 1997, Gráfica de Coimbra, Coimbra, 2000².

COMISSÃO EPISCOPAL DA EDUCAÇÃO CRISTÃ, *Programa de Educação Moral e Religiosa Católica, Ensinos Básico e Secundário*, Secretariado Nacional da Educação Cristã, Lisboa, 2007.

CONCÍLIO ECUMÉNICO VATICANO II, *Constituições, Decretos, Declarações e Documentos Pontifícios*, Editorial A.O., Braga, 1987¹¹.

CONFERÊNCIA EPISCOPAL PORTUGUESA, *A Educação Moral e Religiosa Católica: um valioso contributo para a formação da personalidade*, Secretariado Geral do Episcopado, Lisboa, 2006.

CONFERÊNCIA EPISCOPAL PORTUGUESA, *A Igreja na Sociedade democrática, carta pastoral*, Secretariado Geral da Conferência Episcopal Portuguesa, Lisboa, 2000.

CONFERÊNCIA EPISCOPAL PORTUGUESA, *Carta Pastoral sobre a educação, direito e dever – missão nobre ao serviço de todos*, Secretariado Geral da Conferência Episcopal Portuguesa, Lisboa, 2002.

CONSELHO PONTIFÍCIO JUSTIÇA E PAZ, *Compêndio de Doutrina Social da Igreja*, Principia, Estoril, 2005.

DIREÇÃO GERAL DA INOVAÇÃO E DESENVOLVIMENTO CURRICULAR, <http://sitio.dgipc.min-edu.pt/>.

DOMINGUEZ PRIETO, Xosé, *Antropologia de la familia, persona, matrimonio y familia*, Biblioteca de Autores Cristianos, Madrid, 2007.

FEINER, J. e LÖHRER, M. (DIR.), *Mysterium Salutis, La historia de la salvacion antes de Cristo, II*, Ediciones Cristiandad, Madrid, 1977².

FLECHA, José-Román, *Moral de la persona, amor y sexualidad*, Biblioteca de Autores Cristianos, Madrid, 2002.

GONZÁLEZ DE CARDEDAL, Olegario, *Educación y educadores, El primer problema moral de Europa*, Editorial PPC, Madrid, 2005³.

HAIGH, Alain, *A arte de ensinar, grandes ideias, regras simples*, Academia do Livro, Alfragide, 2010.

JOHNSON, Elizabeth, *La que es, el misterio de Dios en el discurso teológico feminista*, Herder, Barcelona, 2002.

PACHECO, José Augusto, *Currículo: teoria e práxis*, Porto Editora, Porto, 2001³.

PAULO VI, *Evangelho aos homens de hoje, «Evangelii Nuntiandi»*, dado em 8 de dezembro de 1975, Editorial A.O., Braga, 1990⁷.

PÉREZ-SOBA, Juan José, *El amor: introducción a un misterio*, Biblioteca de Autores Cristianos, Madrid, 2011.

PIÉ-NINOT, Salvador, *La teologia fundamental*, Secretariado Trinitario, Salamanca, 2001⁵.

RATZINGER, Joseph, *Olhar para Cristo, exercícios de fé, esperança e caridade*, Edições Tenacitas, Coimbra, 2006.

RUIZ DE LA PEÑA, Juan Luis, *Imagen de Dios, Antropología teológica fundamental*, Sal Terrae, Cantabria, 1988⁴.

SCHÖKEL, Luís Alonso, *Bíblia do Peregrino, Novo Testamento*, Paulus, São Paulo, 1996².

SECRETARIADO NACIONAL DA EDUCAÇÃO CRISTÃ, *Livres para amar, Manual do aluno*, Secretariado Nacional da Educação Cristã Lisboa, 2009.

SILVA, Pedro, *Escola-Família uma relação armadilhada, interculturalidade e relações de poder*, Edições Afrontamento, Porto, 2003.

TOURETTE, Catherine e GUIDETTI, Michèle, *Introdução à Psicologia do desenvolvimento, do nascimento à adolescência*, Ed. Vozes, Petrópolis, 2009.

VERGOTE, Antoine, «Amarás al Señor tu Dios», *La identidad cristiana*, Sal Terrae Santander, 1999.

VON BALTHASAR, Hans Urs, *Sólo el amor es digno de fe*, Ediciones Sígueme Salamanca, 2004.

ANEXOS

ÍNDICE DE ANEXOS

- I. Anexo I – Planificação *Aula 1*
- II. Anexo II – Documento 1 – O que é o amor/Para mim o amor é
- III. Anexo III – PPT 1
- IV. Anexo IV – Planificação *Aula 2*
- V. Anexo V – PPT 2
- VI. Anexo VI – Planificação *Aula 3*
- VII. Anexo VII – PPT 3
- VIII. Anexo VIII – Planificação *Aula 4*
- IX. Anexo IX – Documento 2 – O amor na Bíblia
- X. Anexo X – PPT 4
- XI. Anexo XI – Planificação *Aula 5*
- XII. Anexo XII – PPT 5

ANEXO I – PLANIFICAÇÃO DA AULA 1



Universidade Católica Portuguesa
 Centro Regional de Braga
 Faculdade de Teologia
 Instituto Superior de Ciências Religiosas
 Mestrado em Ciências Religiosas – Especialização: EMRC



Agrupamento de Escolas Dr. Francisco Sanches
 Ano Letivo 2011/2012
 Prática de Ensino Supervisionada

Planificação de aula					
Unidade letiva: 1 – O amor humano	Ano: 8º	Turma: 6	Data: 13/01/2012	Tempo Previsto: 45 min.	
Aula nº 1/5					
Sumário: <i>Introdução à unidade letiva sobre o amor. Amor e fecundidade humana. Amizade e namoro.</i>					
Competências específicas					
Operacionalização das competências	Conteúdos	Atividade/estratégias	Material	Tempo	Avaliação formativa
Organizar um universo de valores fundado na liberdade responsável de cada pessoa e na dignidade humana. (Comp. 1) Mobilizar os valores da liberdade responsável, do amor e do respeito pelo outro para a orientação do comportamento sexual em situações do quotidiano. (Comp. 10)	<p>→ Amor e fecundidade humana: fecundidade é sinal e fruto do amor.</p> <p>→ Amizade e namoro: o amor abre à vida e à relação com os outros.</p>	<p>1. Acolhimento</p> <p>2. Leitura e análise do documento: a partir do reconhecimento da autoria, constatar o sucesso da tarefa realizada anteriormente</p> <p>2.1.1. distribuição do documento 1</p> <p>2.1.2. Visualização de textos escolhidos através do documento em power-point: - análise de uma resposta positiva; - análise de uma resposta negativa; - análise de uma resposta que expresse dúvidas.</p> <p>2.2. Diálogo com os alunos sobre as respostas que deram anteriormente, de forma a destacar e concluir: - a complexidade dos sentimentos, particularmente do amor; - as várias formas de amor, amizade diferente de namoro; - a fecundidade como sinal e fruto do amor; - o amor como capacidade de abertura aos outros</p>	<p>Caderno do aluno, computador, PPT (anexo 2), tela branca.</p> <p>Computador, projetor, PPT (anexo 2), tela branca, quadro preto, giz, colunas de som, manual multimédia do professor.</p>	<p>5m</p> <p>35m</p>	<p>Observação direta dos alunos; material; registo do sumário; interesse.</p> <p>Comportamento; interesse; curiosidade; exposição oral; espírito crítico.</p>
		<p>Síntese da aula pelos alunos em diálogo com o professor: Redação do sumário da lição n.º 16, interrogando os alunos sobre a forma do mesmo, conforme a sugestão apresentada.</p>	<p>Computador, projetor, PPT (anexo 2), tela branca, e caderno do aluno.</p>	<p>5m</p>	<p>interesse; curiosidade.</p>
Interdisciplinaridade:					

Educação Moral e Religiosa Católica | 8º Ano – Unidade letiva 1: O amor humano



DOCUMENTO 1 - «O que é o amor?/Para mim o amor é...»

Em 14/10/2011 foi pedido à turma do 8º E que respondesse a este desafio, cujos resultados foram aqui reproduzidos, respeitando, salvo os erros de ortografia, a forma de escrita do respetivo autor.

Para mim o amor é estar apaixonado, acreditar no nosso companheiro, saudades, passa por cima de todas as barreiras, estar feliz, acordar todos os dias com um sorriso a dizer amo-te, fazer a outra pessoa sentir-se amada, é ter confiança na outra pessoa.

O amor é só bonito na primeira vez, depois cansamos-nos das pessoas ou ela de nós. Às vezes nem vale a pena conhecer a pessoa. Pra quê sofrer tanto por ele?? Mais vale fechar os olhos e esquecer tudo. Amor de verdade já nem existe. Amar, agora, é um sentimento bonito ao início, depois só trás complicações.

Para mim o amor é sentir algum por alguém e carinho, afeto, amizade, sentimento. É uma união entre o sexo masculino e o sexo feminino.

Para mim o amor é felicidade, amizade, carinho, muita paixão. Para mim o Amor é ter paixão, muita felicidade, carinho, e ter amizade. Entre a mulher e o marido, tem de haver lealdade. Haver muito amor.



Para mim o amor é ter uma grande amizade com alguém que nos ajude nas alturas difíceis, alguém que nos compreende, e que esteja sempre do nosso lado. O amor é ter alguém

com quem partilhar tudo, é ter alguém que seja nosso amigo e que nos faça feliz.

O amor é paixão, sexo, um abraço, um beijo, amizade.

Para mim o amor é ter carinho e confiar numa pessoa. Não é só amor de namorar. Mas também amor de família, amigos, etc. é ser leal, confiar, carinho, paixão, ternura, amizade, amor.

Para mim o amor é um sentimento muito bonito; sentir carinho por uma pessoa que se ama de verdade; não haver brigas entre duas pessoas; haver sempre paz entre as duas pessoas que se amam; haver lealdade; haver amor.



Para mim o amor é um sentimento que duas pessoas têm um pelo outro. O amor é um sentimento muito bonito. O amor é a coisa mais bonita do mundo.

Para mim o amor é um sentimento que une as pessoas, que as faz conhecer melhor um ao outro. É a coisa mais linda do mundo é o amor. É a coisa mais perfeita que acontece em todo o mundo, sem o amor o mundo era apenas ódio e tristeza, mas com o amor o mundo é totalmente diferente de cada pessoa e é como é, e tanto importa o que tá por fora como o que está por dentro.

Para mim o amor é um sentimento muito especial que uma pessoa sente por outra. Às vezes faz sofrer, outras vezes faz sentir a única pessoa do mundo.

Para mim o amor é um sentimento muito bonito, feliz... mas eu não percebo, porque é que nós, principalmente (mulheres) sofremos tanto? Apesar de às vezes não o demonstrarmos, mas sentimos os. Eu também não gosto de ver as pessoas a chorar, sabendo que é por amor. Porque no amor não devia de haver tristeza, mas sim felicidade.

Para mim o amor é um sentimento que nos pode fazer feliz ou não.

Para mim o amor é uma coisa que se vive e que se sente. Não é só o sexo, como a maior parte das pessoas pensam. É os sentimentos, o afeto entre duas pessoas que se amam, o carinho. É claro que muitas vezes o amor também faz sofrer, mas não devia. Também provoca saudades, porque quem ama sofre e tem saudades. Para mim o amor é a confiança, o carinho... entre duas pessoas, poder partilhar com a pessoa que se ama «tudo».

Para mim o amor é um sentimento único. O amor é união, carinho, amizade, sinceridade, um por o outro. É como só existissem duas pessoas e quando há amor, pode haver relações.



É possível gostarmos de alguém com quem nunca falámos, mas conhecemos lindamente a sua personalidade? O amor à primeira vista existe verdadeiramente? O que fazer quando estamos confusos acerca se a pessoa gosta ou não de nós?

Para mim o amor é o maior sentimento que alguém um dia pode vir a sentir. Quando amamos ou alguém nos ama nos sentimos diferentes, felizes, e com uma coisa dentro de nós que nos parece que nos salta o coração para fora. Mas, por vezes, o amor também

não é só felicidade, o amor também pode ser tristeza, que faz sofrer muitas pessoas.

Para mim o amor é traiçoeiro, eu dou-lhe tudo e ele não me dá nada. Pode ser bonito por teoria mas no fundo toda a gente sofre com isso.



Para mim o amor é quando duas pessoas gostam

muito uma da outra e que essas duas pessoas sentem o mesmo sentimento, amor. Mais tarde quando se ela gostaram ainda uma pela outra, casam-se. Mais tarde quando esse casal decidisse constituir família, existe um ato sexual. Depois de ter o filho, os pais sentem amor pelo filho e o filho pelos pais.

Para mim o amor é a união, a intimidade, o carinho e amizade entre duas pessoas. É um sentimento que se sente e que é muito forte, capaz de unir duas pessoas até à morte.

Para mim o amor é união, paz, carinho, amizade.

(o amor é um sentimento que faz as pessoas felizes. É difícil controlar o nosso coração sobre o efeito do amor. O amor é a melhor coisa da vida.) O amor é um sentimento complicado de explicar. Faz as pessoas felizes mas outros tristes. Alguém acaba por sair sempre magoado.

Para mim o amor é uma forma de exprimir sentimentos, afeto, carinho, sinceridade, poder contar com alguém, saber conviver com alguém e saber amar alguém.

Para mim o amor é um sentimento, uma forma de estar bem na vida. Amor é ser amigo um do outro. É ser amado, é ser feliz, nunca infeliz. Amar para mim é tudo o que há de bom numa pessoa.

Unidade letiva 1 – O amor humano

EMRC
8º ano, turma 6

Unidade letiva 8.1: O amor humano

Introdução

Documento 1



Documento 1 – O que é o amor?/Para mim o amor é



Para mim o amor é um sentimento que une as pessoas, que as faz conhecer melhor um ao outro. É a coisa mais linda do mundo é o amor. É a coisa mais perfeita que acontece em todo o mundo, sem o amor o mundo era apenas ódio e tristeza, mas com o amor o mundo é totalmente diferente de cada pessoa e é como é, e tanto importa o que tá por fora como o que está por dentro.

Documento 1 – O que é o amor?/Para mim o amor é



O amor é só bonito na primeira vez, depois cansamo-nos das pessoas ou ela de nós. Às vezes nem vale a pena conhecer a pessoa. P'ra quê sofrer tanto por ele?? Mais vale fechar os olhos e esquecer tudo. Amor de verdade já nem existe. Amar, agora, é um sentimento bonito ao início, depois só trás complicações.

É possível gostarmos de alguém com quem nunca falámos, mas conhecemos lindamente a sua personalidade? O amor à primeira vista existe verdadeiramente? O que fazer quando estamos confusos acerca se a pessoa gosta ou não de nós?

Documento 1 – O que é o amor?/Para mim o amor é





Universidade Católica Portuguesa
Centro Regional de Braga
Faculdade de Teologia
Instituto Superior de Ciências Religiosas
Mestrado em Ciências Religiosas – Especialização: Educação Moral e Religiosa Católica

Agrupamento de Escolas Dr. Francisco Sanches
Ano Letivo 2011/2012
Prática de Ensino Supervisionada



ANEXO IV – PLANIFICAÇÃO DA AULA 2

Planificação de aula					
Unidade letiva: 1 – O amor humano	Ano: 8º	Turma: 6	Data: 20/01/2012	Tempo Previsto: 45 min.	
Aula nº 2/5	Sumário: A família célula da sociedade e fruto do amor. A sexualidade como abertura à vida.				
Competências específicas	1. Reconhecer, à luz da mensagem cristã, a dignidade da pessoa humana. 10. Mobilizar princípios e valores éticos para a orientação do comportamento em situações vitais do quotidiano.				
Operacionalização das competências	Conteúdos	Atividade/estratégias	Material	Tempo	Avaliação formativa
Organizar um universo de valores fundado na liberdade responsável de cada pessoa e na dignidade humana. (Comp. 1) Mobilizar os valores da liberdade responsável, do amor e do respeito pelo outro para a orientação do comportamento sexual em situações do quotidiano. (Comp. 10)	A família, célula da sociedade, que nasce do amor. Amor e sexualidade: fecundidade sexual, um bem social.	1. Acolhimento e Registo do Sumário da lição nº 17 (diapositivo 1) 2.1. Síntese da aula passada através do TPC: pesquisa sobre a fecundidade, a partir da pergunta «o que é o amor?» (diapositivos 2-9) 2.2. Diálogo com os alunos a partir da pergunta: «o que é a família?» (diapositivos 10-16) 2.2.1. Registo no quadro das respostas dos alunos. 2.3. Visionamento da locução contida no Manual Multimédia do professor: «a sexualidade, abertura à vida» 2.3.1. Apresentação de informação pelo professor (diapositivos 20-23) em diálogo com os alunos.	Caderno do aluno, computador, PPT (anexo 2), tela branca. Computador, projetor, PPT (anexo 2), tela branca, quadro preto, giz, colunas de som, manual multimédia do professor.	5m 35m	Observação direta dos alunos; material; registo do sumário; interesse. Comportamento; interesse; curiosidade; exposição oral; espírito crítico.
		Síntese da aula pelo professor (diapositivos 24-25): o que é amor... o que é a família... o que é a sexualidade...	Computador, projetor, PPT (anexo 2), tela branca.	5m	interesse; curiosidade.
Interdisciplinaridade:					



Lição nº 17

20 de Janeiro de 2012

Sumário:

**A família célula da sociedade e
fruto do amor.**

**A sexualidade como abertura à
vida.**

1







Mais que um sentimento, o amor **é uma**
decisão: envolve
as emoções, mas também a
razão e a vontade!



Mais que um sentimento, o amor é uma decisão: envolve
as **emoções**, mas
também a **razão** e a
vontade!









O que é a **família** ?



Fruto do amor,
a família é uma *célula*
da sociedade

Sociedade

Família









**O que é a
sexualidade?**

- Locução do manual multimédia
«A sexualidade, abertura à vida»

+ acerca da sexualidade

A OMS diz que:

- *É uma energia que nos motiva a procurar amor, contacto, intimidade.*
- **Manifesta-se no modo como nos sentimos, movemos, tocamos e somos tocados; é ser-se sensual e ao mesmo tempo sexual.**
- *Influencia os nossos sentimentos, ações e interações e contribui para a nossa saúde física e mental.*





É uma energia que nos motiva a procurar **amor, contacto, intimidade.**

Está presente nos sentimentos, nos sentidos, nas ações e nas interações

21



O Catecismo da Igreja Católica diz que

- Afeta todos os aspetos da pessoa humana na unidade do seu corpo e da sua alma.
- É o exercício da nossa afetividade, da nossa capacidade de amar e de procriar, e de criar laços de comunhão com outra pessoa.

22

Afeta todos os
aspectos da
pessoa humana



afetividade, capacidade
de amar procriar, criar
laços de comunhão com
outra pessoa

28

EM CONCLUSÃO...

29



O amor é querer o bem do outro

A família é a célula da sociedade e fruto do amor

A sexualidade é a nossa capacidade de abertura à vida

➤



Universidade Católica Portuguesa
Centro Regional de Braga
Faculdade de Teologia
Instituto Superior de Ciências Religiosas
Mestrado em Ciências Religiosas – Especialização: Educação Moral e Religiosa Católica

Agrupamento de Escolas Dr. Francisco Sanches
Ano Letivo 2011/2012
Prática de Ensino Supervisionada



ANEXO VI – PLANIFICAÇÃO DA AULA 3

Planificação de aula						
Unidade letiva: 1 – O amor humano	Ano: 8º	Turma: 6	Data: 27/01/2012	Tempo Previsto: 45 min.		
Aula nº 3/5	Sumário: A fecundidade ao serviço da pessoa e da sociedade: planeamento familiar e educação sexual.					
Competências específicas	1. Reconhecer, à luz da mensagem cristã, a dignidade da pessoa humana. 10. Mobilizar princípios e valores éticos para a orientação do comportamento em situações vitais do quotidiano.					
Operacionalização das competências	Conteúdos	Atividade/estratégias	Material	Tempo	Avaliação formativa	
Organizar um universo de valores fundado na liberdade responsável de cada pessoa e na dignidade humana. (Comp. 1) Mobilizar os valores da liberdade responsável, do amor e do respeito pelo outro para a orientação do comportamento sexual em situações do quotidiano. (Comp. 10)	<ul style="list-style-type: none">→ A família fruto do amor.→ A fecundidade sexual ao serviço da pessoa e da sociedade.→ Planeamento familiar: noção; paternidade/maternidade responsável.→ Uma educação sexual: não instrumentalização do ser humano.	<p>1. Acolhimento e Registo do Sumário da lição nº 18</p> <p>2.1. Síntese da aula passada: o que é o amor, o que é a família, o que é a sexualidade (diapositivo 2)</p> <p>2.2. Diálogo com os alunos a partir da pergunta: «Como se constrói a família?» (diapositivo 3)</p> <p>2.2.1. Registo no quadro das respostas dos alunos.</p> <p>2.3. Apresentação da noção de planeamento familiar (diapositivos 4-10)</p> <p>2.3.1. Diálogo com os alunos sobre a noção de planeamento familiar.</p> <p>2.4. Apresentação da noção de educação sexual (diapositivos 11-20) em diálogo com os alunos</p> <p>Síntese da aula pelos alunos (diapositivo 21) no caderno do aluno; planeamento familiar é... a fecundidade ao serviço da pessoa e da sociedade... necessidade da educação sexual.</p>	Caderno do aluno, quadro preto, giz. Computador, projetor, PPT (anexo 3), tela branca, quadro preto, giz, colunas de som, manual multimédia do professor.	5m 30m	Observação direta dos alunos; material; registo do sumário; interesse. Comportamento; interesse; curiosidade; exposição oral; espírito crítico.	interesse; curiosidade.
Interdisciplinaridade:						

Lição nº 18

*A fecundidade ao serviço
da pessoa e da
sociedade: planeamento
familiar e educação
sexual.*



O amor é querer o bem
do outro

A família é a célula da
sociedade e fruto do amor



A sexualidade é a nossa
capacidade de abertura à vida






Mesmo numa
«gravidez indesejada»
os filhos nunca
podem ser fruto do acaso,
nem do egoísmo!

Vários métodos,
que o casal tem de conhecer,
ajudam a que a gravidez seja
o fruto de um amor
maduro,
fecundo
e aberto à vida!



A ajuda e
aconselhamento
médicos são
fundamentais



Mas **não** substitui
o diálogo entre o casal,
pois são eles os responsáveis
pela **vida**: deles e dos filhos

Educar a sexualidade



É
amar
a
VIDA.

Educar a sexualidade



É respeitar e
respeitar-se.

**Educar a
sexualidade**



**Viver tranquilamente
e sem angústias.**

Educar a sexualidade



**Procurar
informação
adequada para um
esclarecimento
desejado.**



A responsabilidade
acompanha as decisões:



Nenhum método de
planeamento familiar é,
por si só, 100% eficaz.



Não somos instrumentos
ao serviço do **egoísmo**



A VIDA
é 100%
um
dom.

Para completar:

- 1. O planeamento familiar é...*
- 2. A fecundidade deve estar ao serviço da pessoa e da sociedade...*
- 3. A educação sexual é necessária porque...*



ANEXO VIII – PLANIFICAÇÃO DA AULA 4

Planificação de aula						
Unidade letiva: 1 – O amor humano	Ano: 8º	Turma: 6	Data: 03/02/2012	Tempo Previsto: 45 min.		
Aula nº 4/5						
Sumário: <i>O amor na Bíblia.</i>						
Competências específicas						
1. Reconhecer, à luz da mensagem cristã, a dignidade da pessoa humana. 24. Reconhecer as implicações da mensagem cristã nas práticas de vida quotidiana.						
Operacionalização das competências	Conteúdos	Atividade/estratégias	Material	Tempo	Avaliação formativa	
Organizar um universo de valores fundado na liberdade responsável de cada pessoa e na dignidade humana. (Comp. 1)	→ Amor humano, imagem do amor de Deus: Ct 8, 6-7	1. Acolhimento e Registo do Sumário da lição nº 19 2.1. Síntese da aula passada: planejar a família e educar a sexualidade (diapositivo 2-3) 2.2. Diálogo com os alunos a partir da pergunta: «o que diz a Bíblia sobre o amor?» (diapositivo 3) 2.3. apresentação da estrutura da Bíblia e da citação de um livro (diapositivos 5-8) 2.4. distribuição do documento 2: «o amor na Bíblia» 2.4.1 leitura do documento 2 (diapositivos 9-11) 2.4.2. análise com os alunos sobre os textos lidos (diapositivos 12-29) 2.5. Apresentação das conclusões da análise (diapositivos 30-38) em diálogo com os alunos.	Caderno do aluno, quadro preto, giz.	5m	Observação direta dos alunos; material; registo do sumário; interesse.	
	→ O amor cristão, abertura à relação com Deus : 1 Cor 13					Computador, projetor, PPT (anexo 4), tela branca, quadro preto, giz, colunas de som, Bíblia, cópias do documento 2.
	→ Fecundidade como bênção de Deus e os filhos como dádiva	Síntese da aula pelos alunos (diapositivo 39) no caderno do aluno:	Computador, projetor, PPT (anexo 2), tela branca e caderno do aluno.	10m	interesse; curiosidade.	

ANEXO IX – DOCUMENTO 2 – O AMOR NA BÍBLIA

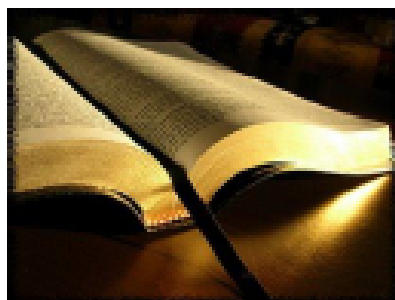


MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO E CIÊNCIA

Agrupamento de Escolas Dr. Francisco Sanches
EB 2/3 Dr. Francisco Sanches



Documento 2 – O amor na Bíblia



8 ⁶ Grava-me como um selo em teu coração, como selo no teu braço, porque forte como a morte é o amor; implacável como o abismo é a paixão; os seus ardores são chamas de fogo, são labaredas divinas.

⁷ Nem as águas caudalosas conseguirão apagar o fogo do amor, nem as torrentes o podem submergir.

Se alguém desse toda a riqueza da sua casa para comprar o amor, seria ainda tratado com desprezo.

Ct 8, 6-7

13 ¹ Ainda que eu fale as línguas dos homens e dos anjos, se não tiver amor, sou como um bronze que soa ou um címbalo que retine.

² Ainda que eu tenha o dom da profecia e conheça todos os mistérios e toda a ciência, ainda que eu tenha tão grande fé que transporte montanhas, se não tiver amor, nada sou.

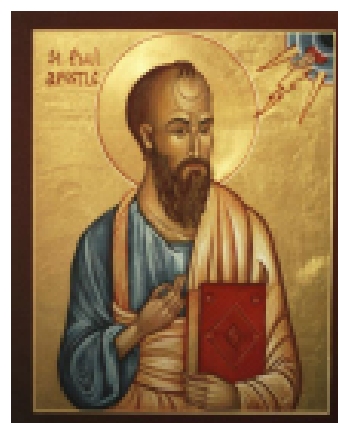
³ Ainda que eu distribua todos os meus bens e entregue o meu corpo para ser queimado, se não tiver amor, de nada me aproveita.

⁴ O amor é paciente, o amor é prestável, não é invejoso, não é arrogante nem orgulhoso, ⁵ nada faz de inconveniente, não procura o seu próprio interesse, não se irrita nem guarda ressentimento. ⁶ Não se alegra com a injustiça, mas rejubila com a verdade. ⁷ Tudo desculpa, tudo crê, tudo espera, tudo suporta.

⁸ O amor jamais passará. As profecias terão o seu fim, o dom das línguas terminará e a ciência vai ser inútil. ⁹ Pois o nosso conhecimento é imperfeito e também imperfeita é a nossa profecia. ¹⁰ Mas, quando vier o que é perfeito, o que é imperfeito desaparecerá. ¹¹ Quando eu era criança, falava como criança, pensava como criança, raciocinava como criança. Mas, quando me tornei homem, deixei o que era próprio de criança. ¹² Agora, vemos como num espelho, de maneira confusa; depois, veremos face a face. Agora, conheço de modo imperfeito; depois, conhecerei como sou conhecido.

¹³ Agora permanecem estas três coisas: a fé, a esperança e o amor; mas a maior de todas é o amor.

1 Cor 13



Lição nº 19

O amor na Bíblia.

1

recapitulando:

O planejamento familiar é...

planejar responsavelmente o ser pai e mãe, gerando filhos frutos do amor, colocando assim a fecundidade ao serviço da pessoa e da sociedade.

recapitulando:

*A educação sexual é necessária
para...*

*não sermos pessoas ao serviço do
egoísmo, mas vivermos
corretamente a nossa sexualidade.*



[A recordar...]

Bíblia

Conjunto de **73** livros, dividida em duas partes

46 **AT** **27** **NT**

5

Bíblia

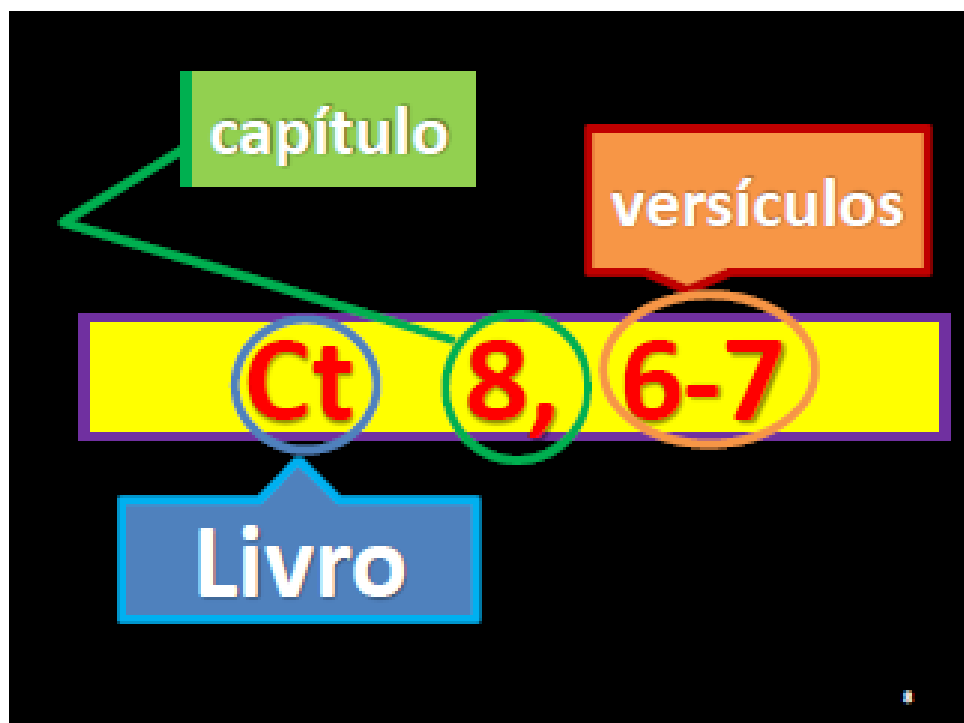
46 **AT**

LEI

PROFETAS

ESCRITOS

5



Documento 2



AT: Escritos

**Cântico
dos Cânticos**

8, 6 Grava-me como um selo em teu coração, como selo no teu braço, porque forte como a morte é o amor; implacável como o abismo é a paixão; os seus ardores são chamas de fogo, são labaredas divinas.

7 Nem as águas caudalosas conseguirão apagar o fogo do amor, nem as torrentes o podem submergir.

Se alguém desse toda a riqueza da sua casa para comprar o amor, seria ainda tratado com desprezo.

1 Cor

NT: Cartas de S. Paulo



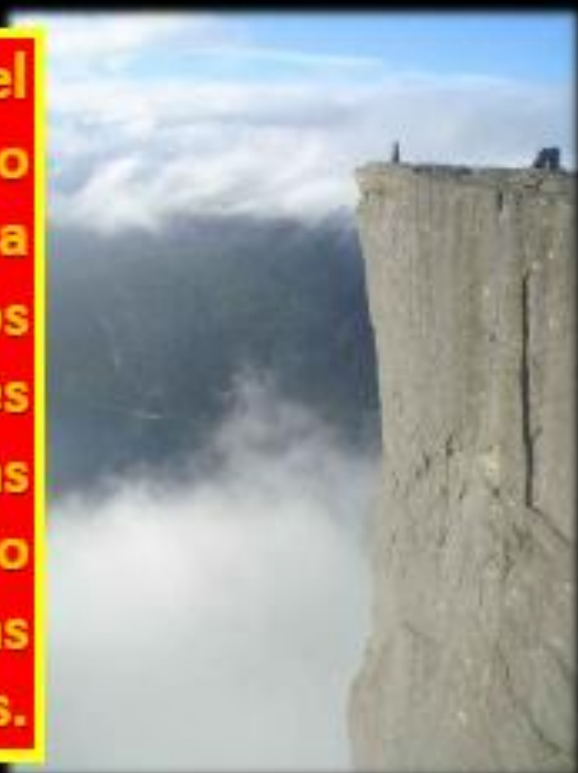
13 ¹Ainda que eu fale as línguas dos homens e dos anjos, se não tiver amor, sou como um bronze que soa ou um címbalo que retine. ²Ainda que eu tenha o dom da profecia e conheça todos os mistérios e toda a ciência, ainda que eu tenha tão grande fé que transporte montanhas, se não tiver amor, nada sou. ³Ainda que eu distribua todos os meus bens e entregue o meu corpo para ser queimado, se não tiver amor, de nada me aproveita. ⁴O amor é paciente, o amor é prestável, não é invejoso, não é arrogante nem orgulhoso, ⁵nada faz de inconveniente, não procura o seu próprio interesse, não se irrita nem guarda ressentimento. ⁶Não se alegra com a injustiça, mas rejubila com a verdade. ⁷Tudo desculpa, tudo crê, tudo espera, tudo suporta. ⁸O amor jamais passará. As profecias terão o seu fim, o dom das línguas terminará e a ciência vai ser inútil. ⁹Pois o nosso conhecimento é imperfeito e também imperfeita é a nossa profecia. ¹⁰Mas, quando vier o que é perfeito, o que é imperfeito desaparecerá. ¹¹Quando eu era criança, falava como criança, pensava como criança, raciocinava como criança. Mas, quando me tornei homem, deixei o que era próprio de criança. ¹²Agora, vemos como num espelho, de maneira confusa; depois, veremos face a face. Agora, conheço de modo imperfeito; depois, conhecerei como sou conhecido. ¹³Agora permanecem estas três coisas: a fé, a esperança e o amor; mas a maior de todas é o amor.

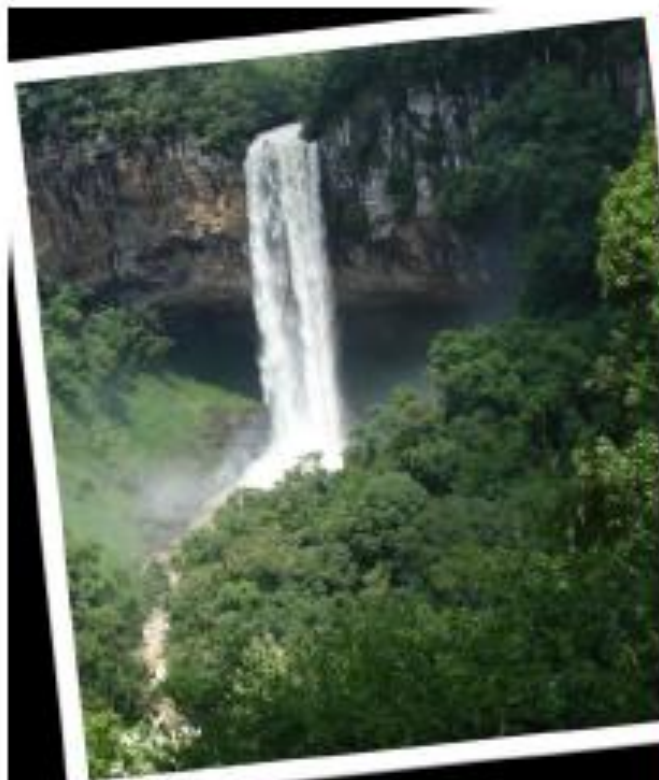




Grava-me
como um selo
em teu
coração,
como selo no
teu braço,
porque forte
como a morte
é o amor;

**implacável
como o
abismo é a
paixão; os
seus ardores
são chamas
de fogo, são
labaredas
divinas.**

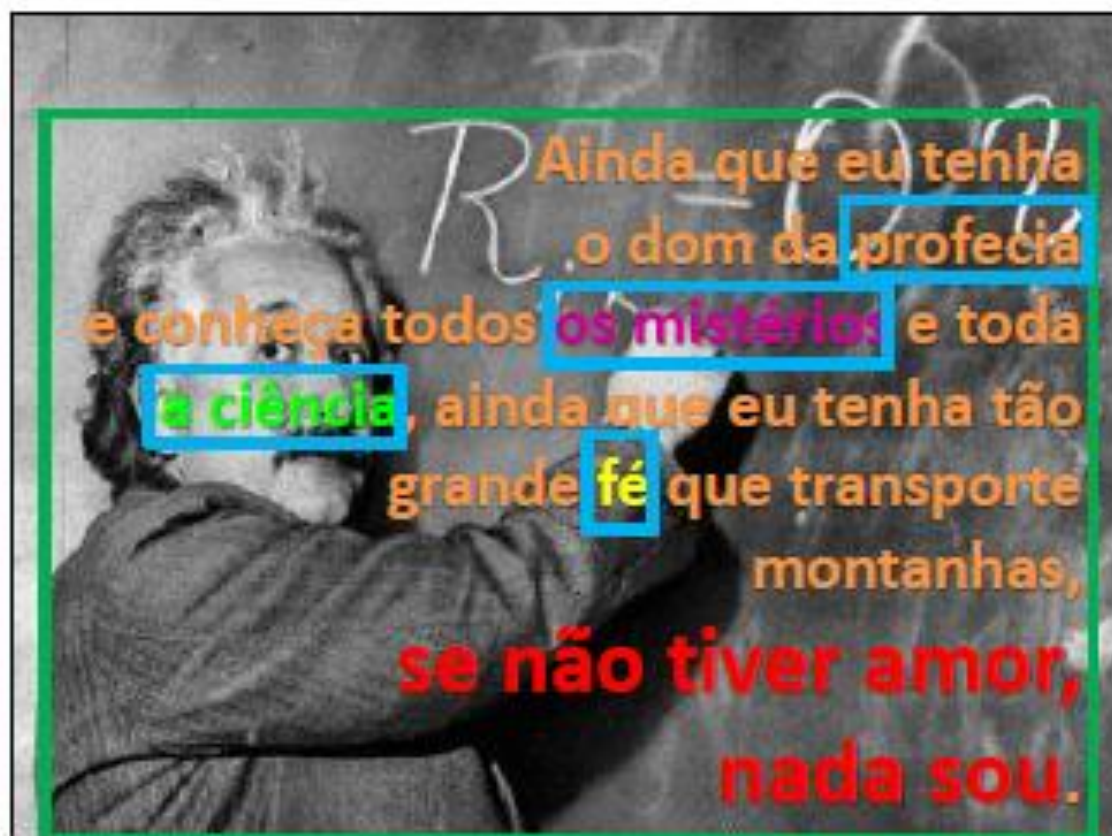


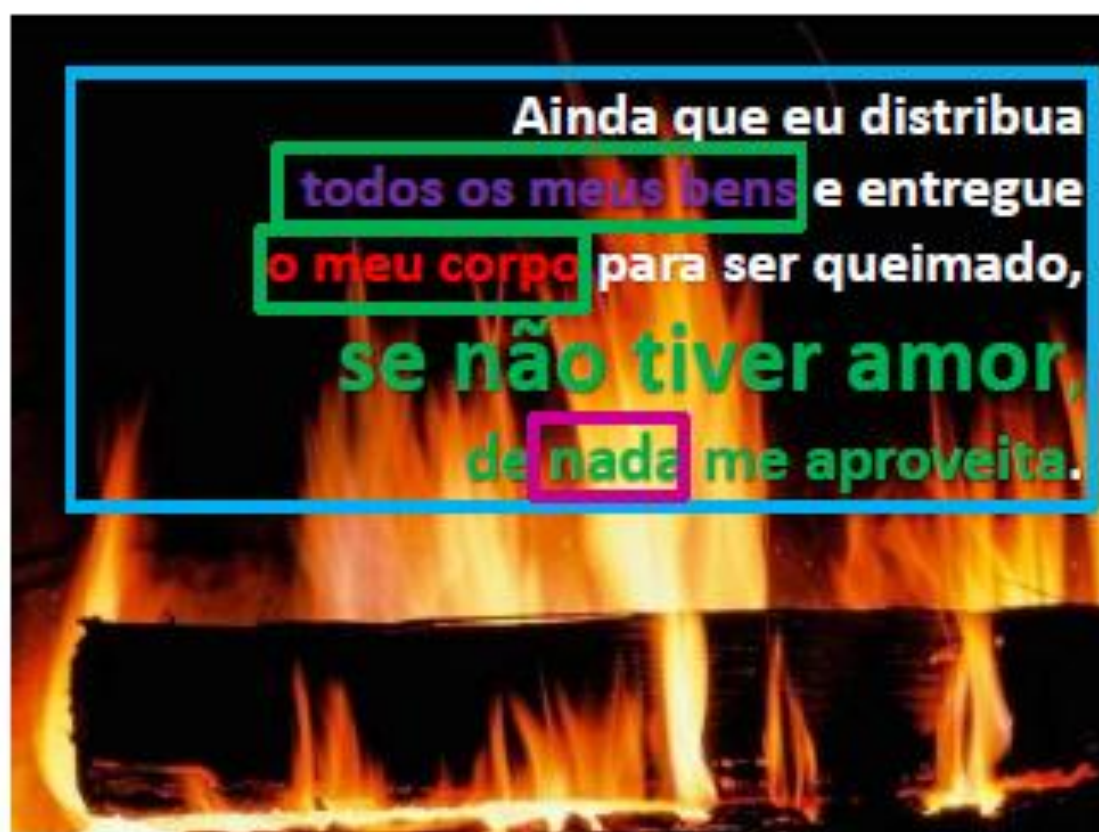


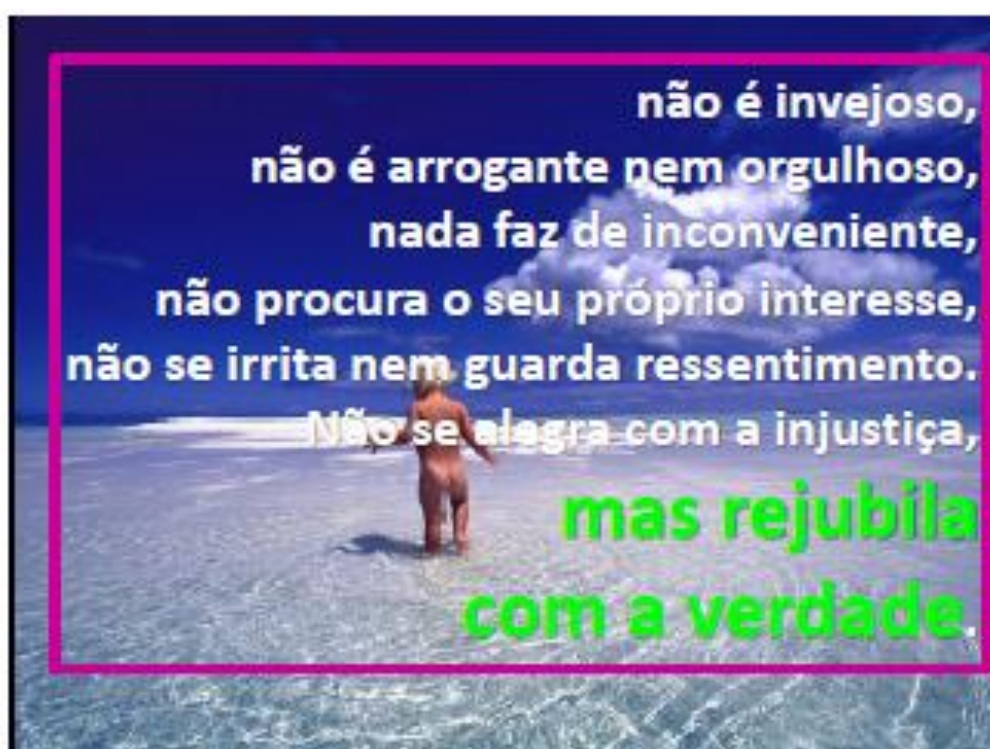
**Nem as
águas
caudalosas
conseguirão
apagar o
fogo do
amor,
nem as
torrentes o
podem
submergir.**

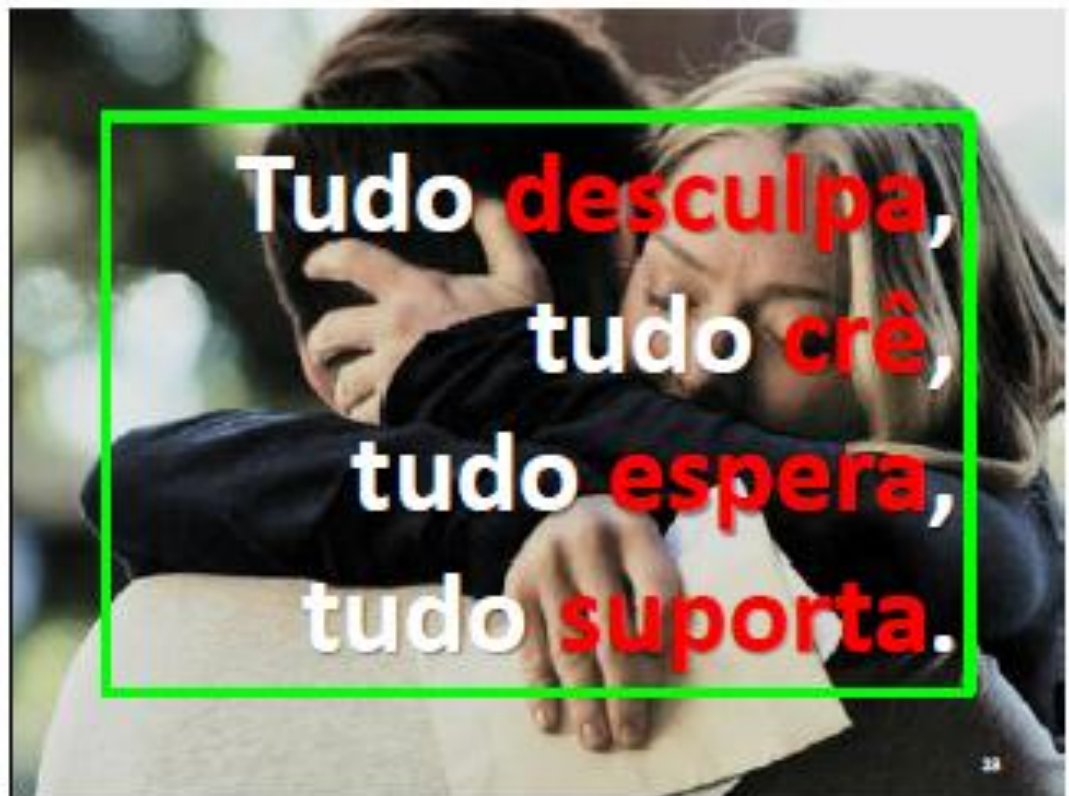
**Se alguém
desse toda a
riqueza da
sua casa para
comprar o
amor, seria
ainda
tratado com
desprezo.**

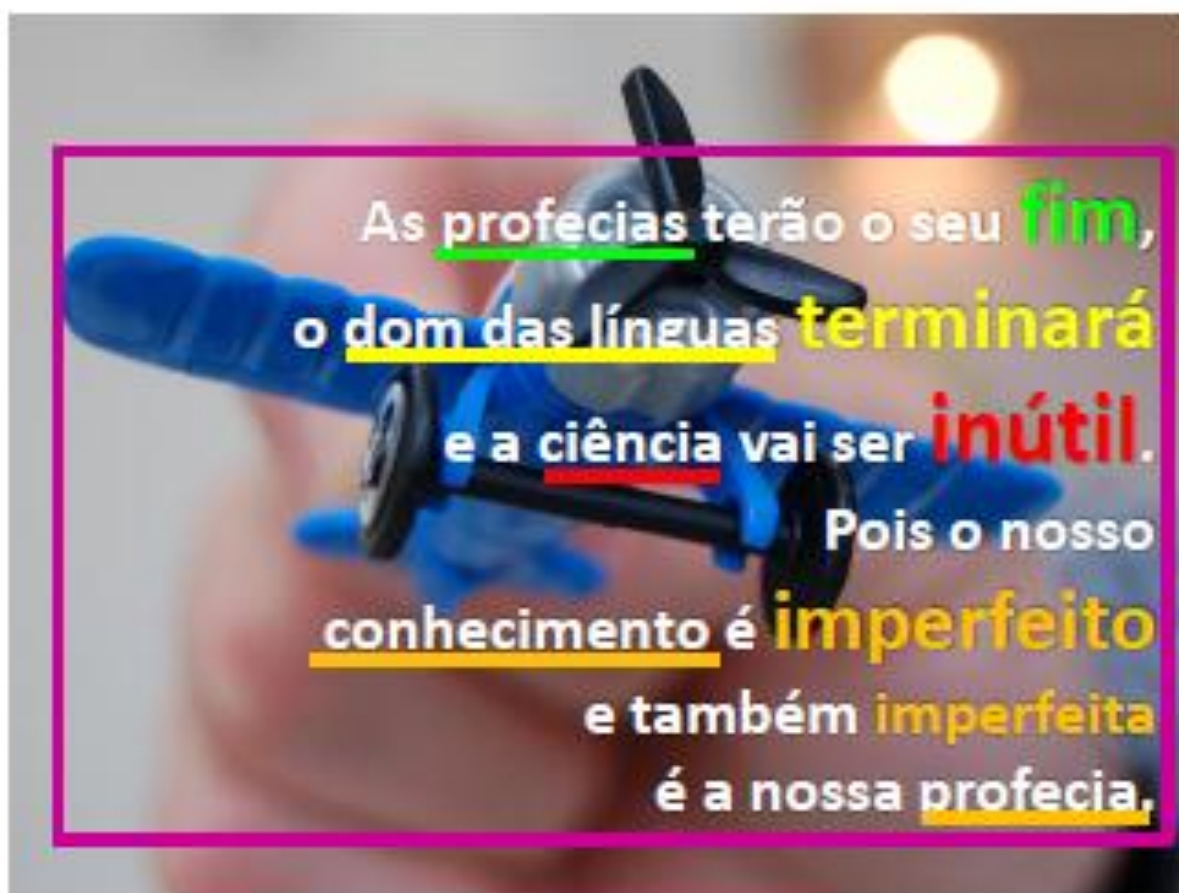




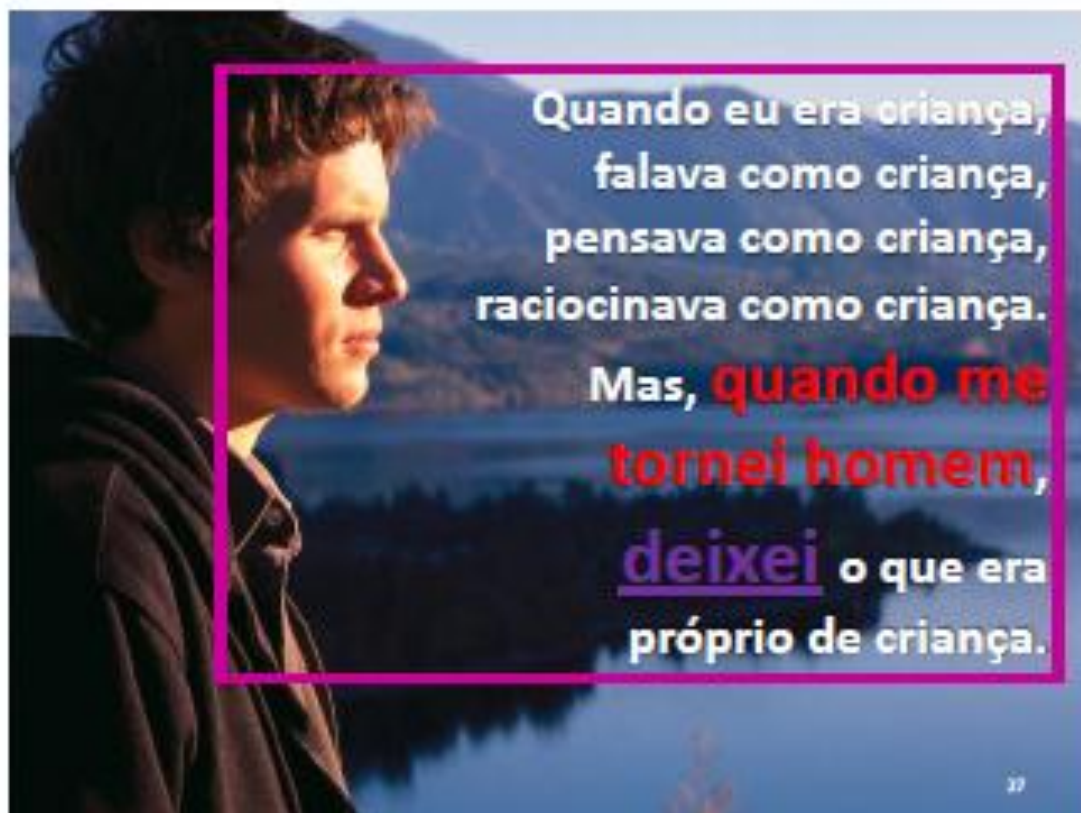








**Mas, quando vier o
que é **perfeito**,
o que é imperfeito
desaparecerá.**







O Povo Bíblico
descobriu no
amor humano
uma **imagem**
do amor de
Deus por si.



Imagem =
Deus ama o
seu povo
com um
amor
profundo



O amor,
entendido à
maneira de Jesus
Cristo, também é
lugar de encontro
com Deus.



Amar como Jesus
amou = amar
também
aqueles de
quem não
gostamos
tanto



Amar torna-se
numa **atitude**
fundamental,
porque ao **amar**
os outros, o
crente está também
a **amar a Deus**

11



Imagem = **amar o**
Criador amando o
ser humano, sua
imagem e
semelhança, e
respeitando a
criação.

12



A Bíblia identifica
a **atitude**
fundamental de
Deus em relação
ao **ser humano**:

AMOR

17



A Bíblia identifica a
atitude
fundamental do
ser humano em
relação a **Deus**:

AMOR

18

Para concluir...

Escolhe a frase do documento 2

que mais gostaste e faz um

pequeno comentário no teu

caderno.



Universidade Católica Portuguesa
 Centro Regional de Braga
 Faculdade de Teologia
 Instituto Superior de Ciências Religiosas
 Mestrado em Ciências Religiosas – Especialização: Educação Moral e Religiosa Católica



Agrupamento de Escolas Dr. Francisco Sanches
 Ano Letivo 2011/2012
 Prática de Ensino Supervisionada

Planificação de aula					
Unidade letiva:	Ano:	Turma:	Data:	Tempo Previsto:	
1 – O amor humano	8º	6	03/02/2012	45 min.	
Aula nº 5/5	Sumário: Desafios para a vivência do amor.				
Competências específicas	24. Reconhecer as implicações da mensagem cristã nas práticas de vida quotidiana. 9. Organizar um universo coerente de valores, a partir de um quadro de interpretação ética humanista e cristã.				
Operacionalização das competências	Conteúdos	Atividade/estratégias	Material	Tempo	Avaliação formativa
Reconhecer as implicações da mensagem bíblica sobre o valor do amor na vida quotidiana. (Comp. 24)	→ Deus, presente no amor humano: fecundidade como bênção de Deus e os filhos como dádiva	1. Acolhimento e Registo do Sumário da lição nº 20.	Caderno do aluno, quadro preto, giz.	5m	Observação direta dos alunos; material; registo do sumário; interesse.
Organizar um quadro de valores sobre o amor, a partir de um quadro de interpretação ética humanista e cristã (Comp. 9)	→ A família humana, ligada pelo amor	2. 1. Síntese da aula anterior através do TPC: o amor na Bíblia (diapositivo 2) 2. 2. Apresentação de conteúdos pelo professor com recurso ao PPT 2. 3. Diálogo com os alunos a propósito das conclusões apresentadas.	Computador, projetor, PPT (anexo 5), tela branca.	20m	TPC; comportamento; interesse; curiosidade; exposição oral; espírito crítico.
	→ Desafios à vivência responsável do amor	Síntese da UL pelos alunos através da resolução do exercício do MM «Valores do amor».	Computador, projetor, Manual Multimédia do Professor, tela branca e caderno do aluno.	20m	Interesse; curiosidade; capacidade de síntese e compreensão dos conteúdos.
Interdisciplinaridade:					

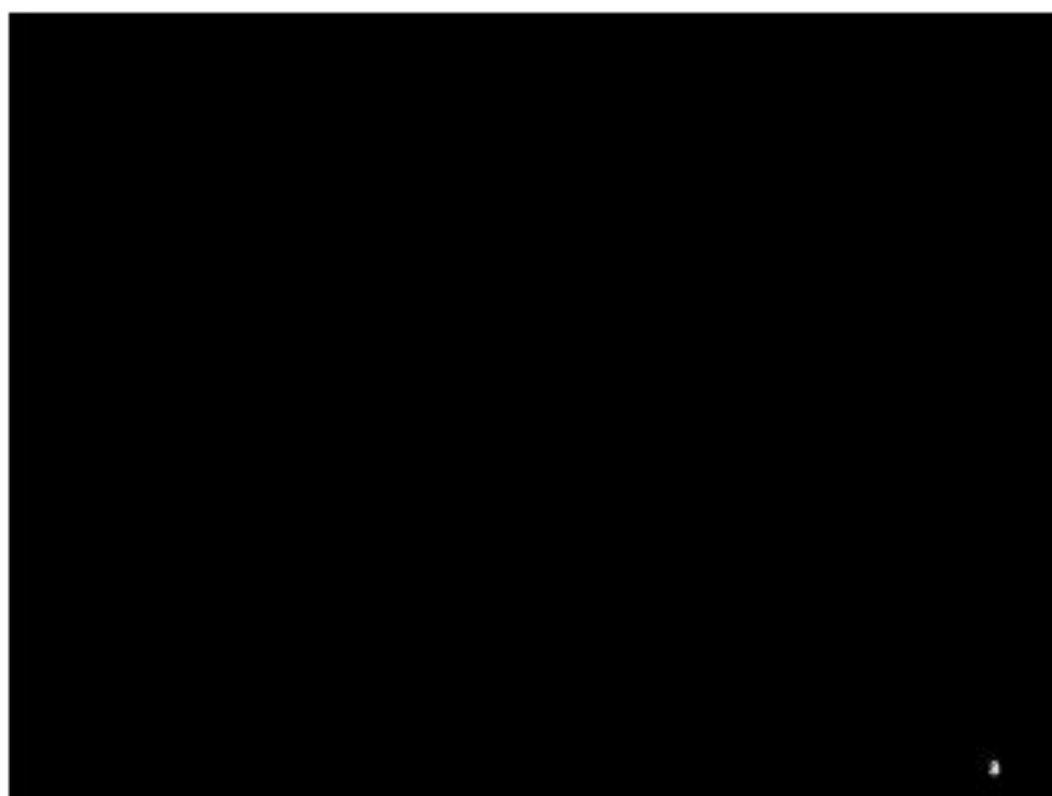
Lição nº 20

*Desafios para a
vivência do
amor.*

1



2





Os filhos são vistos como
fruto do cumprimento da
promessa de Deus:
« **Dar-te-ei**
uma
descendência
numerosa »

5



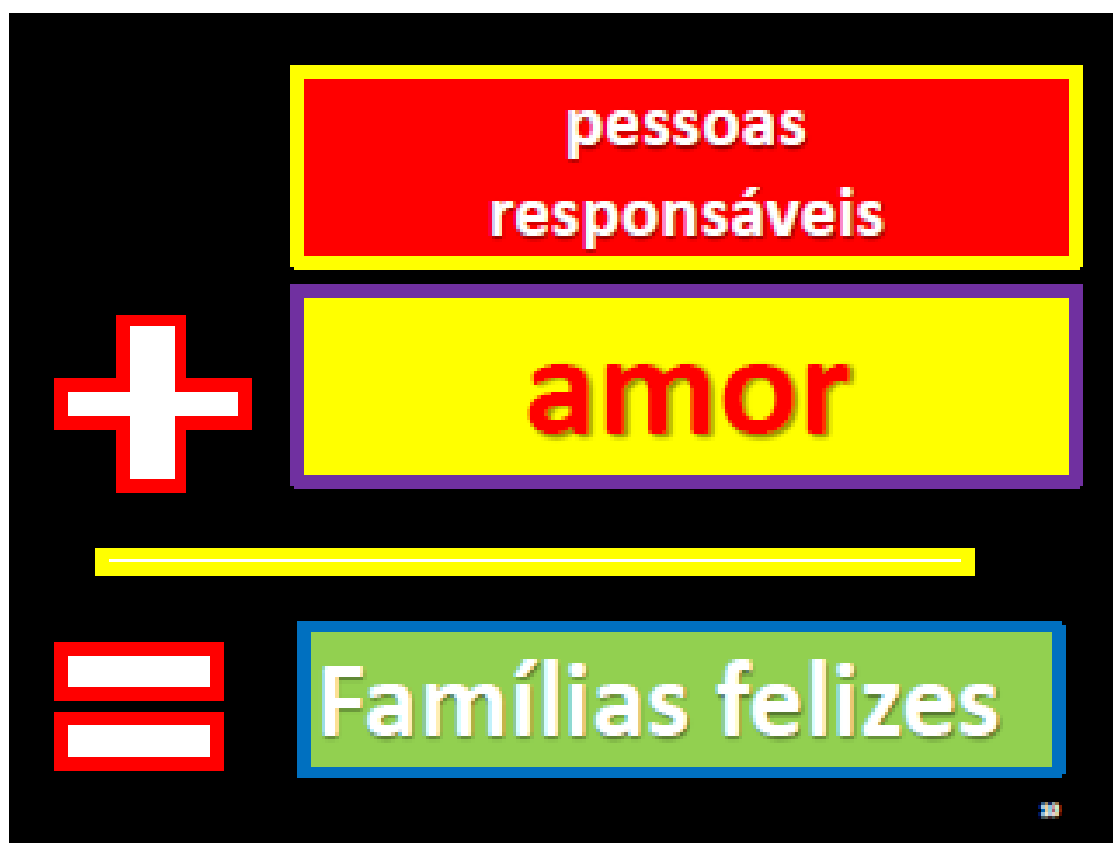
Através dos
filhos continua
também a
história não
apenas da
família, mas de
todo o **povo**.

6

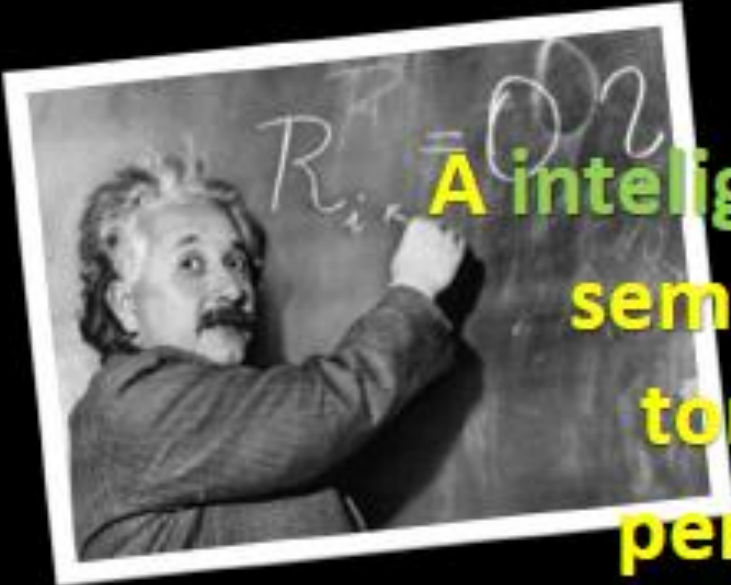


Apesar das diferenças
pessoais, culturais,
geográficas...

....o **amor** é a
linguagem universal que
todos entendemos







A black and white photograph of Albert Einstein, with his characteristic wild hair and mustache, is shown from the chest up. He is wearing a dark jacket and is pointing with his right hand towards a chalkboard. On the chalkboard, the equation $R_{ik} = 0$ is written in white chalk. The photograph is tilted slightly to the right.

**A inteligência
sem amor
torna-te
perverso**

33



A photograph showing a woman with blonde hair hugging a man from behind. The man is wearing a dark jacket and is holding a large, light-colored envelope or document. The woman is also wearing a dark jacket and has her arms around the man's shoulders. The background is blurred, suggesting an outdoor setting.

**A justiça
sem amor
faz-te
implacável**

34



A
diplomacia
sem amor
torna-te
hipócrita

25



O êxito
sem amor
faz-te
arrogante

26

**A riqueza
sem amor
faz-te
avarento**



17

**A docilidade
sem amor
faz-te servil**



18

**A beleza sem amor
faz-te ridículo**



29

**A autoridade
sem amor
torna-te
tirano**



30



**A simplicidade
sem amor
deprecia-te**

21



**A lei sem
amor
torna-te
escravo**

22



A **política**
sem amor
faz-te
prepotente

29



A **fé** sem
amor
torna-te
fanático











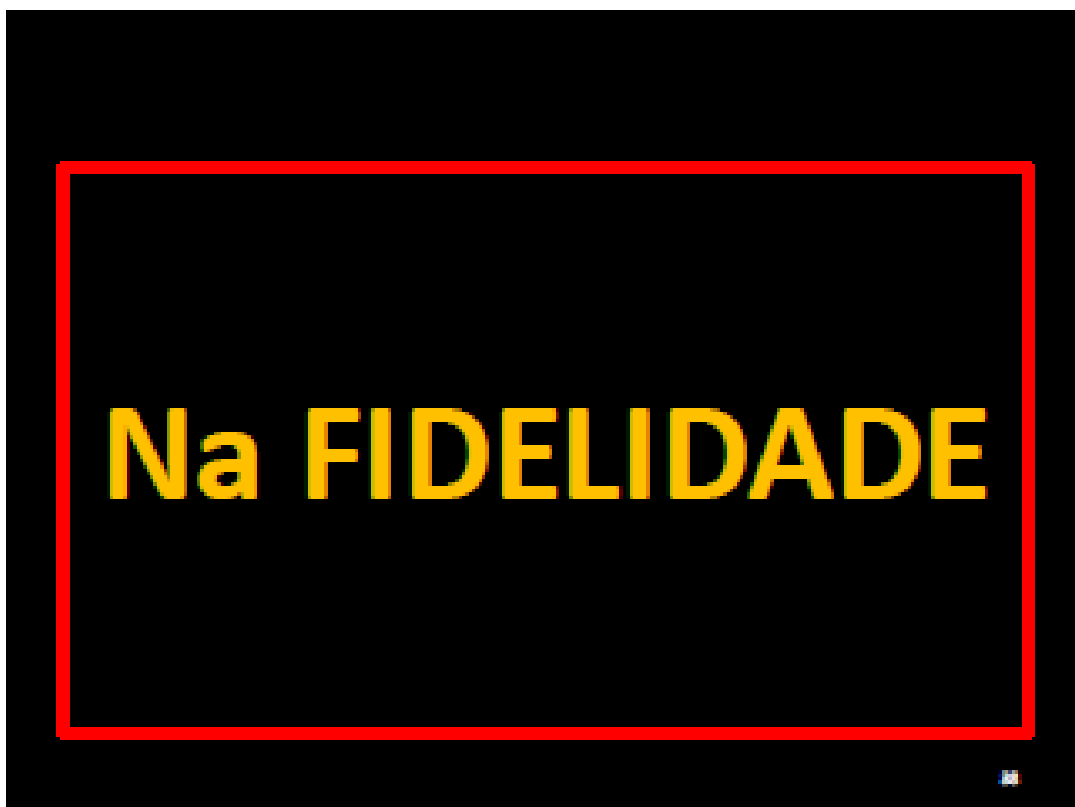
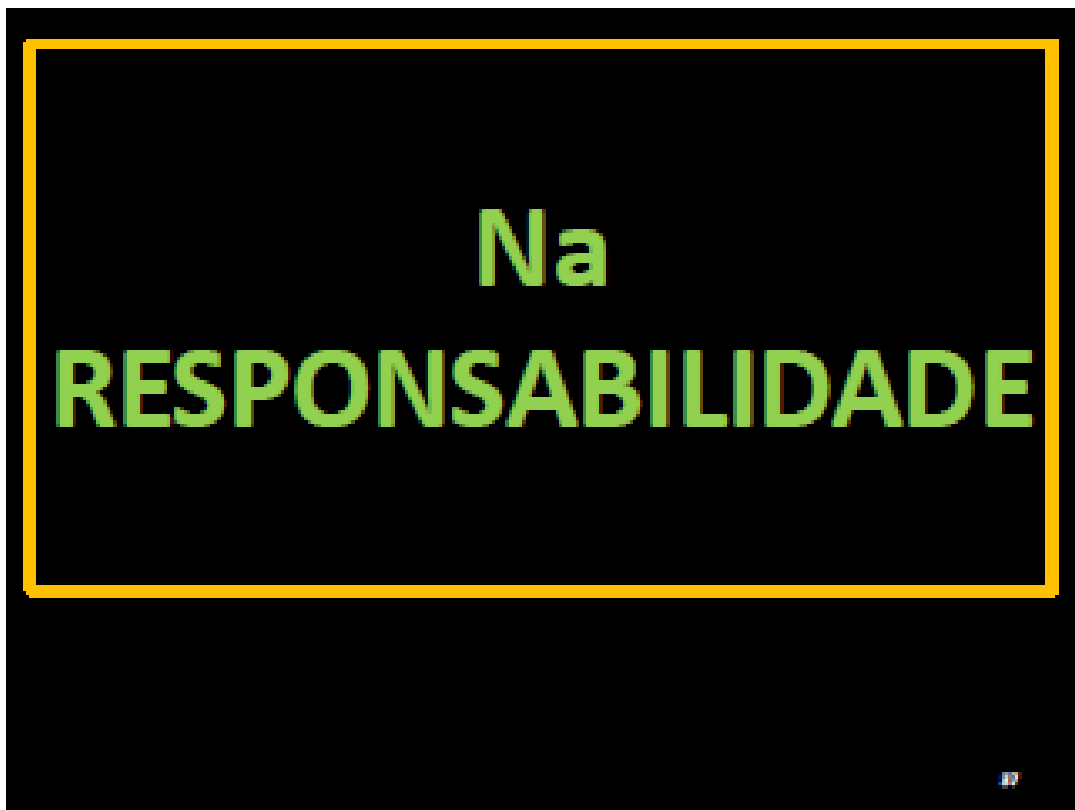


**Realizar a
vocação humana
de **comunhão****

25

**Na
CONFIANÇA**

26





**E que este
amor é, em
nós, SINAL**